

REVISTA

DA

ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS

SUMÁRIO

CARVALHO NETO	Alfredo Montes	7
HEITOR P. FRÓES, Epigramistas Anglo-Americanos e Brasileiros		25
GARCIA MORENO	Pequenos discursos	41
J. PIRES WYNNE	Mundo	54
	Quadro	55
	Canção do Universo	56
H. P. FRÓES, Recepção de J. Magalhães Carneiro na		
	Academia de Letras da Bahia	58
MAGALHÃES CARNEIRO, Palestra na Academia de		
	Letras da Bahia	64
EPIFÂNIO DÓRIA	A Memória Paterna	73
	Ressurge Itália	74
	Quadrinhas Despretenciosas	75
MARCOS FERREIRA, Recepção do acadêmico Luiz		
	Pereira de Melo	78
LUIZ PEREIRA DE MELO	Discurso de Posse	94
DAMIÃO MENDONÇA	Sombra Temerosa	119
HUNALD CARDOSO, Homenagem ao Professor Brício Cardoso		122
MANOELITO CAMPOS	Vida de Interior	177
VIANA MOOG	O Balcão Caldas Junior	179
DOMINGOS FONSECA	Religião e Pátria	184
J. A. NUNES MENDONÇA, Whitman, Poeta Universal da América		191
CARVALHO NETO	Um trabalho Notavel	213
Resumo das Atas de 1944 e 1945		216

DIRETORIA DA ACADEMIA SERGIPANA
DE LETRAS

1945 — 1947

Presidente — CARVALHO NETO

Vice-Presidente — MAGALHÃES CARNEIRO

Secretário Geral — MÁRIO CABRAL

1.º Secretário — JOSÉ AUGUSTO

2.º Secretário — ZÓZIMO LIMA

Tesoureiro — EPIFÂNIO DÓRIA

Bibliotecário — FREIRE RIBEIRO

FRANKLIN DELANO ROOSEVELT

PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS

WINSTON SPENCER CHURCHILL

PRIMEIRO MINISTRO DO GOVERNO BRITÂNICO

(14 de Agosto de 1941)

Mais uma vitória, prêmio de um grande esforço.

Tantos têm sido os fatores de perturbações no ritmo das letras, nestes últimos e tumultuados tempos em Sergipe, que já não existe quasi um oasis viridente e perfumado para as mansões tranquilas do sonho, da poesia, das puras lucubrações espirituais.

Esta Revista é bem uma nova tentativa para que se não apague essa vacillante chama de ideal, numa terra onde o pensamento tem sido a sua alta e marcante distinção no Brasil.

Com o número de hoje cabe a oportunidade, em suas primeiras páginas, para uma homenagem a dois grandes vultos da humanidade, aqueles que souberam guiar, com a sua inabalável fé democrática, o triunfo da civilização contra a barbárie totalitária.

Roosevelt e Churchill são o símbolo dessa glória mundial.

E nenhum documento com mais irradiante brilho os projeta na História do que **A Carta do Atlântico**, cujos princípios vão transcritos, como preito de nosso reconhecimento e gratidão de brasileiros :

PRIMEIRO — Os seus respectivos países não procuram nenhum engrandecimento, nem territorial nem de outra natureza;

SEGUNDO — Não desejam que se realizem modificações territoriais que não estejam de acôrdo com os desejos livremente exprimidos pelos povos atingidos ;

TERCEIRO — Respeitam o direito que assiste a todos os povos de escolher a forma de govêrno sob a qual querem viver ; e desejam que se restitua os direitos soberanos e a independência aos povos que dêles foram despojados pela força ;

QUARTO — Com o devido respeito às suas obrigações já existentes, se empenharão para que todos os estados, grandes ou pequenos, vitoriosos ou vencidos, tenham acesso em igualdade de condições ao comércio e às matérias primas do mundo de que precisem para a sua prosperidade econômica ;

QUINTO — Desejam promover, no campo da economia, a mais ampla colaboração entre todas as nações com o fim de conseguir, para todos, melhores condições de trabalho, prosperidade econômica, e segurança social;

SEXTO — Depois da destruição completa da tirania nazista, esperam que se estabeleça uma paz que proporcione a todas as nações os meios de viver em segurança dentro de suas próprias fronteiras, e aos homens em todas as terras a garantia de existências livres de temor e de privação;

SÉTIMO — Essa paz deverá permitir a todos os homens cruzar livremente os mares e oceanos;

OITAVO — Acreditam que todas as nações do mundo, por motivos realistas assim como espirituais, deverão abandonar todo o emprêgo da força. Em razão de ser impossível qualquer paz futura permanente, enquanto nações que ameaçam de agressão fora de suas fronteiras — ou podem ameaçar — dispõem de armamentos de terra, mar e ar, acreditam que é imprescindível que se desarmem tais nações, até que se estabeleça um sistema mais amplo e duradouro de segurança geral. Eles igualmente prestarão todo auxílio e apôio a medidas práticas tendentes a aliviar o pêso esmagador dos armamentos sôbre povos pacíficos.

Franklin D. Roosevelt

Winston S. Churchill

ALFREDO MONTES

(Grande Educador)

CARVALHO NETO(*)

Em meio ao tumultar crescente de sucessos políticos de funda repercussão na estrutura do Império, vingava o Brasil o seu climax de lutas partidárias, lá para os idos do Segundo Gabinete do Marquês do Paraná.

Como que, extenuados de rudes pelejas sucessivas, por longos anos feridas derredor do Poder, celebravam liberais e conservadores, tacitamente, um armistício promissor.

Mais tarde seria Torres Homem quem havia de definir o transcurso dessa situação de tréguas e transição, no entalhe de uma síntese incisiva: "Entre a decadência dos partidos velhos que acabaram o seu tempo e os partidos novos a quem o porvir pertence, virá assim interpor-se uma época sem fisionomia, sem emoções, sem crenças, mas que terá a vantagem de romper a continuidade da cadeia de tradições funestas e de favorecer pela sua calma e pelo seu silêncio o trabalho de reorganização administrativa e industrial do país".

(*) Conferência pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe no dia 1.º de Setembro de 1945, por ocasião de ser aposto, no salão nobre do seu palácio, o retrato a óleo do grande educador sergipano.

Não refoge às conclusões de Timandro o paradoxo de sua adversativa. Do mesmo passo que se lhe afigura sem emoções e sem crenças a fisionomia dessa época, reconhece-lhe, no mesmo conteúdo, que, pela sua calma e pelo seu silêncio, fôra propícia ao trabalho interior de reorganização administrativa e industrial do país.

Só isto fôra o bastante para assinalar uma época, no ápice do evoluer político do Estado brasileiro, nesse tracto de tempo.

De feito, êsse “ponto culminante do Império”, no dizer pinturesco de Euclides da Cunha, iria permitir ao novo governo ministerial enfeixar “as energias do passado” e desencadear “as do futuro”.

Dessa transmutação, de que seria fulcro o Gabinete Paraná, com o seu avisado programa de “conciliação dos partidos”, em que Araujo Lima, excogitando-lhe as origens, via refletir-se um “pensamento augusto”, haviam de beneficiar-se amplamente as províncias, até as menos influentes nos destinos da Pátria.

Por isso mesmo, bem se fadára a Sergipe, nesse passo decisivo, reais proveitos colher do segundo reinado, serenadas, pelo clima da política apaziguadora que se iniciára, as paixões infrenes da Província.

E de logo inflexão decisiva e benéfica torcera, de chofre, os rumos de sua história.

Tanto vale, às vezes, na vida dos povos, a vida de um homem. É que, em 1853, após uma longa série de presidentes e vice-presidentes desarraigados da terra — ilustres alguns, medíocres na maioria, desinteressados quase todos —, chegava a S. Cristóvão, capital da província desde a lei de 8 de abril de 1823, o presidente Dr. Inácio Joaquim Barbosa. E mercê daquela política de conciliação, irradiada do centro para a periferia, alcançando os partidos nos seus mais longínquos e irreductíveis redutos, é bem possível que ao seu governo se propiciasse o ambiente de paz e confiança, que, ao depois, êle havia de acentuar nas suas falas oficiais.

Em verdade, segundo as crônicas do tempo, camondongos, rapinas, ou luzias, que, habitualmente, traziam agitada a opinião pública local — mais prêsa à sorte efêmera dos partidos, do que à

vitória construtiva de seus programas e ideologias — se de todo não ensarilharam armas, ao menos atenuavam os atritos e prevenções...

Veio daí que, num golpe de audácia, em breves trâmites legislativos, de interstícios encurtados, e fóra da séde governamental, foi levada a termo a Resolução N. 413, de 17 de Março de 1855, mudando de S. Cristóvão para Aracaju a capital da Província.

*
* *

Não valeram protestos. Nem milagres, também.

De homens a homens, o Govêrno Imperial considerou o fato consumado. De Santo a Santo, a palma da vitória coube a Santo Antônio, primeiro viajor destas paragens, que vencêra a S. Cristóvão nessa pugna suave e benfazeja, que não custára sangue, nem remorso, aos sergipanos.

Somente João-Bebe-Agua — aquele humilde irredento do ideal cívico — não desertára do seu posto de luta fracassada. A milícia que organizara, num lance de civismo incompreendido, desmobilizára tranquilamente, como num sonho bom...

O vigário Barroso, a palavra oracular, cedêra no combate. E Frei Santa-Cecilia cantava hinos à vitória da causa de Inácio Barbosa:

“Voará sempre faustoso
O nome do presidente,
Que nos fez um povo grande
No Brasil independente”.

.....

E foi assim que dos relêvos verdejantes e graciosos, que bordejam o Paramopama, marcando nas encostas escarpadas a tradição gloriosa de recontros contra o indigena, ou o estrangeiro; e foi assim que dos Conventos ancestrais, de estrutura massiça que

desafia os séculos, e em cujas naves austeras se celebrava o culto de Deus e se tributavam honras aos representantes do Estado; e foi assim, numa transmutação rápida de cenários, que a Capital desceu da montanha para a planície dos “cajueiros dos papagaios...”

E foi assim que entre areais infirmes de dunas alvejantes, na planura aluvial ganglionada de lagôas e rasgada de riachos, derivantes entre o estuário do Sergipe e a estagnação marasmática do Poxim, que Aracaju nasceu para o seu glorioso destino...

*
* *

Ora, srs., o homem se plasma sob a influência da natureza. É-lhe a personalidade uma resultante de fatores bio-físico-sociais.

A êsse tempo Alfredo de Siqueira Montes residia em São Cristóvão, alvorando-lhe o espírito nos ensinamentos de Graciliano Aristides do Prado Pimentel, um culto e verdadeiro mestre.

Tendo nascido em Socôrro, em 1848, respirando os bálsamos agrestes de um sítio plantado no dorso das colinas, foi-lhe a condição paterna o imperativo da mudança. E isto lhe marcou, definitivamente, a parábola da existência.

Os exemplos do lar—modestia, respeito, amor; as lições do “Lyceu” — cultura, vocação, disciplina; os sucessos da época — luta, independência, liberdade; eis as primeiras componentes exógenas que se surperpunham e se amalgamavam com o lastro de qualidades hereditárias para a formação dêsse caráter de escól.

De modo que, ao seguir, de novo, a condição paterna, transferindo residência, em 1857, para a nova Capital, já trazia da velha capital a austeridade de suas tradições, a marca da severidade que as linhas singelas dos seus conventos, os dobres plangentes dos seus campanários, as litanias de suas procissões, ou as solenidades oficiais do Paço, costumam gravar nas almas com traços indelevelis de saudade, misticismo e respeito.

Em Aracaju, com os estudos secundários que encetara, com avantajado êxito, mais se lhe firmam êsses predicados. São as

humanidades clássicas que lhe vão esmaltar de facêtas brilhantes o espírito, que enriquece de mais largos conhecimentos.

Aí está porque profunda as fontes do saber, indo com a distinção obtida em latim formar a base sólida, donde parte a pesquisar nas línguas neo-latinas, que versou com mestria, as belezas idiomáticas, transmitidas, alguns anos depois, às legiões sucessivas de seus discípulos.

*

* *

Intercorre, por êsse tempo, uma circunstância incontornável.

Família pobre é a dêle. Teodorico Rodrigues de Siqueira Montes, seu pai, não dispunha de patrimônio amealhado que pudesse assegurar ao filho educação superior, ou carreira liberal.

Burocrata, ainda que em postos de destaque no quadro do funcionalismo provincial, eram-lhe os vencimentos uma parca retribuição de afanosos trabalhos. E mal chegavam para compor de modesto conforto o lar feliz.

Sua mãe, D. Clara de Faro Montes, como todas essas meigas fadas de bondade que encham de inefáveis dias as casas sergipanas, tinha a presciência divinatória que lê no coração dos filhos os seus mais velados desejos. E se lhe não animava os ímpetos de independência, para que o não tivesse longe de seus carinhos, não lhe podia sopitar os frêmitos de mocidade, que antecipam madureza e responsabilidade.

Esta confissão fê-la, certa vez, Alfredo Montes a Prado Sampaio, num como orgulho de seu nascimento, que lhe permitiu ser feliz.

Dissera ao amigo: "Eu... sou feliz, porque nasci pobre; tive necessidade de me fazer homem quase criança para suportar o pêso da família que meu pai me legou, e, felizmente, os meus têm vivido melhor do que eu".

E foi essa necessidade um desvio forçado na vida do homem, quase criança...

Cêdo ingressa no funcionalismo público provincial, porque cêdo se capacitou para a luta sem tréguas.

Oficial da Secretaria do Govêrno, onde ascendeu aos primeiros postos; oficial de gabinête do Presidente do Província, Barão de Propriá; Secretário do Govêrno; Diretor da Escola Normal; Diretor da Instrução Pública; Delegado de Polícia da Capital; Presidente da Câmara Municipal de Aracaju; a todos os cargos serviu com zêlo e eficiência.

Não traiu jamais a confiança; dignificou sempre, pelo trabalho e compreensão de deveres, as funções que desempenhára.

Em todas elas, porém, estava num desvio da carreira. Não eram a sua vocação, a sua alma, a sua personalidade integral.

Outros derivativos haviam de atraí-lo, ainda, pelo caminho.

Havia um clima de idéias democráticas insuflando vigor nas consciências. As notícias da Côrte traziam em sobressalto os partidos. Já não somente as intrigas de Gabinête, a mudança de Ministérios no jôgo favorito do Imperador.

Surgiam programas, discutiam-se princípios, sustentavam-se reivindicações. A abolição, a federação, a república.

Sergipe comungava dos movimentos nacionais e despertava ânimos para a luta.

O Presidente do “Gabinête Literário Sergipano”, que o era, tinha uma tribuna seleta. Não o comunicava, porém, com o pôvo, auscultando-o, animando-o, dirigindo-o.

Faltava-lhe a imprensa, ao lado d’O Republicano”, da “Era Nova”, d’A Reforma”, que faziam circular o sangue nôvo das idéias, no entrechoque dos partidos.

Redigiu, por isto, de viseira erguida, no comêço da República, o “Correio de Sergipe”, na companhia ilustre de Felix Diniz, Olinto Dantas, Ivo do Prado e Prado Sampaio. Por êste côrpo redatorial, dos melhores jamais vistos numa linha de frente, é facil tomar-se a altura intelectual e moral do periódico.

*

* *

Fechado êsse desvio, que soube manter na altaneria das mais nobres atitudes, é tomá-lo, agora, na rota segura de sua vocação, aquela que revela a Sergipe o tipo mais perfeito dos seus educadores.

Porque o professor Alfrêdo de Siqueira Montes foi, sobretudo, um educador !

E, como tal, vindo da Monarquia para a República, contava com o dever de prestar a quem suspeitasse, acaso, de suas idéias, ou de seus sentimentos, no trato da mocidade a quem ensinava, ou educava.

Dois fatos delatam a manifestação pública de seu caráter franco e vertical.

O primeiro, ainda na trepidação das notícias desencontradas da proclamação da República, no compromisso firmado pelo Diretor e lentes do Ateneu Sergipense, a 19 de novembro de 1889.

Estavam presentes à solenidade: — Dr. Galdino Menezes, Felix Diniz, Moura Matos, Silva Lisbôa, Dr. Andrade, Alfrêdo Montes, Brício Cardoso, Severiano Cardoso, Joaquim do Prado, Dr. Daniel Campos e Manoel de Oliveira.

Faltaram por motivo justificado: — Inácio Valadão, Dr. Olintho Dantas e Geminiano Pais.

Deram os primeiros o aval de sua solidariedade ao regime recém-instituído, nestes termos: "...que acompanhavam o sr. Diretor nos sentimentos de lealdade e adesão ao grande regime de liberdade, igualdade e fraternidade que agora se inaugura no País, constituindo uma era luminosa nos anais da nossa história".

Releva esclarecer que esta manifestação inequívoca antecipára de três anos a deliberação da Assembléia Legislativa, quando esta — poder politico — ainda tinha em mãos o valimento da situação. Do outro fato, srs. não é menor a significação para definir atitudes.

Em companhia do dr. Galdino Teles de Menezes e do professor Geminiano Pais de Azêvedo, recebera Alfrêdo Montes a missão de reformar a Instrução Pública, eis que o Regulamento de 1822 já não "consultava os interesses do Estado e da população em geral".

Pois o triunvirato republicano, que entregára o govêrno provisório a Felisbello Freire, acentuára que ao trabalho apresentado "presidiu o maior escrúpulo e cuidado", o que vale dizer que havia colimado o objetivo traçado: "...que não só vá arredando os

ineptos das cadeiras públicas, mas ainda abrigue o professor contra o arbítrio governamental e os caprichos da politicagem”.

Êstes dois fatos punham de sobreaviso o educador contra a intriga impertinente, que já lhe rondava, nos devãos da imprensa de vampiros, os passos firmes e destemidos.

*

* *

Alfrêdo Montes, professor, educador.

Este aprimorando e completando aquêle. Um e outro numia síntese de qualidades raras e peregrinas.

Depõem os seus contemporâneos, no louvor insuspeito dos méritos reconhecidos. “Iluminada cátedra”, “príncipe entre os seus colégas de magistério”, chamou-lhe assim Brício Cardoso.

“O tipo mais bem acabado do magistério público e particular”, foi como o qualificou Manuel Alves de Oliveira..

“Todo dedicação à causa do desenvolvimento espiritual dessa desventurada pátria sergipana, tendo por isso vivido cercado de discípulos que o adoravam”, disse Prado Sampaio, venerando-lhe a memória.

E a razão de tanto sobejava em demonstrações irretorquíveis.

Abrira-lhe o concurso as portas do Ateneu Sergipense. Aí ingressa para lecionar inglês, em 1877, disciplina que passa a ler, também, na Escola Normal, a partir de 1882.

Pois jamais tão à justa coubera a alguém a célebre frase — the right man in the right place.

Erudição do melhor quilate, era-lhe o inglês tão familiar como o português, em que dissertava com os clássicos.

Tendo escrito uma gramática dessa língua, reuniu um tesouro de notas que tornava atraente aos seus discípulos os segrêdos e preciosidades dêsse idioma.

Da poesia e da prosa colhia, nos melhores autores, as melhores páginas. Eram as concepções de Byron, de Milton, as narrativas de Longfellow, o teatro trágico de Shakespeare, ou excerpotos de John Greenleaf, Wittier, Robert Burns, que serviam de temas

às suas aulas, quando já correntes os alunos nos preliminares obrigatórios do aprendizado.

Nem se dispensava de ministrar comparações e efeitos da oratória e da literatura política.

William Pitt, Macauley, Lord Brougham...

Frases, passagens, modismos, que anotava para um Dicionário inglês-português inacabado...

Quem o excedia? quem o igualava? Em terra sergipana ninguém ousou, ainda, tomar-lhe o sceptro !

*

* *

“Alma puríssima de meigos afetos”, na justa apreciação de Prado Sampaio, deu-lhe o casamento a parte ideal de bondade e tolerância, que devia completar a formação do educador.

Bem dissera Machado de Assis: “Não há como a paixão do amor para fazer original o que é comum...”

Em Alfredo Montes a originalidade estava em revestir a austeridade natural e impecável de costumes numa auréola dulcíssima de bondades.

Sabia impor-se sem asperezas, conquistar sem violências, dominar sem humilhações.

Casando-se em 1872 com D. Maria de Araújo Montes, já tinha as responsabilidades de uma posição social apreciável. Mas foi a espôsa, nesses segredos de sugestão psicológica que só o amor sabe tecer, a inspiradora de novos destinos.

O lar fez-lhe a felicidade; a felicidade a alegria de viver.

E viver nos filhos que começam de nascer, como bênçãos de uma união feliz.

Ora, a família é um desdobramento de afetos. Multiplicam-se os afetos em cada filho, no ninho abençoado. Cada filho é um futuro a cuidar, sonhos bons que se sonham nas incertezas da sorte.

Ora, o pai é guia, é pedagogo, é luz nas trevas, lenitivo no sofrimento, sorriso na felicidade dos filhos.

Ei-lo, então, guiando, alumando, ensinando, nos primeiros passos da vida. Liga-se aí o lar à escola e surge o educador na sua maravilhosa missão de facetar espíritos, de aprimorar corações.

Alfredo Montes retoma, nesse comenos, a linha da vocação, que se partira. Funda o "Ginásio Sergipense", que vai marcar, de 1888 a 1899, uma nova época na formação da mentalidade sergipana.

As sementes que Prado Pimentel, tantos anos antes, semeára no solo plástico da inteligência do discípulo, em S. Cristóvão, começam de brotar, e florir, e frutificar, magnificamente, em Aracaju.

Dir-se-ia, srs., nessa retomada da vocação, aquele fenômeno de polarização referido por Scipio Sighele: "symptôme de la polarisation de la pensée qu'on appelle la vocation et qui constitue l'impulsion intime et inconsciente à ce qu'on étudie, à ce qu'on pense, à ce qu'on écrit".

Porque nunca em tão perfeita justaposição se consorciára o indivíduo com a profissão que abraçara.

E daí as maravilhas obtidas num campo de atividades morais, intelectuais, psicológicas, onde imenso é o número de fracassados.

Repontára-lhe, de início, a nítida compreensão do sacerdócio a que se votára. "Ce n'est pas une âme, ce n'est pas un corps qu'on dresse, c'est un homme", como aprendêra de Montaigne, numa verdade de mais de três séculos.

E êle que fôra um homem antecipado, pelas imposições da luta pela vida, bem sabia o valor dessa experiêcia. Era, pois, a personalidade que êle formava, estudando caracteres, perquirindo a biologia dos motivos, impulsos, instintos, tensões, desejos, reações...

Sêres completos, na integração de todos os fatores endógenos e exógenos dos tipos que tinha aos seus cuidados, à sua sciência, à sua intuição.

Tal a indicação de Charrier, em *Pédagogie Vécue*: "L'école vise donc à former des êtres complets, c'est-à-dire des hommes et des femmes au corps robuste, au coeur généreux, à la volonté forte, à l'esprit ouvert aux idées de justice et de bonté, de solidarité et de tolérance".

Era assim — corpos sadios, generoso coração, vontade forte, espírito iluminado, com janelas abertas aos estímulos da justiça, da bondade, da solidariedade, da tolerância.

Para isto, cada discípulo lhe era um capítulo de observação, uma equação de dados bio-psíquicos que lhe cumpria resolver.

Primeiro conhecê-lo; a seguir, despertar-lhe as energias; guiá-lo, depois. Da psico-pedagogia, então em bruxoleios, tinha a intuição prática, que lhe dava o conhecimento do educando nos seus mais íntimos refólhos.

A seu modo realizava testes, através dos quais media os níveis mentais, classificava os retardados — desatentos, preguiçosos, deficitários de qualquer sorte.

E com os índices de sua observação, avisava os pais sobre a capacidade e possibilidade de seus filhos.

Eis porque o sentido da disciplina escolar, para êle, refugia às normas grosseiras de castigo e intimidação, correntes no geral dos colégios dêsse tempo.

A alma do menino se lhe afigurava de uma delicadeza de flor.

Mesmo quando rebelde aos estímulos do bem, dava-lhe um trato ameno, preferindo ao ralho intempestivo e humilhante a persuasão e o consêlho paternais.

Seguia Guerra Junqueiro:

“As almas infantis são brancas como a neve,
São pérolas de leite em urnas virginais.
Tudo que ali se grava, tudo que ali se escreve,
Cristaliza-se em seguida e não se apaga mais”.

Ora, um castigo injusto é um fermento de revolta; um temor infundido é um recalque que terá a sua reação deformadôra.

Não se educa um homem pelo mêdo da palmatória, ou à custa de reguádas aviltantes.

É fazendo apêlo à razão, despertando os sentimentos pelo exemplo da bondade, que se grava nas almas a confiança na justiça.

E essa confiança é o passo da redenção no caminho do êrro, o refflorir da esperança na ilusão perdida.

Foi exatamente pela ter impresso no coração de seus discípulos, que o professor Manoel de Oliveira recordou o fato: “Sabia fazer um consórcio admirável da brandura com a severidade, de maneira a conquistar o amor de seus alunos, impondo-se ao mesmo tempo ao respeito e à consideração de todos êles”.

*

* *

Homem bom, homem justo, homem raro. Por isso mesmo educador excepcional. Mais de uma geração saiu educada à feição de de seus conselhos, de seu saber, de sua modéstia encantadora.

Por todo o Brasil ainda existirá sergipano, que lhe recorde o nome com admiração, com estima, com saudade. Sou da ultima turma de seus discípulos, quando já havia cerrado as portas o “Ginásio Sergipense”.

Outro era, agora, o estabelecimento; outro o seu diretor: — Alfredo Montes Junior. Mas pelo boníssimo Alfredinho ainda velava a assistência moral e intelectual do pai idolatrado.

Desta e daquela fase contam-se episódios interessantes.

Recordá-los um pouco será desapontar, talvez, aos moços e aos velhos. O tempo operou transformações irreparáveis, e os de hoje não compreendem bem os de ontem...

Já foi no último quartel da existência luminosa que Joaquim Nabuco pronunciou esta frase: “Os que envelhecem não compreendem mais o valor das ilusões que perderam; os jovens não dão valor à experiência que ainda não têm”.

Que ilusões foram essas? e qual a experiência?

Cada um tome à sua parte o que lhe cabe...

Certo é que, da primeira fase, vai breve a narrativa que me fizera o dr. Mario de Menezes.

Chegara o mês de São João, acendendo no coração da mocidade tantas fogueiras de amor, tantos sonhos de namorados... O mágico e coruscante e luminoso mês, que o nosso inspirado Cleomenes Campos descanta assim:

Oh! noites de São João!... Fogueiras pelas portas...
Mastros em flôr... Batismo ao luar... Flavas espigas...
Roqueiras, longe... E, pelas horas mortas,
A voz sentimental das raparigas...

Oh! noites de São João!... Batuques à distância...
Modinhas e violões... E a criançada, sonora,
aproveitando, alegre, o minuto da infância,
canta cantigas que cantei outrora...

Oh! noites de São João!... O céu, desmesurado,
tem tanta estrela, que está louro, louro !
como se alguém, sobre êle, houvesse debulhado
todo um claro montão de espigas de ouro...

.....

Oh! noites de São João!... que levaram Mario de Menezes a
gazear as aulas o mês inteiro... E findo o qual fôra pagar ao dire-
tor do colégio os cinco milréis do curso, que não frequentára...
....Alfredo Montes chamou-lhe ao gabinête e fez-lhe uma preleção
de moral, suave, convincente, que mais lhe doêra do que uma surra!

E devolveu o dinheiro, com uma carta, aos pais do devoto de
São João!

Não termina aquí, porém, o episódio. No fim do ano vai Mario
de Menezes solicitar ao mestre o atestado para inscrever-se em
exame.

Como obtê-lo? O mês de falta eliminara, automaticamente, a
prova... e o festejado São João não valera ao faltoso, apesar dos
fógos que êste lhe queimara...

Ainda hoje Mário de Menezes reconhece, à puridade, que o
mestre fôra justo... mas não esquece a ingratidão do Santo!

Outro episódio dessa fase. Disse-mo o dr. Magalhães Carneiro.

Grave falta contra a disciplina, em que incorreram dois inter-
nos. Devera de ser severa a punição, se à rudeza do castigo físico
não preferisse o mestre falar ao sentimento, despertar o brio.

A missão que lhe impendia, ininterruptamente, era a de preparar homens, dando-lhes um carater, uma consciência.

Se aviltasse, acaso, a criança, o moço, era ao homem futuro que começaria por arrancar a possibilidade de correção.

Chamou, por isso, os rapazes ao gabinete do diretor e lá se fecharam os três.

Esse gabinete, que infundia respeito, valia por um confissório, onde os segredos mais íntimos se descobriam à confiança tranquilizadora do preceptor amigo e compassivo.

Pois bem; depois de preleção amavel, que arrancára lágrimas aos môços, deu-lhes Alfredo Montes um sursis benfazejo, antecipando, assim, a medida redentora que hoje se não nega a delinquentes...

Sim, a sua bondade, a sua compreensão, a sua humanização, fizeram mais do que a pena...

Do segundo período — o que eu conheci — apenas dois casos me acordem à reminiscência. Aparentemente desvaliosos, mas que bem meditados, contêm lição profunda de psicologia.

Trago de ambos depoimento pessoal. Era Alfredinho (Alfredo Montes Junior) o diretor do Colégio, à Rua da Frente. A classe numerosa ouvia com interesse a aula de inglês do professor Alfredo Montes.

Era claro o dia, entrando o sol a jorros pelas janelas da sala ampla e arejada. Atentos estavam todos à lição erudita do mestre incomparável. Nisto, aparece a singrar as aguas calmas do estuário, frente à casa, o vapor Esperança... O quadro fôra para os meus olhos de criança um verdadeiro encanto...

Volvi-lhe, insensivelmente, as vistas, absorto, desatento por minutos à presença do professor. E só momentos depois dei comigo mesmo, na distração cometida. A aula estava suspensa e todos os colegas me olhavam ansiosos, surpresos...

Qual seria, srs., neste enleio, a attitude reservada do professor?

Sem um traço de maior severidade na fisionomia serena, circunvagando o olhar pelos presentes, disse apenas:

— Vou recommençar...

E, efetivamente, a lição prosseguiu, do ponto interrompido.

Ora, para mim fôra tremendo o incidente. Dera-me o acatado mestre, com o seu silêncio intencional, uma reprimenda de luvas de pelica...

Era assim, numa como reação da própria pessoa, que a falta encontrava, psicanaliticamente, a sua auto-correção. Sem afronta, sem diminuição, sem exterioridade deprimente...

O outro caso, o derradeiro, fôra uma fraude do próprio professor. Fraude venial, e até louvabilíssima, dada a sua origem e finalidade, que excluem o ânimo doloso.

Simultaneamente com o estudo de geografia era feito o de cosmografia, constituindo ambas as matérias unidade para o exame final. Como disciplina autônoma ministrava-se o curso de corografia do Brasil.

Vai senão quando, já no fim do ano letivo, vésperas de provas, vem abrupto uma lei de carregação, enexando corografia a geografia e exigindo exame conjunto das matérias.

Que fazer, na premência do tempo? A lei golpeava fundo o interesse de numerosos estudantes, por todos os Estados.

Urgia corrigir a injustiça, tangenciando o rigorismo da disposição legal.

Alfredo Montes conhecia, um a um, os seus alunos, avaliando-lhes a capacidade e o aproveitamento. Eram poucos os a quem a iniquidade da reforma vinha ferir. Eu, entre êles.

Foi, então, que o seu espírito equânime ditou um alvitre feliz, equilibrando situações. Fariam exame com ponto de véspera, desde que se compromettessem ao estudo da matéria no ano seguinte.

Aceito o alvitre, feito o exame!

Ora, como é facil de prever, fiz provas excelentes: na escrita e na oral.

A nota do mestre, porém, fôra desconcertante: — simplesmente!

Era, como se depreende, a retidão de seu espírito que ajustava, ocultamente, os fatos às circunstâncias...

Em defêsa dos direitos postergados, ele reconhecia e applicava a máxima — pro iure contra legem.

Quem diria, hoje, que êsse homem íntegro, de projeção invulgar na sua terra, não fizera invejosos, a mediania dos incapazes tentando barrar-lhe a estrada, obscurecer-lhe o nome?

A resposta trá-la Machado de Assis, nesse livro de sabedoria que é o Memorial de Ayres: “Não faltam cães atraz da gente, uns feios, outros bonitos, e todos impertinentes...”

Teve-os Alfredo Montes, como os têm, e hão de ter, os homens de real merecimento em Sergipe.

Mas os cães passam, remordendo, rasteiros, o pó da estrada... Só os homens ficam, como êle, na memória dos homens e entram na história!

*

* *

Chega, afinal o ano de 1906.

Ano máu, ano fatídico para Sergipe!...

Vidas ilustres, vidas preciosas, fecham o seu ciclo terreno, enlutando a Patria...

Na política, na filosofia, nas letras, na educação.

É a 1.º de agosto que Alfredo Montes se despoja da matéria e rende a alma ao Criador.

Um dia triste, um dia de pranto, um dia de saudade...

Foi num poente violáceo, à hora em que a luz morria nos vales e pela crista dos morros, ao longe, pálidos reflexos tremeluziam no verde da mata...

No cemitério havia uma multidão confusa... Autoridades, professores, estudantes, o povo em vários matizes.

Sinfonia dolente gemia, em toques funebres, na garganta do instrumental do maestro Ceciliano.

Badalava, a espaços, dlin!..., dlin!..., o sino da Capela.

Soluçavam alguns amigos, enquanto a dor da família órfan cortava corações.

Deu-lhe o adeus da despedida o professor Manuel Alves de Oliveira.

Um belo e comovido adeus!...

Dentro em breve, na expectativa do irreparável, uma lápide singela fechava o sarcófago, separando dois mundos: — a vida e a morte...

E logo descia sôbre a terra, silenciosamente, o crepe da noite...
Consummatum est!...

*

* *

Agora, srs. e senhoras, chegou a vez da posteridade, no registro da História.

Este Instituto, que lhe guarda as relíquias, celebra na efígie que vem de inaugurar, para a geração de hoje, o culto das gerações que se foram.

É a melhor lição que se pode dar à mocidade das escolas, para que ela ame, cada vez mais, a pequenina e gloriosa terra onde nasceu.

Alfredo Montes, ei-lo de nôvo, pela memória do passado, aos olhos do presente.

Lembra-me bem a derradeira aula em que o vi, um ano antes de seu passamento.

Vem andando... passo seguro, medido, cronométrico.

Estatura acima de médio, torso alevantado, cabeça longa e bem constituída, firme o pescoço sôbre ombros largos.

Orbitas de leve cavadas, sob o veludo de sobrancelhas regulares, velando um meigo e doce olhar.

Nariz reto, proporcionado; bôca discreta, sob bigodes caindo aos cantos.

Queixo forte, tomado em ponta por um andó petulante, que lhe dá à fisionomia um grave aspecto, quase severo. E vem andando... passo seguro, medido, cronométrico.

Colarinho alvíssimo, fechado, alto, circundado por uma gravata preta, laço cheio, plastron.

Casaco escuro sôbre colete branco, de fustão; calças de lista; botinas negras, bem lustradas, rangindo...

E juntando-se a êstes traços uma tez róseo-ambar e grisalhos cabêlos, dir-se-ia que contemplo, nos seus tons de arte antiga, remota e evocadôra oleografia de Rembrandt, representando um desses austeros tipos de reitor de Universidade, em épocas mortas...

E vem andando... passo seguro, medido, cronométrico.

Entra no salão de aulas, à hora inglêsa, e todos os alunos se erguem, respeitosos.

Sóbe o estrado, ocupa a cátedra, e a todos envolvendo num meio olhar velado e doce, descerra os lábios e diz, afetuosamente:

— Bom dia, srs.!

E os alunos, em unísono, expressando o mesmo sentimento de afeto, respondem:

— Bom dia, professor!

(Palmas demoradas da enorme assistência).

EPIGRAMISTAS ANGLO-AMERICANOS E BRASILEIROS

(Uma tentativa de vulgarização de suas obras entre os homens de
cultura das Américas)

Por HEITOR P. FRÓES
(Da Academia de Letras da Bahia)

Dos gêneros literários em verso é o epigrama, por certo, um dos mais difíceis, nem por isso menos descurado desde as éras mais remotas.

Na história literária da Bahia, por exemplo, vamos deparar inúmeros e espirituosos epigramistas, a começar pelo irreverente e licencioso GREGÓRIO DE MATOS — cujos contemporâneos haveriam de ter tido sobradas razões para cognominá-lo “Boca-do-Inferno”...

Demonstra-o à evidência uma terrível catilinária contra os nossos hábitos e costumes no Brasil colonial:

ALGUMAS REPROVAÇÕES

(Gregório de Matos Guerra)

Si sois plebeu, sois humilde;
Soberbo, si sois fidalgo.
Si sois plebeu sois humilde
E tôlo, si sois morgado.

Si não sofreis, imprudente;
Si sofreis, sois um coitado;
Si perdoais, sois bom homem,
E si não — sois um tirano.

Si sois gordo, sois balofo;
Sois tísico si sois magro;
Si pequeno, sois anão
E gigante si sois alto.

Si falais muito, palreiro;
Si falais pouco, sois tardo;
Si em pé, não tendes assento;
Preguiçoso, si assentado.

E assim não póde viver
Neste Brasil infestado,
Segundo o que vos refiro,
Quem não seja reprovado.

SOME INCONGRUITIES

Translation by P. Fróes.

Being a plebeian, you're humble;
Being a noble, you re proud an vain;
Being poor, then you must be lowly;
Being a peer... you re proud again...

If you don't care, you are foolish;
If you suffer, you are yellow;
If you don't give in, youre cruel
If you forgive, oh! "poor fellow"...

If you're corpulent, you're flabby,
If you, are thin, then you're frantic,
If you're small, you're but a dwarf,
If you're tall, you are gigantic...

If you talk too much, you're fussy;
If you don't scream, then you're crazy;
If you stand up — "take a seat";
If you sit — "you are so lazy"!...

And so nobody may live
In this infestd Brasil:
All excites criticism,
As you can see from this bill!

O saudoso CONSTANCIO ALVES que, embora radicado no Rio, nacêra na velha Bahia, foi por certo o mais cruel e impiedoso de todos os epigramistas nacionais, nem mesmo os mortos logrando escapar às sétas de sua crítica ferina — qual o documentam os dois epitáfios seguintes:

EPITAFIO (Constancio Alves)

"Quando êle exalou su'alma,
Quem estava perto, se quiz
Levar aos olhos o lenço...
Levou o lenço ao nariz!"

EPITAPH (Translation by H. P. Fróes)

The day he gave up the ghost
He who was there, very close,
Instead of drying his eyes
Put his hanky... to his nose!...

EPITAFIO (Constancio Alves)

A cova, cujo appetite
Dos chacais excede a gula...
É possível que o engula,
Mas é de crer que o vomite!

EPITAPH (Translation by H. P. Fróes)

As grave is greedier than jackals,
Since every time it may sup
It might take this fellow down...
But it may soon throw him up!

Outro epigramista, talvez pouco conhecido fóra do Estado, muito embora pertencente à Academia Bahiana, foi o Professor ROBERTO CORREIA — há cerca de três anos falecido, e cujas produções (ao arrepio das de CONSTANCIO e GREGORIO) eram geralmente apreciadas e aplaudidas porque êle intentava ser tanto quanto possível impessoal e vago nas suas sátiras; assim:

EPIGRAMA (Roberto Correia)

De muitos doutores sei,
Que fundamente acatamos,
Aos quais, se dizem — “cheguei”,
Retruca a Morte: — “chegamos”.

EPIGRAM (Translation by Heitor P. Fróes)

Some doctors — beware of them:
They may be fit, but so far
As they declare “Here I am”
Death rectifies: “Here we are”.

EPIGRAMA (Roberto Correia)

Burro! A cegueira da Sorte
Elevou-te, e ao sol te espelhas,
Mas guardas o mesmo porte
E as mesmíssimas orelhas...

EPIGRAM (Translation by Heitor P. Fróes)

You're an ass... and furthermore
Lucky and proud you fear no blame...
But still you look as before
And your ears are just the same!

DERALDO DIAS, espírito mordaz servido por viva inteligência e cultura humanística incomum — ainda não se celebrizára com a inimitável “História de Homens Bichos” (uma sátira aos julgadores de um concurso a que se submetera no Ginásio da Bahia) e era já considerado epigramista de pêsso, assáz festejado nas rodas intelectuais bahianas, São de sau lavra os seguintes versos:

EPIGRAMA (Deraldo Dias de Moraes)

Tu fumas; eu também fumo,
Mas tu fumas do meu fumo;
Ambos nós fumamos, pois;
Portanto, eu fumo por dois...

EPIGRAM (Translation by Heitor P. Fróes)

I smoke, and you do the same,
But it's I who pay for you...
This is why I can now claim
That I've been smoking for two...

EPIGRAMA (Deraldo Dias de Moraes)

Doutor dos mais eminentes,
Homem severo, ímpoluto,
Entre os deveres urgentes,
Por que não perca um minuto,
Vai visitar os doentes
Logo vestido de luto!...

EPIGRAM (Translation by Heitor P. Fróes)

This physician is as brave
As he's distinguished and cute...
But as some cases are grave
(Being chronic, or being acute).
And his time he wants to save...
He visits in mourning suit!

O jovem LAFAYETTE SPINOLA é desses que não poupam ninguém, talvez nem mesmo a si próprio; pessimista, iconoclasta e mordaz são de sua pena estes venenosos conceitos:

EPIGRAMA (Lafayette Spinola)

Este mocinho pedante
Tem razão da soberbia:
É o cego mais importante
Dos cegos da Academia...

EPIGRAM (Translation by Heitor P. Fróes)

This fellow who talks so loud
Is right about his poor mind...
He's the most blind, the most proud
In the Academy of the blind. . .

EPIGRAMA (Lafayette Spinola)

Uma cousa aconteceu
Que a todo mundo intrigou
O tesouro emagreceu
E o tesoureiro engordou!

EPIGRAM (Translation by Heitor P. Fróes)

Think about this as you like
(This is a right of your own):
As the treasurer grows up...
The treasury is down...

Haveria que citar ainda o finado Pinheiro Viegas, o saudosíssimo Aloysio de Carvalho (Lulú Parola), Gelásio de Farias, Gilberto Guimarães, Magalhães Neto, Fernando Diniz, Gerardo de Souza Alves... e a lista estaria ainda incompleta. Publicou o derradeiro entre os citados, nas paginas de "Don Casmurro", há cerca de dois anos, um ensino sobre epigramistas bahianos em que reproduz alguns epigramas nossos, dentre os quais os seguintes:

A FEMINISTA (Heitor P. Fróes)

— "Abaixo os homens" — destimida incita
A feminista; e a discursar se agita
Com grande espalhafato...
Mas de repente empalidece e grita:
"Socôrro!" (Vira um rato)!

THE FEMINIST (Translation by the author)

— "Down with men" — a lady says;
"No more husband, no more spouse...
Then, she grows pale, and she prays:
What is yhe matter? — A mouse!

DIAGNOSTICO (Heitor P. Fróes)

Um diz: “É senhorita”; outro: “É rapaz!”
Discute o grupo, e tal barulho faz
Que o cavallo se irrita,
Empina-se... e quem monta cái p’ra traz!
— “Feriu-se, Senhorita?”

A DIAGNOSIS (Translation by the author)

— “It is a lass” — one says! — “No t’is a lad!”
And everybody guesses about the rider.
As the horse slips... alas!...
The rider falls, legs up; just then one says:
Are you hurt, pretty lass?

*

* *

Por muito que haja de pesar na balança a inópia do autor, não duvido que as Senhoras e os Cavalheiros ingleses e Norte-Americanos aqui a caso presentes tenham sentido algum interesse em conhecer, através de versões mais ou menos exatas, o sentido de alguns dos melhores epigramas de intellectuais bahianos, dentre os mais afeiçoados ao referido gênero literário.

Equivalente, porventura mais viva, reação esperamos seja provocada no espírito dos patrícios presentes, ao saborear em vernáculo algumas produções realmente meritórias da lavra de epigramistas britânicos ou estadunidenses:

TO SEXTUS (By POTT & WRIGHT, translated from MARTIAL)

You disappoint no creditor, you say?
True, no one ever thought that you would pay.

A UM DEVEDOR (Paráfrase de Heitor P. Fróes)

Diz você que aos seus credores
Nunca ilude ou desaponta;
É que a certos devedores...
Nem sequer se manda a conta!

*
* *

THE WORLD (Anonymous)

This is the best world that we live in
To lend, and to spend, and to give in;
But to borrow, to beg, or to get a man's own,
It is the worst world that ever was known.

O MUNDO (Tradução de Heitor P. Fróes)

Este mundo é mar de rosas
Se temos vida folgada;
Chega a desgraça, a miséria...
Meu Deus, que vida apertada!

*
* *

EPIGRAM (Anonymous)

I have lost my mistress, horse and wife,
And when I think of human life,
Cry mercy twas no worse.
My mistress sickly, poor and old,
My wife damn'd ugly, and a scold, —
I'm sorry for my horse.

EPIGRAMA (Tradução de Heitor P. Fróes)

Perdi mulher, perdi cavalo e amante
E fiquei muito tempo delirante
Após tão grande abalo:
A primeira — meu Deus! que fealdade!
A última — passava já da idade...
Mas que falta me faz o meu cavalo!

*

* *

EPIGRAM (Anonymous, from the French)

The world of fools has such a store,
That he who would not see an ass,
Must abide at home, and bolt his door
And even break his looking-glass.

EPIGRAMA (Tradução de Heitor P. Fróes)

De bestas ha no mundo tal porção,
Que se não mais desejas ver um burro
Tens que trancar-te em casa, meu casmurro,
E o espelho quebrarás, por precaução!...

IF YOU LOVE ME (Anonymous)

If you love me, as I love you,
We'll both be friendly and untrue.

HIPOCRISIA (Tradução de Heitor P. Fróes)

Se o bem que você me quer
Fôr como o bem que eu lhe quero...
É que ambos nos enganamos
Do mesmo modo insincero!

UNTITLED (Anonymous)

While ADAM slept, from him his EVE arose:
Strange his first sleep should be his last repose.

DESTINO DO HOMEM (Tradução de Heitor P. Fróes)

Mãe EVA se originou
De ADÃO, no sono primeiro;
Neste sono êle encontrou
Seu repouso derradeiro!...

*

* *

THE OCEAN SPILLS (Anonymous)

The ocean spills upon the sands
Water with a thousand hands,
And when the water all is spilled,
The sands are dry, the ocean filled.

O MAR E A TERRA (Tradução de Heitor P. Fróes)

Vai esparzindo o mar pelas areias
A agua de suas vagas a mãos-cheias;
E, depois de fazê-lo sem cessar...
A areia séca, e fica cheio o mar!

*

* *

AUNT ELIZA (By R. H. RUSSEL)

In the drinking-well
(Which the plumber built her)

Aunt ELIZA fell, —
We must buy a filter.

TIA ELIZA (Tradução de Heitor P. Fróes)

Caí no pôço, distraída,
A Tia Eliza — coitada!
Doravante... nova vida:
Só se bebe agua filtrada!

*
* *

THE ANT (Ogden Nash)

The ant has made himself illustrious
Through constant industry industrious.
So what?
Would you be calm and placid
If you were full of formic acid?

A FORMIGA (Tradução de Heitor P. Fróes)

A formiga alcançou notoriedade
Graças a sua enorme atividade.
Pois bem, não há razão para surpresas;
É função do ácido fórmico
Que lhe deu a Natureza.
Quem poderia ser plácido
Tendo no corpo tal ácido?

*
* *

THE CALF (Ogden Nash)

Pray, butcher, spare you tender calf!
Accept my plea an his behalf;

He's but a babe, too young by far
To perish in the abbatoir.
Oh, cruel butcher, let him feed
And gambol on the verdane mead;
Let clover tops and grassy banks
Fill out those childish ribs and flanks.
Then may we, at some future meal,
Pitch into beef, instead of veal.

O BEZERRO (Tradução de Heitor P. Fróes)

Açougueiro, não mate esse bezerro;
É tão pequeno, oh! não, por caridade!
Matar o pobrezinho é mais que um erro:
É uma iniquidade...
Deixe que êle se torne gordo e forte
Pastando pelos campos socegado...
Deixe-o crescer, e então mande-o p'ro córte...
Que estarei pronto pra comê-lo assado!

*
* *

TRIAD (Adelaide Crapsey)

These be
Three silent things:
The falling snow... the hout
Before the down... the mouth of one just dead.

TRÍADE (Tradução de Heitor P. Fróes)

Das cousas silenciosas, me parece
Ha tres que nenhuma outra excederia:
A fria neve quando em flócos desce,
A hora crepuscular da Ave-Maria...

E, mais que tudo junto,
A lingua de um defunto!

THE AVENGERS (Edwin Markham)

The laws are the secret avengers,
And they rule above all lands;
They come an wool-soft sandals,
But they strik with iron hands.

A VINGADORA (Tradução de Heitor P. Fróes)

Parece a lei sempre sã...
Mas num contraste eu me aterro:
Se ela vem com pés de lã,
Fêre com punhos de ferro!

*
* *

PREPAREDNESS (Edwin Markham)

For all your days prepare,
And meet them ever alike:
When you are the anvil, bear —
When you are the hammer, strike.

PREPARAÇÃO (Parafrase de Heitor P. Fróes)

Surdo ao temor, que transtorno,
Forma em sonhos teu castélo:
Quem está por baixo — é bigorna,
Quem está de cima — é martelo !

*
* *

EPIGRAMA (Joaquim Miller) — ("From BYRON")

In men whom condemn as ill
I find so much goodness still,
In men whom men pronounce divine
I find so much of sin and blot,
I do not dare to draw a line
Between the two, where God has not.

EPIGRAMA (Tradução de Heitor P. Fróes)

Nos homens pelos homens condenados
Encontro, muita vez, tanta bondade;
Naquêles que transpiram santidade
Encontro tantos vícios e pecados...
Que não penso sequer em separá-los,
Pois que nem DEUS soube diferenciá-los!

GREAT FLEAS (Anonymous)

Great fleas have little fleas upon their backs to bite'em
And little fleas have lesser fleas, and so ad infinitum.
The great fleas themselves in turn have greater fleas to go on,
While these again have greater still, and greater still, and so on

AS PULGAS (Tradução de Heitor P. Fróes)

As pulgas têm pulgazinhas
Que as picam de vez em quando;
Essas têm pulguitas, e estas...
Pulguitículas em bando !

As pulgas grandes, coitadas,
Por outras parasitadas,
Descobrem nas pulgarronas...
E estas nas mais alentadas !

Comentando, certa feita, o epigrama acima propuzemos acrescentar ao original a chave seguinte, com que encerramos — para alivio dos ouvintes — esta fastidiosa palestra:

It's a fate of everyone
Be he large or be he small:
The list of the hangers-on
Shall not have an end, at all !

Isto é:

Assim sofre todo mundo
Do gigante ao pequenito:
A lista dos parasitas
Tem por símbolo... o infinito !

BAHIA, 20 de Fevereiro de 1945.

PEQUENOS DISCURSOS

García Moreno

PALAVRAS A ZORÁIDE ARANHA (*)

Zoráide :

Não sei se alguém sabe o dia em que a garganta humana arrancou da confusão dos gritos selvagens o primeiro som articulado. Erecto e já obreiro, o *homo faber* dos primeiros dias do mundo vivia num quase silêncio de assombrado, estalando as cordas vocais em pobres e inexpressivos cacarejos. Depois... é que veio a linguagem indiferenciada das onomatopéias, aprendida no babelismo das vozes dos seres e das coisas. Quando, porém, a emoção modulou o primeiro grito, que não se perdeu mais nos ecos das quebradas gigantesças, antes se fixou, cheio de sentido, na compreensão das almas, surgiu para a vida do homem uma hora nova e diferente. As gárgantas despertaram para exercício inteligente das interjeições ! Vem daí, parece, a linguagem aprendida, não mais do grande mundo exterior, mas do pequeno mundo das percepções, dos afetos, da inteligência. Nasceu a palavra. O homem começou a falar.

Na penumbra das cavernas, então, as coisas mudaram. O amor, por exemplo, ganhou um extraordinário poder de expressão: saiu da linguagem exclusiva das atitudes e dos gestos, incendiados pelos instintos, das respirações sôfregas, das palpitações apressadas, dos

(*) Saudação à jovem declamadora baiana, na sessão de 21 de 7 de 943.

olhares afogueados, da moleza dos requebros, para o sussurro das vozes sincopadas das emoções, das palavras ciciadas dos afetos, para a gramática açucarada dos carinhos. As coisas mudaram muito no seio morno das cavernas. As mulheres começaram a falar, a falar, a falar... A palavra era uma novidade, irresistível e sedutora. Antes dela, os protestos da mulher eram gestos passivos de fuga. Fuga para o emaranhado das florestas intocadas, fuga para as furnas cavadas no granito das montanhas, fuga para outros braços mais hercúleos e mais ágeis na caçada das feras. Com a palavra, porém, a mulher começou a enfrentar o homem com os protestos ativos da... discussão. E, pela primeira vez, antes de Darwin, o homem foi comparado ao macaco, sem nenhuma intenção naturalística, pela própria companheira. E a outros bichos... O homem, então, deu para sentir uma saudade enorme do tempo dos onomatopéias. Dos tempos tranquilos do silêncio de todas as gargantas femininas, Sim, dos dias das primeiras interjeições. Nunca havia êle pensado que a palavra queimasse mais do que o fogo dos raios, que carbonizava os troncos portentosos da mata. Nem que levantasse, em seu coração, chamas mais vivas que os atritos das pedras nas fogueiras erguidas à frente das cavernas.

Mas, era preciso salvar a palavra. Chegaram os sinais para fixá-la no tempo. Para perpetuá-la, em-fim. A palavra estava salva. Passou de simples instrumento dos entendimentos cavernosos, isto é, domésticos e do comércio interessado dos contactos humanos, para exprimir as emoções, criadas na alma do homem, pela beleza e pelo sofrimento. E a emoção, que fizera dos estalos laríngeos o grito inteligível das interjeições, deu à palavra inflexões estranhas, ritmo diferente, criando o canto, a primeira música que o homem ouviu. O sofrimento e a beleza iriam falar, falar pela palavra humana. Estava criada a Poesia. Restava que ela falasse, tomasse voz e conquistasse mímica. A voz do homem era pobre de modulações e inflexível no exprimir preciosas sutilezas. As mãos do homem, seus braços, enrijados na peleja, pesados demais para a leveza dos gestos...

Mas, um dia, não se sabe por quê u'a mulher repetiu o poema que o companheiro fizera, copiando as cantigas de um riacho.

claro. Então, pela primeira vez, a Poesia falou com voz de gente. Pela primeira vez, a mulher mostrou ao homem que sabia mais que falar, falar, falar. Que sabia falar como a beleza e como o sofrimento... Que podia viver e encarnar a Poesia. Depois... desapareceram os mamutes e os dinossauros. Desapareceram os machados de sílex e as flexas, As feras aprenderam domesticidade nos jardins zoológicos. Renasceu, em certas terras, a ferocidade dos primeiros dias do mundo. E a Poesia continuou no coração dos homens de bôa-vontade. E o espírito não se afugentou dos homens que têm fé no Homem. No mundo dos recontros sangrentos das guerras, há, ainda, ao sol, um lugar para as academias. E, nas academias, a voz inefável do Poesia, que não se calará nunca !

Eis por quê, nesta hora, em que todos os espíritos se voltam, ao pêso de mil angústias, para os primeiros raios com que a Liberdade pinta os horizontes do mundo, a tua voz, neste refúgio da inteligência sergipana, é uma afirmação magnífica de que a Poesia ainda vive, ainda fala, fidalga, harmoniosa e imortal !

Salve !

PALAVRAS A HEITOR FRÓES (*)

Sr. Heitor Prager Fróes,

Bahia e Sergipe são, felizmente, bons vizinhos. A contiguidade espacial do destino geográfico das duas terras sempre encontrou na vizinhança das duas gentes a tessidura delicada e inquebrantável de simpatia, de afeto e de compreensão. Sem desprezarmos as nossas próprias conquistas, os caracteres individualizadores de nossa personalidade coletiva, a importação e a implantação de elementos aculturais de outras origens, Sergipe é, predominantemente, uma área cultural baiana. As razões são múltiplas e, historicamente, bem conhecidas. Os nossos doutores são, via de regra, "doutores baianos": os médicos, os bachareis, os farmacêuticos, os dentistas, os agrônomos. Os nossos juristas do Recife pertencem, hoje, a uma gloriosa geração histórica, recolhida ao acêrvo de nossas tradições. Da Bahia, serão, dentro em breve, os nossos professores secundários, recrutados dos inteligências que Sergipe está mandando para a Escola de Filosofia. São "baianos", até, os nossos "pais de santo", quase sempre iniciados nos mistérios do culto, nos terreiros da Bahia. Se a delimitação do nosso perfil cartográfico tem criado surtos de dissídios e contestações, creio que jamais haverá lugar para levantar-se uma fronteira nítida no terreno infinito, onde se movem os espíritos d'aquem e d'alem Rio-Real.

(*) Saudação ao Acadêmico baiano, a sessão de 17 de 7 de 945.

A vossa presença, nesta Academia, tem, pois, um ar de familiaridade. Ao revés de um estranho, sois para nós um parente espiritual, que nos veio ver e conversar. Quando aqui chegastes, trazeis já, de alguns de nós, o retrato mental. Dos nossos maiores, principalmente, tinheis, de cór, o perfil psicológico. **Garcia Rosa**, por exemplo, era vosso conhecido. **Artur de Sales**, talvez, vos tinha dito sôbre as esquisitices do homem e o lirismo do Poéta. Da velha casa, quase em ruínas, que, a custo, o Poéta transformou em nova, como se o rejuvenescimento do teto e das paredes valesse a construção de um mundo diferente e novo, onde o homem de velhos hábitos imutáveis estaria, por fôrça, como um inadaptado. Do horror quase fóbico às ruas movimentadas cá de baixo, onde o Poéta aparece como um fugitivo da colina amorável, que é, sem dúvida, a sua acrópole.

Estranha não vos era a figura magnífica do príncipe da oratória sergipana. Dêsse orador e dêsse jurista que os fados prenderam a Sergipe, com caprichos de arboricultor que desejasse ver, entre cajueiros, a vitalidade invejável e invejada de um carvalho solitário, de franças altas e amplas, cuja sombra é, em verdade, um mal medonho à rasteirice de arbustos famintos de sol. Dêsse **Carvalho Neto**, cujos talentos e cultura iluminariam qualquer cátedra da mais famosa Escola de Direito do País. Dêsse **Carvalho Neto**, cujas qualidades são negadas com aquele mesmo espírito de justiça do sujeito (da anedota que me contastes), negador sistemático das virtudes da terra baiana :

- “Nossas Igrejas?”
- “Nada têm de notável.”
- “E nossa culinária?”
- “Uma estupidez afro-brasileira.”
- “E nosso Rui Barbosa?”
- “Um bacharel como os outros.”
- “Mas . . . , homem de Deus, que acha das laranjas da Bahia?”
- “Não gostó delas: são doces demais.”

Não sois, em câmbio, para nós um desconhecido. Sabemos que tendes no nome **Praguer Fróes** o oráculo de um grande destino a que se tem conservado fiel a vossa vida. Sois professor de medicina, homem de letras, musicista, poliglota, colecionador de antiguidades, folk-lorista, que sei eu. . . Sois, a um tempo, sábio e artista. Em *Medicina Tropical*, pertenceis ao círculo das maiores autoridades do mundo. Conferencista, sois, das três Américas, Sendo artista e professor, sois um grande professor, porque não perderão, nunca, o sentido as palavras de Miguel Couto: “O talento e a perseverança, unidos ao mesmo indivíduo, poderão gerar o investigador, o filósofo, o sabedor e até o gênio, se êste não é senão uma longa paciência; mas, grande professor só será aquêle que fôr ao mesmo tempo um grande artista, capaz de se arrebatrar de paixão pelo seu ofício e de a comunicar com a mesma intensidade aos seus discipulos. Conheça a fundo a biologia normal e patológica, será um grande médico; apure ao extremo a utilização dêstes conhecimentos junto ao doente, acertando-lhe com a moléstia, mitigando-lhe as dores, dondo-lhe a cura, será um grande clínico; mas, grande professor de medicina só o será, se, sendo tudo isto, a sua alma vibrar ao contacto das verdades científicas, se souber achar no fundo árido, doloroso ou repulsivo dos fatos mórbidos a emoção estética e fôr-lhe a palavra tão vibrátil, quanto a alma, para traduzir essa emoção.”

Homem moderno, esportivo como um turista americano, tendes, contudo, pelo nosso passado apêgo de antiquário legítimo. Amais, eu sei, os móveis do Brasil dos velhos tempos, talvez, pelo motivo de que fala **Gilberto Freyre**: “um velho sofá do tempo de Pedro II parece acolher os amigos da casa com mais sincero “bom dia” dêste mundo, convidando-os a estar à gôsto e prometendo café ou vinho de genipapo. As modernas cadeiras muito mal dizem “bom dia”. Não convidam ninguem a sentar-se: recebem as visitas com cara feia.”

A vossa alma de artista advinha, interpreta e cria belezas. As coisas valem como meros estímulos à vossa sensibilidade. Não sois, como tantos, unicamente sensível às belezas monumentais e convencionais dos guias turísticos. Andastes, já, os caminhos de

quase todo o mundo. Admirastes as galerias do Louvre e as coleções dos museus americanos. Conhecestes, com emoção, as famosas catedrais da Europa. Todavia, encheu-se de vibrações a vossa alma, ante as velhas igrejas de nossa São Cristóvão. Sois, realmente, singular, Sr. Heitor Fróes. Ensinais, numa Faculdade de Filosofia, literatura francesa e andais colhendo versos do nosso folk-lore. Fizestes uma das mais belas traduções do If, de Kipling, e fostes, há dias, tomar nota do que a alma popular sergipana rabiscou nas paredes da igreja da Comandaroba. Ainda hoje, falastes aos médicos de Sergipe, sôbre a febre amarela na América. Ides, agora, conversar a respeito de humoristas nossos e alheios. Sem dúvida, estais certo de que o espírito, como as pedras preciosas, enriquece-se de brilho, na multiplicação das facêtas. E tendes razão.

. . . Sr. Heitor Prager Fróes, a "Academia Sergipana de Letras" vos saúda.



O RETRATO DE ARTUR FORTES (*)

Senhor Presidente do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE :

Ao trazerem para esta Casa uma dádiva que lhe enriquece a galeria plutarchiana de seus varões, os amigos de ARTUR FORTES não quizeram fazer em silêncio, sem algumas palavras. Por mais que reconhecessem a fidelidade do artista, nos traços e nas tintas, ao retratar a fisionomia do Mestre inesquecível, escolheram alguém para o trabalho comovente da dedicatória. Aqui estou, somente, para isto. Não será, nas linhas breves e sóbrias de uma dedicatória, o lugar para o estudo da personalidade de um homem, cuja vida deixou às tradições de nossa política, de nosso magistério e de nossas letras a herança de muitos exemplos.

Si o tempo parasse, ou a vida se extinguisse, nesta terra, com o efêmero das gerações presentes, de quase nada valeria êste retrato. Melhor do que êle, há dentro de nós, ao milagre da evocação, a figura rediviva do Mestre. Nos caminhos de nossos passos diários, sentimos todos a presença invisível de FORTES. Às portas das livrarias, no vício intelectual das tertúlias crepusculares, nós o encontramos na finura de uma anedota francesa, na sutileza de

(*) Palavras pronunciadas, na sessão de 23 de 7 de 945 do I. H. G. S., em nome dos amigos do Poéta.

um juízo literário, na citação erudita de uma passagem histórica. Nas "salas de professores" dos nossos ginásios, entre uma aula e outra, emquanto as gargantas cansadas recompõem, com o café pequeno, o timbre claro para a dissertação próxima, êle se encaminha até nós e entra em nossas conversas: a memória prodigiosa e a palavra milageira fazem para todos a síntese da última leitura. Nos pequenos círculos, à entrada das lojas elegantes, lá está êle, com a risada livre e inconfundível, arrematando a história galante ou a nota maledicente que alguém acaba de narrar. Fim do dia, em marcha serena de quem passeia, a caminho de casa, êle, às vezes, volta com a gente, multiplicando a distância com paradas írequentes, para nos falar dos triunfos escolares da neta querida ou recitar os versos feitos na última visita ao Recife. À noite, os que vamos ao cinêma, lá o vemos, sempre no mesmo lugar, denunciando-se com o riso largo, ante os diálogos espirituosos ou as atitudes risíveis dos bonecos. Quem, entre os seus amigos e discípulos, não sentiu a sua presença, nas ruas e nas praças, ao calor das vibrações humanas, no meio do povo, na madrugada do Mundo renascente, da Humanidade reconduzida aos dias da grande fraternidade? Quem, entre nós, não ouviu na voz dos oradores da Liberdade a sua grande voz? Quem, de nós, não viu o FORTES de pé, na tribuna do povo, falando sôbre a reconquista dos Direitos do Homem, incendiando ao fôgo de suas apóstrofes os cadáveres dos tiranos e os escômbros residuais da tirania? Nós devíamos ter ouvido a sua grande voz, erguida num hino de glórias, a todos os heróis e mártires da Liberdade. Aos soldados do Brasil que reafirmaram, nos montes nevados da Itália, o heroísmo tradicional dos seus maiores, que tantas vezes a sua palavra mágica de professor de História reconstruiu, aos nossos olhos, com um realismo de filme moderno. Ao povo da França, da sua doce França, na intimidade de cuja história êle aprendeu a lição de viver e morrer pela Liberdade. Quem não o viu ao nosso lado, trepidando de entusiasmo, ante os portões escancarados das prisões vazias? Ouvindo e vendo conosco que os homens libertos só trazem amor no coração e, nas palavras, u'a mensagem de concórdia, de grande concórdia brasileira, de uma imensa concórdia universal. Êle está conosco nesta

hora, em que, acima das discursivas de políticos ressentidos, uma voz grande se alevanta a conclamar pela ordem e pela união dos homens.

Mas, Senhor Presidente, o tempo não pára. A vida se há-de perpetuar com as gerações que virão depois de nós. Esta Casa, por ser do passado, é, especificamente, do futuro. Hoje, ela vale pelo que tem de ontem. Amanhã, valerá pelo que tiver de agora. Esta Casa é, sobretudo, da posteridade. Bem vale, aqui, o retrato de ARTUR FORTES. Os porvindouros hão de conhecer-lhe a vida. José Calazans e Freire Ribeiro lhe ensinarão, com seus livros, que, em Sergipe, um Poeta fez uma revolução para morrer em praça pública e que outro Poeta, menor e mais moço, esteve a seu lado, ardente e incendiado. Contar-lhes-ão as tradições de nossos colégios que o seu maior professor de História era um poeta magnífico, que conduzia ao peito uma rosa vermelha, a comenda que lhe conferiram a beleza e a sensibilidade. Dir-lhes-á a crônica parlamentar de Sergipe que houve, entre seus legisladores, uma voz respeitável, cançada da disciplina partidária, que se chamava o franco-atirador. Quando, enfim, nos dias do futuro, ARTUR FORTES fôr tão somente um nome, desligado, pelo tempo, de suas feições físicas, a que, ainda hoje está e, por longos anos estará associado, êste retrato valerá uma recomposição do homem aos olhos dos que o terão no espírito. Aí está, pois, Senhor Presidente, o retrato de FORTES. Reflete o professor, o político, o poeta, diante da vida. Reflete o homem, diante da vida. Como êle foi, ardoroso, sincero, desassombrado.

Os amigos de FORTES, os que lhe assistiram os sofrimentos de meses a fio; os que estiveram presentes à hora derradeira de sua grande vida; os que lhe escutaram as palavras ofegantes na medonha agonia e viram, nos seus olhos suaves e mansos, que a luz se ia, de-vagar, como num pôr-de-sol; os que, no palôr daquela face tranquila a que as barbas loiras e crescidas davam a serenidade de um mártir cristão, viram a vida fugir sem pressa; os que viram chegar a medicina para ensombrecer aquela consciência, que jamais desertara de outras lutas e aceitava, de frente, a que a morte lhe oferecia, têm de FORTES mais que um retrato. Têm de FORTES

u'a máscara. A máscara que, modelada aos traços de seu rosto ainda quente do último sôpro, nos está a dizer que, às vezes, os poetas morrem como os santos. ...

*

* *

Mas... Senhor Presidente, aqui vim, apenas, para trazer uma dedicatória. Ei-la:

Este é o retrato de ARTUR GENTIL FORTES. De ARTUR FORTES. De FORTES. Poeta, amou a Beleza. Homem, amou a Liberdade !

MUNDO

J. Pires Wynne

Êste mundo de Deus... A vida é quasi nada.
Um vagido no berço. Um suspiro depois.
Tão rápida — a chegar, na ilusão da chegada.
Tão rápida — a partir. Eis, ó vida, o que sois.

Um minuto no tempo. Uma manhã doirada.
Um abraço que liga duas almas. Dois
Corpos, duas almas. Um mundo. Linda escada
Que à vista se mostra e se some depois.

Esperança. Ilusão. Saudade e Desconfôrto.
Mundo novo a surgir de outro mundo já morto.
Perene alvorecer e perpétua desgraça.

Vida. Sonho de Amor. Um mundo que se inflama,
E palpita, e se vai na luz que se derrama,
E se perde e renasce, e, num momento, passa.

QUADRO

J. Pires Wynne

O seu piano, agora, a pequinina sala
Enche de meigos sons, E como é linda agora !
Executando Bach, Chopin, Beethoven, fala
Através do teclado. E êle escuta e córa.

Córa porque de amor o perfume se exala
Como através de um sonho a música da flóra.
Assim, no torvelinho, em segrêdos, estala
O coração, que canta, e que em silêncio chora.

Um idílio em surdina. Um som disperso e vago.
O mar alto a subir, invencível nas ânsias.
A ternura, a vagar, serena, à flôr de um lago.

Velho têma, talvez, e mesmas circunstâncias.
Um pássaro que vóa em busca de um afago,
Um ninho que se esconde e infindáveis distâncias.

CANÇÃO DO UNIVERSO

J. Pires Wynne

Não houve alteração nenhuma. Tudo morre
Como morrendo vinha há milênios. A vida
É sempre a mesma vida, e como um rio corre.
E rio, sempre assim, na perpétua corrida,
Levando as águas vai, refrescando as entranhas
Do mar, bruto feroz, sempre em luta renhida.
A linfa continua a descer das montanhas.
A Terra se revolve, atormentada e bôa.
E tú, homem de Deus, o que fazes? Apanhas
O doce fruto olhando a lúcila corôa.
Do Sol, forte luz, eternamente aberta,
A refletir o céu na pequena lagôa.
Nenhuma alteração. E na mesma hora certa,
Com a luz do sol, que surge e que também se escôa,
Canta o galo, e no campo o campônio desperta,
E já livre do sono, e pegado à charrúa,
Anda a mover a Terra, e na vala semeia,
E no labôr se esforça. Assim, lutando, súa.
Na cidade em tumulto ou na simples aldeia,
Nos longinquos sertões ou na alvacenta praia,
Onde o mar se debruça e dá beijos na areia...
Em tôda parte o mesmo anseio eterno e luta.
O dia surge e vai. A mesma luz se espraia.
E tú, homem de Deus, em perpétua labuta.

Um dia surge e vem logo após outro dia,
Cheio da mesma luz, e na bigorna o malho
Bate, sem descansar, na canção que batia...
A formiga — as migalhas carrega. O seu ninho
O bom pássaro faz trabalhando no galho,
Apanhando no bico as fôlhas do caminho.
A própria Natureza, eternamente em festa,
Não para, e no silêncio, em contínuo trabalho
Se renova, febril, renovando a floresta.
Não houve alteração nenhuma na corrida.
E não vale correr. O coração aflito,
Repetindo o seu sonho — a dôr da sua lida,
Num dia, sem penar, abafando o seu grito,
Coração renovado e renovando a Vida,
Rolará, como um sol, através do infinito.

Recepção de J. MAGALHÃES CARNEIRO na Academia de Letras da BAHIA

Saudação pelo Acad. H. P. FRÓES

Presidente e demais Acadêmicos
Ilustre Confrade MAGALHÃES CARNEIRO,
Senhoras e Senhores:

Não escapam as árvores frutíferas à pilhagem dos cobiçosos à sanha dos destruidores ou ao despeito dos que não têm capacidade para lhes colher os frutos ou não têm mérito para saboreá-los; outrotanto sucede com as Associações literárias — verdadeiras árvores cujas raízes mergulham no passado (daí seu redobrado vigor!) e cujos pomos têm sempre sabôr diverso, por isso que variável a composição da seiva à medida que transcorrem as gerações!

De qualquer modo, por maiores e mais numerosas que sejam as falhas ainda perceptíveis na organização e nas atividades de muitas delas, não são as Academias de Letras arquivos de meda-
lhões ou museus de notabilidades espalhadas... cujos representantes devam possuir, — como aquêlê celebre personagem de EÇA — um extraordinário talento, por isso que rara ou parcimoniosamente exteriorizado! Não são tampouco, Institutos de aposentado-
rias da decrepitude literária, nem silenciosos asilos de publicistas sem obras ou de literatos sem letras...

Em que pese a maledicência dos que nos invejam a estabilidade, o prestígio oficial e o crescente conceito na Sociedade; em

que possam influir os calhaus dos despeitados, que — como êles próprios — não nos logram sequer alcançar; em que possa acaso valer a gratuita antipatía dos iconoclastas e dos reformadores insaciáveis que se não conformam com a nossa feição conservadora... o fato é que representam as Academias a expressão mais alta dos valores estaduais, e pois da cultura nacional, e dão ao público que se interessa pelas belas-artes evidentes demonstrações de sua crescente vitalidade, seja na multiplicação das sessões ordinárias e das reuniões festivas como a presente, seja no valôr literário de seus órgãos oficiais ou através das múltiplas atividades culturais de seus componentes.

O que nos falece ainda, entretanto, é um intercâmbio mais frequente e mais acentuado entre as diversas entidades dos Estados, intercâmbio êsse que se tem quasi limitado aos Congressos bienais, convocados pela Federação das Academias de Letras do Brasil. Daí o agrado com que realizamos esta solenidade para a recepção do ilustre Vice-Presidente da Academia Sergipana de Letras, que há quatro décadas aqui se diplomara em Odontologia, e que ora nos visita numa missão cultural em que mutuamente se prestigiam as duas Academias, e de que decorrerá maior fortalecimento dos múltiplos liames que aproximam Sergipe e Bahia.....

Ilustre Confrade MAGALHÃES CARNEIRO:

Ouvistes o nosso Presidente decretar ditatoriamente que haveríamos de ser o intérprete dos sentimentos dêste Instituto, ao receber fraternalmente tão digno companheiro; tambem nos ouvistes declarar que difficilmente teria sido recebida com tamanho agrado uma ordem ditatorial, e bem compreendestes a razão de nosso ardor, aceitando sem hesitação tão agradável incumbência.

Consentireis, entretanto, que; procurando justificar-me ante o Auditório, com razão surpreendido por nos lobrigar em tais alturas, ousemos ponderar que ao descortínio de PINTO DE CARVALHO não haveriam de passar despercebidos os seguintes fatos, lógicamente determinantes de sua escolha:

PRIMO — A visita que tanto nos desvanece representa, de algum modo (com fartos juros, já se vê!) a retribuição da que fizéramos recentemente à terra de FAUSTO e de TOBIAS, a que ficamos unidos por laços de tão intensa cordialidade que, não satisfeita de nos haver cumulado de gentilezas, ligou-nos a prestigiosa Academia Sergipana a seu próprio destino e à sua própria glória, incluindo nosso nome no quadro de seus membros correspondentes, em a Cadeira de numero 2, de que fôra primeiro ocupante o saudoso e emérito LAUDELINO FREIRE.

SECUNDO — Sendo MAGALHÃES CARNEIRO atual Vice-Presidente do sodalício sergipano, fôrça era se elegesse para saudá-lo um titular de patente igual (ao menos oficialmente!).

TERTIO — Para dizer do visitante não haveria como fugir à escolha de algum confrade que mais de perto o conhecesse, e que tivesse lido ao menos uma parte de sua obra literária-capacitado assim para referir-se com certo conhecimento de causa à atuação do homenageado como Acadêmico e aos seus méritos de escritor e de homem de cultura.

Assim explica nossa participação direta nesta solenidade, cumpre-nos dizer a que vimos:

Numa instituição como a Academia Sergipana de Letras, em que o número de moços crece dia a dia, e cujos componentes mais experimentados em sua maioria conservam espiritualmente a juventude — destaca-se MAGALHÃES CARNEIRO, em plena maturidade orgânica e intelectual, justamente pelo dinamismo e pela mocidade do espírito, sendo unanimemente reconhecido como elemento dos mais entusiastas e esteio dentre os mais sólidos daquela ilustre Companhia. De sua dedicação e de sua operosidade tivemos indiretas notícias, ouvimos referências diretas e apreciamos demonstrações evidentes; por isso podemos asseverar sem exagêro que difficilmente nos teriam enviado representante mais ilustre e mais acreditado embaixador!

Aposentado nas lides educacionais, depois de haver servido patriôticamente seu Estado como professor de Geografia e Corografia do ATENEU SERGIPENSE; já numa fase da existência em que lhe assistia o direito ao pleno gôzo do *otium cum dignitate*; e a

despeito de sua alentada bagagem literária — como autor de novelas, de romances e livros científicos, como homem de imprensa, cronista e historiógrafo, como polemista, como filósofo e como professor — continúa MAGALHÃES CARNEIRO em plena forma intelectual, a trabalhar, a pesquisar, a produzir: Assim é que o novelista de “Galdino Cupido” e “Silvia Giorelli” nos promete para breve uma terceira novela — “Sujeira”, e o filósofo de “Deus e o Homem” (quê é o mesmo autor comedido de “Senso Estético” e “Saude e Longevidade”) já nos acena com um conjunto de selêtas crônicas luminosas a que conferiu paradoxalmente o título de “Lâmpadas queimadas”...

Do mesmo passo serão dados a lume, oportunamente, pelo festejado biógrafo de SILVIO ROMERO (patrono de sua Cátedra na Academia) mais dois romances psicológicos — “Veneno Doméstico” e “E assim se desvaneceu aquele sonho”...

A propósito do conhecido autor da “História da Literatura Brasileira”, praz-nos recordar ao auditório ter sido MAGALHÃES CARNEIRO um dos mais queridos dentre os seus íntimos, já pela afinidade intelectual e pela concordância de pendores literários, já pelas ligações de parentesco, pois se consorciára — já duas vezes viuvo — o grande literato sergipano com um tia materna do nosso ilustre visitante. Daí o grande valôr de seu livro “Sílvio Romero na Intimidade”, que, sem as indiscreções irreverentes de um JEAN-JACQUES BROUSSON ao gizar “ANATOLE FRANCE en Pantoufles”, nos oferece um retrato fiel e seguro do grande estudioso de nossa cultura e de nossas letras. Permita-nos, ademais, o prezado Confrade MAGALHÃES CARNEIRO uma referência ao alto conceito em que o tinha SILVIO ROMERO, que o considerava inimitável — dentre todos os que cultivaram esse gênero literário, no Brasil — ao gizar pequeninas crônicas ou instantâneos literários nos moldes d’“A PÊNDULA” e outros delicados micro-poemas que constituem um dos seus primeiros livros — intitulado “SOMBRA”.

...E como nos fôge o tempo, sirva de aviso e exemplo a referida “PÊNDULA”:

“Infatigável a velha pêndula exata prossegue sua interminável tarefa, a marcar e a bater imperturbavelmente as horas sucessivas.

“Abrolhem la fóra, floresçam e se extingam gerações e mais gerações.

Esplenda a Natureza no alácere murmúrio das méssees, ou emudeça no silencioso pavôr das catástrofes... e o velho relógio, recolhido, só atento ao rigor de seu trabalho, é a tudo indiferente...

“Tal qual essa velha pêndula exata é meu pobre coração.

Atento à dor que o tortura, não o comovem mais as alegrias loucas da vida, nem o próprio sofrimento alheio”.

Em “Ouro na Terra” — uma excelente conferência publicada em 1936 — fala-nos MAGALHÃES CARNEIRO nas fabulosas minas de BELCHIOR DIAS, em vão buscadas há mais de três séculos, e que lhe parece razoavel localizar na pitoresca e inexplorada Serra da Miaba, cujos contra-fortes se visualizam de lá das alturas de sua desacreditada rival — a Serra de Itabaiana...

Aí têm, numa síntese forçosamente imperfeita o perfil acadêmico e a expressão cultural do ilustre e despretencioso polígrafo sergipano, em quem com tanta felicidade se casam o valor e a modestia, o mérito e a bondade, a operosidade e o saber.

Não terminaremos sem insistir na importância da visita que nos faz MAGALHÃES CARNEIRO, e que se não limita a uma já de si significativa, missão de cordialidade, mas nos proporciona a ocasião de ouvir-lhe a palavra amena e elegante, plena de humor e referta de erudição.

Vai falar-nos sôbre “SUPERSTIÇÕES” — o que nos faz recordar um episódio sucedido em nossa residência, com certo pro-

fissional cujos serviços haviam sido solicitados para um trefego perdigueiro inglês de estimação.

Entrara o veterinário pela porta principal, que dá para a Avenida Oceânica (oficialmente GETULIO VARGAS e, como, reduzida a fratura do animal, pretendesse tomar um bonde para regressar ao centro da cidade, foi-lhe sugerido sair pelo portão oposto, que — por feliz coincidência — está fronteiro ao ponto de parada dos famigerados veículos; evitaria assim o profissional visitante uma caminhada desnecessária, contornando meio quarteirão...

Eis senão quando nos surpreende com esta impressionante resposta, enunciada com dignidade e fanqueza: “Não é que eu seja supersticioso... mas, se me derem licença, prefiro sair pela mesma porta por onde entrei !”

De nossa parte, desempenhada a honrosa tarefa que esta Academia nos confiou, alegramo-nos em oferecer a tolerante assistências as homenagens de nosso almejado silêncio, e — por via das duvidas — retornaremos pelo mesmo caminho à Cadeira que de início ocupávamos, não sem resumir em três singelas palavras o objetivo colimado nesta desataviada oração:

Sêde bemvindo, Amigo !

PALESTRA DO PROF. MAGALHÃES CARNEIRO, NA
"ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA" REALIZADA A 12
DE SETEMBRO DE 1945 EM S. SALVADOR

Meus Senhores:

Eu bem sei em qual temperatura agregaram-se partículas para formar êsses grandes astros que ainda agora fulgem vitoriosos nos claros céus do Brasil. Castro Alves, Rui e Seabra, como se a glória de um só dêsses homens privilegiados não conferisse à Bahia a auréola que a circunvolve, marcando-a à vanguarda dos mais altos centros culturais enobrecedores, enriquecedores do patrimônio mental do País.

Na poesia, na jurisprudência e em tudo, na política, criaram êsses numes tutelares êste clima permanentemente propício ao abrolhar de novas gerações nesta grande terra, pela História fadada, no passado, no presente e no futuro, à elaboração de todas as origens. Que sei eu, Senhores, para vos dizer daqueles sóis, para vos falar de outros que os sucederem, dêstes que aqui se projetam pelo pensamento palmilhando a mesma luminosa estrada?! Dos confins de minha província até aqui cheguei numa missão honrosa e também para rever a terra cuja grata imagem a mão pesada dos anos não consegue apagar no quadro de minhas amoráveis recordações. Por subir esta tribuna, que sei frequentada por expoentes da intelectualidade local, não me há caber responsabilidade alguma. Pelo meu provável insucesso, responderá êsse homem brilhante que é Heitor Frois pois quasi só a êle devo esta aventura, o risco de aqui me achar. A mim, Senhores, não há de entretanto acontecer o que a Heitor Frois aconteceu em Sergipe.

Ali chegou certo dia como uma ave que procura um poiso e foi abrigar-se na “Academia Sergipana de Letras” que lhe pareceu propícia ao descanso de seu espírito fatigado. Não pôde, todavia, descansar. Uma multidão invadiu o Sodalício e, se ali fôra sedenta, de lá não regressou à procura de outra caudal, de outra fonte mais rica. O conferencista exímio, de seus cabedais, deu à Sociedade Sergipana muito mais do que, por sua sólida e profunda cultura, lhe competia dar. E daquele acontecimento, tão grato à sensibilidade da gente de Sergipe, ficou um éco que não se extinguiu ainda. Relativamente à minha pessoa, senhores acadêmicos, receio aconteça o contrário nêste momento. Palestrarei, todavia, convosco, embora tenha quasi a certeza de que éco algum de minhas palavras, por descoloridas, ficará aquí ressoando. Ouvi-me, todavia; confiarei na vossa indulgência, para receberdes pelo meu intermédio as homenagens da “Academia Sergipana de Letras”.

Desde que elegi a superstição em assunto ou tema para esta rápida palestra, compreendi a necessidade de um estudo preliminar do medo que, como demonstrarei adiante, baseia a superstição típica. Melhor do que Sinibaldi, não conheço autor algum que mais claramente defina o medo ordinário. — “É uma trepidação do ânimo”, diz êle, pela apreensão de um mal próximo”. Em medicina só o medo patológico, doentio (a fobia) merece relativa atenção. Gelineau, por exemplo, vê neste último tipo de medo apenas um mero sintoma: não o leva aos quadros das enfermidades mais sérias. Concebe-o como um produto quasi sempre de uma comoção muito forte, não sendo passageiro como o medo ordinário que é a trepidação momentânea do ânimo determinada pela apreensão de um mal próximo.

Como tipo de medo ordinário — trepidação passageira, cita-se o medo que acometia Henrique IV ao primeiro contacto com o inimigo, ao comêço das batalhas.

Sentia aquele guerreiro tal angústia naqueles momentos que o fazia apcar-se do cavalo. Reagia, não obstante e, quando penetrava as hostes adversárias sua energia, sua bravura era positivamente espetacular. A perspectiva de aniquilamento, causava-lhe a trepidação, abatia-lhe o espírito e, só reagindo, sentia ferver-lhe o sangue, boiar-lhe no ânimo aquela coragem que o tornava um flagelo para o inimigo...

Como o medo doentio, para mim uma exaltação do medo ordinário, e que tem na permanência uma das suas características mais fortes, tem-se o temor que certas coisas infundem aos doentes durante tôda a depressão, que é a fase mais penosa no curso de uma neurastenia muito aguda, por exemplo; o medo do exterior e, muito mais pronunciado e constante, o medo da morte. Quando se quis saber, conhecer a origem, as causas determinantes da trepidação do ânimo ou seja do medo ordinário, atribuiu-se o distúrbio à hereditariedade. O medo seria um tique hereditário. O homem primitivo era fonte derivante do medo então inerente a tôda a espécie. O bípede hirsuto das cavernas, com efeito, dominava, abatia denodadamente exemplares monstruosamente alentados da fauna contemporânea. Tremia covarde, todavia, das avalanches e muito mais do estampido que nos dias e nas noites tempestuosas sucede ao desferir da fâisca elétrica. Sofria, como nós outros, experimentava a trepidação. Aqui, não obstante, não seria oportuno perguntar, querer saber de quem, para nos transmitir, teria adquirido a faculdade aquele ancestral peludo e bisonho? Se em tôda a Criação fôsse o homem o único animal que experimentasse trepidação em seu ânimo na proximidade de prováveis males, ainda assim, quero crer, não se deveria considerar o medo ordinário um tique a nós trasmitido pelos nossos ancestrais. Dando-se de barato que êles, os homens das cavernas, sentissem na presença de cataclismos êsse mesmo medo que ainda hoje em igualdade de condições, nós o sentimos, por sua vez, de quem haveriam então êles adquirido a capacidade para a trepidação e nô-la transmitirem? Aí, abre-se aquele vácuo que a ninguem é dado penetrar...

Se não é só à espécie humana que falece integridade de ânimo na perspectiva de males próximos, se bem conduzirmos nossa observação, chegaremos à evidência de que até no mundo botânico as próprias plantas sentem medo. A pudicícia da sensitiva, um reflexo para o comum, não será porventura, uma expressão de medo? !

Baldada, parece-me, tem sido tôda tentativa no sentido de encontrar a origem do medo na espécie humana; as causas determinantes dessa trepidação de ânimo que experimentamos pela apreensão de um mal próximo. Uma floração do instinto de conservação, como quer alguém? Insuficiências glandulares, imperfeições metabólicas?

Melhor, muito melhor será então aceitar o medo, considerá-lo um produto de repressão de impulsos naturais que através o tempo vimos sofrendo pelo guante da famigerada disciplina doméstica ou da educação em geral...

Superstição.

Berry considera a superstição uma espécie de erro, fundamentada na insegurança. Eu a considero, em regra, uma floração de incultura numa base de medo. Será isto e aquilo uma mesma concepção? Nêste capítulo de superstição será de bom método estabelecer diferenciação entre superstição típica e a simples credice.

Deve ser feita a diferenciação porque, enquanto, como mostrarei, a superstição típica tem como princípio fundamental o medo, a credice inspira-se num plano de pura conveniência. Vejamos um exemplo de superstição em sua base de medo: Muita gente medrosa exprime seu temor, pelo esconjuro, se do alto de um campanário ou de pleno vôo o piar de uma coruja profana a placidez noturna. Para essa gente o piar da ave detestada é um aviso de morte ou pelo menos de desgraça iminente. Ora, ninguém se sentiria à vontade pressentindo iminente, um mal mortífero, a ameaça, v. g., de uma catástrofe terrível.

O medo destas coisas é insuperável. A coruja é, com efeito, uma ave infeliz. Seu pio não comove como o canto terníssimo dos Yapurus ou o dos roxinóis. Compõe-no uma só e longa dissonância — “o rasgar da mortalha” como se parece ao senso comum.

É infinita a série das superstições típicas, aquelas que têm o medo como princípio fundamental. Sabe-se que, em geral, a morte é o ato que gera o maior medo. Uma desgraça qualquer, uma idéia de desgraça, todavia, causa-nos igualmente forte trepidação no ânimo; e daí as superstições fundamentadas no receio, no medo da desgraça que nos possa atingir. A presença inesperada de uma borboleta negra no lar, gera a idéia de morte ou de desgraça, e a presença da borboleta, funcionando como um aviso dessas cousas indesejáveis, muito perturba os supersticiosos. Parece-me que está apenas na côr negra do lepidótero a ligação do seu súbito aparecimento com a morte ou com a desgraça; pois sempre se diz serem essas duas camaradas umas criaturas muito negras...

O famigerado número 13, sendo apenas uma expressão de quantidade, supõe-se conduzir uma carga considerável de infelicidade. Amedronta em tão alto gráu os supersticiosos, que já honve uma senhora que ao dar à luz o seu décimo terceiro filhinho rogou ao marido que o matasse imediatamente ou então se apressasse em fazer vir ao mundo mais um outro pimpôlho... Fundamentadas em medo de morte ou de desgraça, pode relacionarem-se muitas coisas promotoras de superstição típica. Um gato preto, um galináceo arrepiado, palmas na porta lateral, cruzamento com entêrro, fogo feito por menino à porta da rua, vestir às avéssas, ouvir o pássaro buraco-feito, olhar defunto sem rigidez e superstições outras tantas típicas, por se fundamentarem em medo de aniquilamento ou do acúleo de uma desgraça qualquer.

CRENDICE

Caracteriza-se a credice pelo seu fundamento.

Enquanto a superstição típica é gerada numa base de medo, a credice inspira-se num plano de mera conveniência. Não a promove o medo da morte ou o receio da desgraça. Não é o temor do aniquilamento ou o receio da infelicidade que a fundamenta, que a origina. É curioso notar de que maneira em regiões mais incultas a credice floresce. Na África, na Groelândia é imenso o seu florilégio. Entre nós outros civilizados, todavia, a credice campeia.

Vejam os alguns exemplos fundamentados na conveniência. O canto do pitiguarí prenuncia felicidade próxima. Quem ouve este canto agita-se; êle é a voz amiga que avisa da aproximação de um bem indefinido. Ser feliz, banhar-se em ondas de felicidade é coisa boa. Sentir comichão na palma da mão esquerda quer dizer que uma magnífica situação econômica ameaça endireitar-nos ou doirar-nos muito mais a vida. Usar um véu de noiva imediatamente depois de servir no ato do casamento traz às senhorinhas casadoiras esperanças fagueiras.

Achar um trevo de quatro folhas é como encontrar um rico filão de coisas ótimas e tanto mais que se ajusta nesta ordem de credence com uma base muito frisante na conveniência. Mas o que mais caracteriza a credence por aquela base são abusões outras positivamente legítimas.

Quebrar um espelho! oh! o desastre que nos vem ferir é infalível. Esta credence deve ter sido criada a partir da época em que os espelhos entraram em uso. Todos nós sabemos que os primeiros espelhos de vidro eram caríssimos desde que eram um aperfeiçoamento novo e de luxo. Fácilmente quebráveis pelo frágil da matéria da composição, sua destruição pelos menos cuidadosos não seria agradável e, daí a criação da credence como medida de defesa dos responsáveis pela economia doméstica.

Cuspir para o alto é um grande pecado. Cospe-se para Deus. Aí entram as vantagens da hygiene: cuspir para cima pode equivaler a um tiro pela culatra da arma... Deixar aberta a mala de roupa é muito máu. Lembra a cova, a boca escancarada e àvida da sepultura a espera do cadáver que vai guardar, que vai devorar. Algum ratinho destruidor ou uma colônia de baratas pode alojar-se na mala; e ninguém queira saber...

No domínio da conveniência ainda se pode considerar o ato do sal ao fogo para que o visitante cacête se retire incontinentemente; ou o viramento da vassoura ao canto da cozinha. Eu não sei se estas providências são eficazes nos casos em que são tomadas. A verdade entretanto é que dentre nós todos aquí presentes, raros serão aqueles que em cordiais visitas já não tenham sentido súbitamente

um desejo louco de dar o fóra e êste anseio em muitas ocasiões inexplicável...

Quando se tem que transpôr uma porta ou saltar em terra estranha, deve evitar-se o salto com o pé esquerdo. Neste geito o salto acarreta infelicidade.

Tudo quanto se tente realizar na terra estranha fracassará. Em tôda a semana, a sexta-feira é um dia aziago por ser o dia das almas. Muitas pessoas de negócios evitam negociar nesse dia. — Cantar o galo às 20 horas cria um presságio vexatório, indica moço a fugir.

Certos pais de família quando ouvem êsse canto àquela hora perturbam-se intensamente. Onde estarão as filhas casadoiras. Uma inspeção se impõe e é feita incontinenti. “Seguro morreu de velho” — dizem aqueles pais de família e acrescentam: Galo não mente...

A propósito de galo, conta-se que certo farmacêutico em dia de feira na localidade de sua residência, foi solicitado por uma matuta, típicamente matuta, para uma mêzinha eficaz no paludismo. O enfermo era o marido, com dois acessos diários. O farmacêutico ouviu-a... Concordou no diagnóstico e mandou-a esperar enquanto manipulava o remédio. Pronta a droga em pílulas, entregou à fregueza, recomendando que dêsse uma pílula ao marido de hora em hora. — Tá bom, disse a matuta; mas advertiu: Diacho é que não temos relógio para marcar a hora. — Não tem relógio, estranhou o farmacêutico e perguntou: E galo, você não terá no terreiro um galo cantador? — Galo temos, disse a matuta, e até bom. — Então dê uma pílula sempre que êle cantar, aconselhou o boticário. A matuta pagou e se foi embora. Na feira imediata, quer dizer, oito dias depois, apareceu a mulher na farmácia e desta vez com ar desconsolada. O boticário atendeu-a de preferência a outros fregueses. — Então, aposto que seu marido não morreu, não é verdade? perguntou. — Não morreu, não senhor, está na mesma. Quem morreu foi o galo. Quando lhe dei a terceira pílula não cantou mais; bateu asa e morreu, contou a matuta. O farmacêutico, diz-se, ficou com cara de poucos amigos.

Parar, estacar em encruzilhada ninguém deve fazer. Tira muito a sorte. Ora, por todo êste nordeste, é sabido, briga-se por dê cá aquela palha. O ânimo belicioso, rixento dessa gente é proverbial. E a eliminação do inimigo muita vez feito por não nada, era até pouco tempo um hábito tão reprovável quão difficil de curar.

A encruzilhada era sempre o ponto preferido pelos caibras para o "piquete", a "tocaia". E daí o alvitre sob a forma da crendice. Os viajantes, as pessoas que percorrem certas regiões do Nordeste ainda hoje notificam em cada encruzilhada uma ou duas cruces tôscas assinalando sepulturas. Benzer-se ante um espejeiro de animal cavalariço, é esconjuro contra lobis-homem. Lembro-me de que surpreendendo um matuto a benzer-se ante um espejeiro, perguntei-lhe se acreditava em lobis-homem. — Se acredito, disse êle, escandalizado de minha pergunta. Até conheço um amarelo que vira e é no espejeiro que desencanta. Revolve-se pra aqui, revolve-se pra ali até desvirar. — Pois só acreditaria, disse eu, se algum dia me mostrassem um rasto de lobis-homem. Creio que ninguém jamais viu o que exijo para me render à crença. — Ninguém não vê não, meu senhor, volveu êle entristecido. E sabe vossa mercê por que? Porque o lobis-homem caminha um palmo acima da terra. E saiu-se-me ainda com esta: Do diabo também ninguém vê o rasto e vossa mercê seria capaz de negar o diabo?! É muito frequente a crendice entre caçadores e pescadores. Para um caçador o dia e especialmente a noite de sexta-feira é fatídico. A caça não aparece e quando, o que é raro, os cães a encontram nunca conseguem dar-lhe corda. A caípora protege a fauna noturna nessas noites, e contra sua ação — o desnorteamento dos cães de caça, nem fumo que se lhe deve ofertar a sensibiliza. Quem pesca, se está só, não deve lembrar-se de pessoas mortas; se está acompanhado não deve versar êsse assunto. O peixe cegarâ, não distinguirá absolutamente a isca. Virar o cós da saia, por um esporeio em certo sentido, atina-se logo o local onde se encontra aquilo que se perdeu e não se acha.

Até no domínio dos sonhos se intromete a crendice. Sonhar com cõbra é contrariedade que vem na certa. A crendice aí, o que é singular, baixa em incoerência. Se, desacreditando o augúrio da contrariedade, torcemos o sonho, transformando-o em palpito para

jôgo, a credence triunfa. No primeiro dia, salvo exceções, dará curso em vez da cobra; no segundo o tigre, no terceiro o leão, no quarto será a nossa tranquilidade que estará em jôgo...

Sonhar com doce, é desgosto. O desgosto é amargo. Que fará no caso por exemplo, a ligação da sacarina aos princípios travosos do absinto?

A superstição e a credence serão um bem ou serão um mal? Se são um mal creio que só pela cultura que tudo esclarece se poderá reagir a elas ou eliminá-las do espírito. Quando se sabe que o uivo do cão nada mais exprime que um desejo, uma saudade muita aguda de um amigo ausente, de um abrigo, de uma lareira nas frígidas noites de inverno, por nada recearemos seu lamento.

O uivo do cão exprime apenas saudade que sendo no dizer do poeta... — o delicioso pungir de um espinho muito acerbo, por ser delicioso êsse pungir, não nos trará mal algum.

À MEMÓRIA PATERNA

(Capitão José N. C. de Menezes)

EPIFÂNIO DÓRIA

Si vivo fôras, pai idolatrado,
Exemplo de bondade e de cordúra,
Nêste dia terias completado
Teu século de vida nobre e pura.

Fôste, porém, feliz, oh! pai amado,
Cêdo ainda descendo à sepultura,
Para dormir o sono sossegado
Em que o pesadêlo não figura.

Acredito, bom pai, que não levaste
Um cabedal crescido de saudade
Dêste planeta hostil que palmilhaste.

No entanto tu, devoto da bondade,
Um mundo déla a me pungir deixaste,
Dêsde o teu vôo para a Eternidade.

Aracaju, 12 de Outubro de 1938.

RESSURGE, ITÁLIA

EPIFÂNIO DÓRIA

Não compreendo o destino,
Pátria soberba de Dante,
Que te fez dum assassino
Fácil prêsa, num instante!

Ergue o colo, Itália ovante,
Ao teu mais alto Apenino...
Sái dêsse jugo humilhante,
Oh! mãe do povo latino!...

Revive a glória romana
Contra Cartago indomável,
Varrendo a horda germana

Dêsse teu solo adorável.
Ressurge heril, soberana
Dêssa lameira insondável!...

Aracaju, 18-8-1943.

QUADRINHAS DESPRETENCIOSAS

EPIFÂNIO DÓRIA

A vida alheia respeite,
Seja da paz sempre amante:
Com rancores não se deite,
Com ódios não se levante.

“A inveja matou Caim”.
Guarde bem ésta lição,
Quem, invejoso e ruim,
Odiar a seu irmão.

Segundo velho preceito
É a lingua quem nos mata.
Ponha, pois, cóbro na lingua
Que muito a lingua desata.

“Água móle em pedra dura,”
É do povo um bom dizer,
“Tanto bate até que fura”.
Quem persiste há de vencer.

“Quem bem ama bem castiga”.
Pancada de amor não dói.
Sem dente ninguém mastiga,
Quem não tem trigo não mói.

“Quem porfia mata a caça”
Gosta o povo de dizer;
Sem constancia nada faça,
Si quer na vida vencer.

“Muito fala quem se cala”,
Aí vai boa lição,
Quem souber aproveitá-la
Jamais ira contra a mão.

Seja sempre comedido,
Saiba excessos evitar,
Que nem sempre o arrependido
Logra ao castigo escapar.

Pise no chão com cuidado
Que a terra é cheia de espinhos,
As vezes vem simulado
Falso amor entre carinhos.

Ninguém diga: deste agua
Jamais terei de beber:
Ninguém sabe onde desagua
A sorte no seu correr.

Quem tenha amor escondido,
Com medo de o revelar,
Não fale desprevenido
Si não quer depois chorar.

Para o mar correm as aguas,
Corre o sol para o poente,
Correm velozes as maguas
Caindo nalma da gente.

Quanta gente nêste mundo
Vive a mostrar alegria,
Quando desgosto profundo
É seu pão de cada dia:

“Quem tem amor tem ciúmes”,
É “quem desfaz quer comprar”.
Isto é faca de dois gumes
De que não posso gostar.

“Quem tem amor tem ciúmes”
“Quem tem ciúmes quer bem;”
Leve o diabo os amores
Que dentro ciúmes tem.

Diz o adagio que a dor
É que ensina a gemer,
Saiba, pois, quem duro for
Os seus acúleos temer.

**DISCURSO DO ACADÊMICO MARCOS FERREIRA, POR
OCASIÃO DA POSSE DO DR. LUIZ PEREIRA DE MELO
NA CADEIRA VAGA COM O FALECIMENTO DO ACADÊ-
MICO RANULFO PRATA.**

Inda bem que a vossa bondade, Sr. Presidente da Academia Sergipana de Letras, buscou aquêlé que foi na vida e continua em memória, o mais dedicado amigo de Ranulfo Prata, que, neste instante, estende o manto de recordações sôbre nós nesta festa de arte.

Permiti, que, agradecendo-vos, me queixe de vossa generosidade, no que me distinguiu a mercê que me fizestes.

Colocastes-me num ângulo miraculoso do tempo, em cujo vértice, olho o passado e vislumbro a penumbra da morte a envolver, no seu sudário, alguém que passou, deixando um rastro de luz como o clarão de certas estrelas. Voltando-me para a presente vejo mergulhado na alegria alvorecente e franjada de festivas emoções, o novo companheiro que me destes a honra de saudar.

Sob imperativo destas duas tão profundas impressões, retorno ao passado, envolvido em suave melancolia de bem gratas recordações amigas, mesmo assim, jubiloso, porque sinto e vós comigo, que êle, cada dia está mais vivo e sempre ao nosso lado, impercível na beleza e grandiosidade de sua obra, tal como pensou e escreveu de um amigo. Neste compungir de tão doloroso recordar revejo, junto a mim, aquêlé formoso espírito projetando-se aureolado, no perpétuo banquête da inteligência. Viviamos então estreitados numa amizade muito nossa.

“Amizade, que, no dizer de Cícero, traduzido pelos classicos Damião de Góis e Duarte de Rezende, não é outra cousa senão um final consentimento de tôdas as cousas divinas e humanas com

benquerença e caridade. Não sei, continua o grande orador romano, desdobrando sua afirmação, se, tirando a sapiência, há outra coisa melhor, que os imortais deuses concedessem aos homens que a amizade.

Nenhuma outra causa é tão apta e conveniente à natureza humana, assim para as cousas prósperas, como para as adversas. E portanto os ausentes são presentes, e os necessitados são abastados e o que mais caro é dizer, os mortos vivem, pela muita hora, memória e desejo, que os seguem de seus amigos.”

Bebendo o filtro encantado desta consoladôra saudade, nem já sei se as imagens de hoje correspondem às verdadeiras. São exaltados sentimentos queridos, explodindo num estado de plenitude, em que, imediata concordância se estabelece entre o meu espírito e o ambiente em que viveu e pontificou Ranulfo Prata. Tempos idos e vividos, foram aquêles, em despreocupada faze estudantil, tão gratos às recordações de agora. A inteligência enriquecia-se deslumbrada e o mção, que se mostrara sob calôr de um impenitente estudioso, era a própria doçura levemente acidulada por umas gotas de ironia.

O temperamento amadurecia contemplando a vida com ardente fé, como se cada novo dia ela renacesse para nova aspiração, com aparência nova, convencido de que a felicidade consiste não em possuir, porém no constante aneio de realizar. Foi aquêles miniaturista singular das letras, um convertido iluminado, de alma cristã, como diria Junqueiro, resumindo-se em caridade, em bondade, em simpatia pela dôr.

Desta forma, os prelúdios de sofrimentos borbulhavam na alma adolescente, marcando, com buril de fôgo, o travo profundo que lhe deixaram no coração, as labarêdas da chama interior, tão cedo apagada. Enternecia-se com as lágrimas dos humildes, comovendo-se com suas desventuras. Abominou o orgulho, a arrogância, a crueldade, a dureza, a hipocrisia, sentindo-se bem com os simples, os deserdados e as vítimas. Passou, na terra, encarando a vida como beleza real, transfigurando-a e sublimando-a em beleza ideal e criadôra. O sofrimento de Ranulfo Prata, foi a entrada espinhosa e sombria que o conduziu, abarcando tôda aquela exis-

tência, tão sombria e profunda que êle dizia: “quando o homem se transvia e o mal lhe turva a alma de impurezas, Deus confia ao sofrimento, que o envolve nas suas chamas purificadoras. O sofrimento tem, pois, na ordem física, como moral, uma verdadeira missão: educa e corrije”. Sua obra foi um inesgotável caudal, onde extravasava a infinita sensibilidade de sua inteligência, voltada carinhosamente para o estudo e observação da gente simples, e retratou o coração nos seus mais escondidos refolhos de bondade. Aquêlê mágico socialista a Leão 13, consumou-se no artista descritivo dos pequininos trabalhadores sertanejos do interior sergipano.

Os tantáculos cosmopolitas do meio paulista não conseguiram esmaecer, no escritor nordestino temperado de tabaréu, o acendrado amor ao recanto nortista onde viveu e frandejou a melhor de sua obra.

Residindo em S. Paulo, ventos Galernos tangiam o seu pensamento para Sergipe, na galope da imaginação privilegiada e de cá, levou trabalhada a urdidura da obra, cujas figuras primaciais aqui viveram, embora lutassem lá no sul, naquêlê anseio imigratório muito nosso feitio de filhos de Estado pequeno e pobre, tôdas pôr sem dúvida, desejosas de retornarem à vida aldeã donde partiram, sonhando uma linda miragem de fartura. Conheci aquela gente. Certa vez mando-lhe a noticia da morte de zé Paturéba, figura típica que êle tão magistralmente descreveu. Era assim que êle ia surpreendendo, bem no íntimo a alma do homem tabaréu, numa incontida e insatisfeita ância de perfeição. Na fazenda, sentado no terreiro, ouvia histórias da gente aldeã, ou na pacata monotonia dos horisontes rasgados de luz, de Simão Dias, debuxou êle o arcabouço da obra, que o imortalizou no cenário literário do Brasil. Foi um enamorado da Gente sergipana. Certa vez, escreveu-me: “estou com vontade de dar um volume de contos uniformes com o título de Nordestinos, de cousas só daí. Mande-me alguns motivos que se prestem; que é o sertanejo, a sua imagem, bruteza, hospitalidade, amor, grandeza d'alma.” Formava desta maneira o assunto escolhido de seus livros e vive ainda hoje muitas figuras originais de suas obras, nas ruas de Simão Dias, tão pro-

fundos foram os traços que o Mestre do romance deu ao tipo que descreveu com perfeição. Ranulfo estreou, nas letras, como um escritor vitoriosamente certo da missão que o levaria a conquista de um nome laureado.

Seu primeiro trabalho, o tropeiro, conto publicado no jornal A Tarde, de Bahia, marcou a intensa compreensão do sertanejo sofrendo e lutando, com o arranco brutal do homem rude e bom do interior, e o seu nome firmou-se no panorama literário acadêmico da cidade. Observador consciencioso, guardava as componentes que serviam de orientação aos espontaneos impulsos do pensamento, realizando a obra imperecível que nos deixou. Aquele talento voltado ao estudo do homem humilde, conhecia fundamentalmente o coração e sabia que a verdadeira felicidade está no homem sem história. O traço inimitável do seu feitio mental foi aquêle estilo de conversa íntima, com que retratou as figuras dos seus livros, com um consumado poder de simplicidade descritiva, onde se tornou artista impecável. Privou da intimidade de Jackson de Figueirêdo, de quem recebeu profundos ensinamentos e conselhos. O Mestre, ardente na arremetida, rompia impetuosamente; cavaleiro cruzado duma brilhante faze histórica social brasileira; o discípulo, manso, escondido na candura de um detramento nunca esmorecido, ambos defendendo os mesmos postulados de fé, abraçados a um sentimento de crença luminosa, porque criam em Jesus, que é ao mesmo tempo a graça das graças e a virtude das virtudes na sublime expressão de Mauriac. Apaixonado de Camilo Castelo Branco, estudou-lhe a multifaria obra com dedicado carinho. Mais que tudo refloresceu, na contínua ação do seu espírito, aquela simpatia humana, plena de claresa e honestidade, de pensamento e expressão, na magnífica sinfonia de seu estilo filigranado. Viveu num mundo de sentimentos elevados. Refletia o coração e assim se expressara em conferência realizada em Santos. A verdadeira vida é a espiritual. Buscando-a e aprofundando-a, não fazemos mais do que aperfeiçoar o que há de melhor em nós, do que desenvolver o lado essencial que constitui a nossa individualidade. A espiritualização é o primado da vida humana, seja ela qual for, cristã ou não”

Ranulfo diplomou-se, no Rio, ficou em dívida com a velha e querida Baía dos estudantes, nasceu lá o verdadeiro gosto pelas letras. Demos rumo diferente aos nossos destinos, um seguiu rumo ao extremo norte, a mergulhar a alma na maravilha infinita do senário amazônico ou andino, o outro procurou, no sul, o centro requitado melhormente propício aos seus pendores espirituais levou êle na sua bagagem de estudante provinciano um livro. Era a vida de Simão Dias, Anápolis, naquela época, pintada no feitiço de seus laçarotes de enfeites. Vejo, ainda agora, no silencio daquelas ruas, cheias de paz singela, e Dr. Quincãs, Dr. Pereira, o João das Dôres, contra mestre da Lambe tudo, filarmônica local, que ainda hoje executa, na praça, suas tocatas, aos domingos. O sabueiro, velho e competente regente, que certa vez, à frente da banda, em hora solene de visita presidencial, não correndo as harmonias nos seus desejos, grita, bate com a batuta violentamente incontido e exclama: piano peste. Aquêlê primeiro livro mereceu de Nestor Vitor, em carta a seguinte observação: com o seu livro de estréa, o triunfo, mostra-nos o senhor uma cousa, é que vem realmente para escrever. Esse livro é um documento a mais de que o futuro poderá dispor para fazer uma idéa de nossa vida e dos nossos costumes provincianos hodiernos. Só lhe falta uma cousa de essencial, é casar a sua sensibilidade com a de sua geração. Não fôra estrito ao gosto da epoca, passara a moda do romance naturalista, experimenta-se outra escola; penso porém, que a obra darte é sempre atual, feita sob a vibração emotiva de qualquer escola literária, quando o escritor consegue, a golpes de talento, despertar sensações no leitor, realizando fielmente o sonho transformado na observação real do ambiente. Em 1922 estava formado; clinicando no interior de S. Paulo, mandame novo livro.

A novela mais bonita das que tenho lido. O escritor compreendeu que todo pensamento é incompleto se não acaba no coração e botou o coração dentro do livro. A minha vida tem sido de sonho em sonho, de esperança em esperança, minh'alma tendo sempre desejos novos, numa ancia de felicidade que procuro por toda parte o que não existe em parte alguma." Aí está, em tonalizações

borrifadas de pessimismo, retratado o escritor, na maravilha desse trecho do livro.

A crítica engalanou-se na consagração. Falou Mestre João Ribeiro: Dentro da vida é, na realidade a obra de um escritor já feito. Jackson chamou-a de pequena obra prima de sentimento e Afranio Peixoto escreveu: suas paisagens são deliciosas, sobrias enxutas, luminosas.

Suas almas são confessadas, espostas e perduram imprimidas na lembrança. Tristão de Ataíde, Agripino Grieco, Mario de Alencar, Rocha Pombo, todos teceram hinos de louvores no aparecimento de tão mimosa joia. Já, dentro da vida, era seu triunfo.

A tormenta, onde se consumia a alma crescia, avolumando-se com os sofrimentos que eram profundos.

Foram longos e dolorosos os dias de Mirasol, onde se instalara Ranulfo. Dentro de pouco tempo, vende tudo e corre ao Rio, entre a vida e a morte. Mergulha a fundo no sofrimento, mostrando quanto era nobre aquele impulso de curiosidade e rápida simpatia humana, que ele espalhou perdulariamente. Veio convalescer em Sergipe. Em pouco tempo, apresenta-se para o concurso de literatura, no atual Colégio de Sergipe, com as teses: Renascença das letras em França e Repercutiu na nossa literatura o movimento romantico de 1830. Aprovado e nomeado, leciona aquela matéria e mais uma cadeira na efêmera escola de farmácia que tivemos. Saturou-se num ano, de tangível melancolia, que é o sentimento primordial da cidade, como escreveu um amigo, boêmio incorrigível e um dos maiores romancistas de costumes, que tivemos, Lima Barreto. Voltou ao Sul, cheio de aspirações novas, para que melhormente pudesse sentir, refletido n'alma, a ausência e mais refinado se tornasse o bem querer de Sergipe.

Lá, viveu sonhando e sentindo os encantamentos da paisagem sergipana e pintou-a com meiguice, tomando a consistência quasi imponderavel de um pincel de plumas, com ternuras de namorado. Acompanha-lo na obra que nos deixou, é rever ou evocar as ruazinhas de Simão Dias, com suas personagens humildes, ridiculas ou empavesadas e os seus mil atrativos soberbos de simplicidade. Realizou uma obra homogênea de puro amor

à terra. O realizador não esquecia a sua obra e, em 1925, chega-me um primoroso rendado de contos artisticamente cinzelados, a Longa Estrada e em seguida, o Lirio na Torrente, uma cintilante moldura de luz tamizada, lembrando Lagarto, sua terra berço, encerra o ano como um primoroso presente de natal. Em 1929 ei-lo novamente tentando o magistério, em Ribeirão Preto, apresentando-se para concurso, no Ginásio d'aquela cidade, defendendo tese sobre: o Teatro no Brasil. Ainda desta vez o destino o afastou do ensino.

Instala-se definitivamente em Santos e só em raros intervalos vem a Sergipe rever amigos e parentes, num carinho de poucos dias. Começa então medico especialista, impondo-se ao respeito e admiração dos colegas e do publico.

Naquele ambiente de ciência e arte cristalizou-se o componente material com que tecia a obra resultante de sonhos e aspirações, conjugando-se num fecundo abraço da alma simples e impetuosa do nordestino com o turbilhão do formigueiro da luta, no sul. Assim se irradiavam as fagulhas emocionais e sensitivas daquele talento perigrino. Como conferencista, soube transfundir o pensamento, refeito de conceitos magistraes. Em 1931 leu original estudo na sociedade médica de Santos: Martins Fontes Médico. Justa e merecida homenagem ao altissimo poeta, um de seus mais chegados companheiros de arte. Para a fama do escritor já ia longa a estrada porque percorrida dentro da vida, como um lirio na torrente, em constante triunfo. Em 1933 passou férias em Simão Dias, e numa tarde, d'aquelas silenciosas e iluminadas tardes dos arredores de minha terra, deitados na grama aveludada do taboleiro, leu-me êle comovido, a conferência primorosa que, poucos dias depois, pronunciou no Centro D. Vital, desta Cidade, cujo tema, sempre o seu assunto predileto: No sofrimento caminho da perfeição.

Aquela profissão de fé, esmerado trabalho de joalheria assim principia:

Na vida toda cheia de incertezas, de ilusões e imprevistos, só ha de certo e fatal o sofrimento. Sentido e maguado queixume de quem era seduzido pela alegria de viver, cujos olhos, atraídos pela

curiosidade eram iluminados pela experiência e sentiu enquanto viveu, o estilete permanente da moléstia. Já de volta a Santos escreveu-me: avalio bem esse relato, solitário, desiludido, ahi onde tivemos dias tão agradáveis. Se não fossêem os filhos, invejaria, porque a vida não merece outra atitude a não ser cruzarmos os braços e deixa-la passar.

Foram laivos da tempestade em que vivia ele, desejando paz e consolo remanso, enquanto as labarêdas iam destruindo paulatinamente aquela vida e aquêle coração tão cheio de excelsitudes infinitas.

Contudo, continua escrevendo e vem-me novo livro, com zombeteira dedicatória de refinado humorismo:

“Venda dois garrotes, compre passagem na costeira e venha passar uns dias aqui, para a salsugem do mar civilizado tirar-lhe o cheiro de surrão de feira. Precisamos de você aqui, por uns dias.” O livro descreveu a história do banditismo no nordeste, principalmente em Sergipe. Estudo apressado falho de apontamentos, de inseguras infarmações, do qual o próprio escritor teve a coragem de se penitenciar mais tarde. Batisou-o de Lampeão e debuxou um fenômeno que continua a espera de um novo Euclides da Cunha para desbrava-lo, no bronze daquêle estilo e com a fôrça impetuosa de um talento ainda não superado nas letras nacionais. Apenas uma leve penumbra no luzeiro do artista. Refeita a imaginação do romancista, volta ao filão, onde tanto ouro tirou para nosso deleite, surge no esplendor maravilhoso de novo livro; os navios iluminados. Obra magistral, de fino sentimento social e cristão, de acabada contestura artística, onde as figuras, retraçadas com pincel de multicoloridas tonalidades, vivem, num estilo recamado de singeleza, o homem do nordeste, desbravador valente e audaz, cheio de ternura e repleto de sentimento humano e perfeição artística. José Severino, Delegado Déda, Felicio, toda essa gente sergipana de Santos, onde rezidia e movimentou o enrêdo do livro, encontra-se entre nós a cada passo e recebeu o carinho do escritor, no seu próprio lar, que era uma espécie de consulado de bondade caridosa e muito encorajamento para o sergipano, faiscador de aventuras. A obra de Ranulfo Prata, meus senhores, foi a resultante de um profundo sofrimento

em busca da perfeição, viveu-a com o coração devotadamente voltado para a crença que o embalou e fortaleceu. Refletem-se, em sua quente publicação, os lampejos dolorosos e designados do seu profundo sentido cristão. E foi assim, nesse estado de convicção certa que proferiu uma conferência na associação dos Médicos de Santos: servidão e grandeza da doença: onde há pensamentos desta natureza e verdade: seja qual for o ângulo pelo qual se encare a vida, seja qual for a religião professada, habite o polo sul ou polo norte, o ser deve apoderar-se dos materiais que a doença lhe oferece e com êles construir alguma cousa, ou muita cousa. A principal graça da doença, em muitos, é o descobrimento da alma.

O assunto capital de sua obra foi sempre o sofrimento, sublimação de martírio de uma vida de Médico, que se observava minuciosamente e numa atróz ironia defende tese sôbre o riso e viveu sofrendo e triunfando, na longa estrada, dentro da vida, como um lírio na torrente, indo acabar num maravilhoso e encantado sonho de navios iluminados. Repercutiu fora do Brasil o seu nome. José Geraldo Vieira, o torna personagem de um de seus melhores livros, a mulher que fugou de sodoma. A Academia Brasileira de Letras concedeu-lhe prêmio de romance e um escritor argentino traduz-lhe entusiasmado, navios iluminados. Ranulfo realizou sua obra cinzelada e sentida com o coração. Foi um consumado radiologista e só à sombra de repouso frequênte, para aquêle tão frágil organismo, ia edificando o pedestral do monumento que o consagrou um dos maiores novelistas brasileiros.

Grande médico, associou, no seu espírito, as verdades eternas da ciência as verdades profundas da poesia, na sutil expressão de Anatole France.

Sua obra é borbulhante de bôa seiva, até quando transparecia aquêle travor de tristeza ao compreender que a miseravel felicidade humana existe.

Soube, nas ondulações surpreendentes do seu talento, mesclar o sonho e a fantasia à própria realidade com a graça de um estilo leve e genuinamente seu.

Privar de sua intimidade foi sempre uma honra e um privilégio que se não esquecia, tais os eflúvios de bondade que se irradiavam do seu espírito.

Traziam as dedicatórias dos livros, que me enviavam, uns tons atenuados de ironia, levemente borrifados com umas gotas de desilusão; eram retalhos de confissões surpreendidas na palpação da frase ligeira.

Espírito aberto à todos os conhecimentos modernos, sentiu o desmoronamento da civilização atual e compreendeu o drama de tôdas as consciências vivas dêste mundo morto, de tôdas os corações que pulsam nesta hora sem coração em que vivemos. Intimamente era Ranulfo de uma simplicidade comovedora. Quantas vezes aquela vontade afeita a intensa luta interior, moral e física, mergulhava num prolongado mutíssimo revendo o seu mundo interior, ninguém conseguia arranca-lo daquêle silêncio, então, quantas vezes, a velhinha, sua bôa e santa mãe, dizia-me: converse com Ranulfo, êle está tão calado. Tentava trazê-lo à realidade êle dizia-me cismarento: meu carô esta carcaça não dura muito.

Numa de suas últimas visitas a Sergipe, fomos rever o poeta, no seu eremitério, sonhador impenitente, que teima em viver no cristal do seu encantamento. Perigração agradável, numa tarde luminosa e alegre. Ranulfo expansivo e loquaz, abraça Garcia Rosa, no seu alcandorado retiro de menestrel. Entardecia e as luzes pirilampejavam derramando-se nesta feiticeira e catita Aracaju, quando retornamos contentes. Naquêles dias de amplas expansões, o espírito acomodava-se ao sentido salutar da vida e nós, como colegas, que não foram a aula, desfrutavamos amplamente.

Rompiam de quando em quando os laivos do enorme sofrimento que não o abandonava e foi seu companheiro inseparável de toda instante, o eu compreendia em tôda a sua fôrça, quando o via ajoelhado, numa concentração de muita fé, fazendo sua conversa íntima com Deus. Espírito de eleição, nunca se conseguiu exergar nêle, um mínimo sinal de pouco sofrimento, ainda nas ocasiões que corria maior perigo qualquer bôa paciência.

Aquêle homem desataviado e simples trabalhava a frase com primor com que se assinala a mestria dos privilegiados no escrever,

que receberam da natureza a don artístico do ouvido, não menos necessário aos prozadores que aos poetas, é de Rui o pensamento.

Certa vez, passamos uns dias juntos, em Santos. Era um encanto acompanhá-lo, hora certa, da Sta. Casa a Gafré ou ao seu consultório ou a Beneficente Portuguesa. Em todos aquêles departamentos de caridade era êle o chefe, o mestre do raio X. 10 horas chegamos a Beneficente Portuguesa, recebeu-nos o provedor lido em cousas de Portugal, servia-se chá e biscoitos, aparecia então grandiloquente, de branco, algo espalhafatoso o poeta trovador do indaiá, aquêle mestre cantor celebrava sua missa votiva de adoração a Eça de Queiroz enquanto Ranulfo mostrava os encantamentos da frase camiliana. Exaltados instantes aquêles festins da inteligência, onde refulgia imponente a fantazia irisada de mil facetamentos intellectuais, onde o perigrino talento de Martins Fontes, bonissimo coração, rebrilhava como oiro velho e reacendia como um inspirado genial, derramando-se em turbilhão, amansando em mar de bonança ante o sorriso de Ranulfo. O ateu e o católico paradoxalmente se uniam, porque na finesa de seus corações não havia refolhos onde o ódio se aninhasse e traziam consigo a chama do mesmo devotamento aos humildes.

Era dêsse feitio aquêle evangelista das letras, que se foi, quando apenas começara a viver, se é verdade que a vida principia aos 40. Um predestinado que escreveu sua última página, quatro dias antes da morte, página do livro inédito, sua melhor obra depois de seu filho, dizia, na qual falece a figura principal do livro tal como êle veio a falecer poucos dias após. Cléomens Campos, o nosso poeta, o grande poeta, cantou Ranulfo, na lira fecunda da sua formosa inspiração:

Ao prezado Ranulfo
Sonhador e irmão
Que tem prata no nome
E ouro no coração.

Perdoai a divagação, meu illustre Confrade. Não me atrevera a dizer tanto, se não fôra maior a prova do que o dito, como escreveu

o cintilante gênio de Vieira. Sonhos queridos, e gosto de recordar arrastaram a imaginação para o passado, porque melhormente se mostre a singularidade desta recepção e mais fidalgo o convite ao vosso talento, como substituto de quem nos fôra tão querido e festejado. Tudo isto vem mostrar a excelência da escolha para a poltrona n.º 7.

Sois o cronista elegante da síntese literária por onde se derrama o caudal de vossas leituras, pois viveis num constante diálogo com os livros, tendo exata compreensão das cousas novas e das idéias progressistas, escrevendo, como fazeis, sem pretensão, com simplicidade e clareza, como limpido ribeiro de fresca e saudavel linfa, descobrindo aqui ou acolá esta ou aquela gema por circunstâncias especiais de pureza, formosura e cintilação.

Vestis os vossos trabalhos com uns leves tons de crítica, com idéias sintéticas e englobados a incutirem, no leitor a impressão aguda, violenta e penetrante do livro. Crítica honesta e seccionadora, que Mário Cabral tão brilhantemente definiu: “um gênero construtor, duplamente construtor”.

Construindo em relação a si mesma, monumentos de estética e de literatura.

É construindo em relação a obra realizada, verdadeiros monumentos de sugestão e de interpretação. É Alvaro Lins completa”: uma criatura que procura outra creatura, que procura tudo penetrar e tudo entender, num sentido absolutamente humano, nos seus elementos fundamentais de pureza, de amor, de sensibilidade, de sugestão e de interpretação. Vê-se logo que estudais na obra antes a estrutura que o enfeite e vossa tolerância literária marca a verdadeira medida cultural, com o cuidado de expressões, que transitam como folhas que descem o rio ao som das águas.

Os vossos castelos, onde impera uma percuciente análise, refletida no manuseio do bom linguajar, não se desconjuntam em destruidôra esterilidade. São alcaçares de fronteiras por onde perpassa um sadio sôpro de vitalidade. Num fluxo e refluxo dalma inundada de alegria, ides construindo o vosso assunto, no ritmo recompensado de estilo, com imperioso desejo de acertar, ora esmal-

tando ou enaltecendo a forma do comentário em nitidas e definidas obrigações.

Nêste instante de tumultuária indisciplina universal, não há como recusar o vosso jornalismo de quieto refulgir, feito de rap-sódias acomodadas a um sentimento equilibrado de consciencioso anotador, que traz, cada dia, para o meio social onde escreve, a novidade atual de achegas fecundas, num trabalho nobilitante de orientar e construir. Assim vai o vosso talento tracejando o cenário das realidades brasileiras à sombra de conformação espiritual adequada às camadas profundas da vida nacional, cheio de consciênte amor ao Brasil. Escrevestes, releio uma página vossa: não resta dúvida que o Brasil hodierno é um país que marcha para uma intensa evolução ou seja uma transformação perfeita.

Estudioso do direito sente-se perplexo ante a conjuração mundial, esmagado pelos acontecimentos que já não saem do homem mas vêm de fóra para encontrá-lo, para levá-lo de roldão na sua fôrça e na sua impetuosidade. Sentistes o dinamismo da hecatombe, em que, todo homem de pensamento espera a volta da razão e do bom senso, como o verdadeiro império da justiça e do respeito humano.

Essa atividade amadurecida na defesa do ideal, resurge nos vossos escritos incendiada de patriotismo.

Muito môço, já seguistes rumo seguro, para onde pendoam vossos sonhos num hino triunfal à vida e à Pátria. Como vós também sentimos os arrebatamentos da idade borborinhando na maravilha da tempestade, temperamos, porém, o fogo das ilusões primaverais com a serenidade de nossa experiência, conquista da idade, já refeita de amadurecida atividade. Os moços de hoje, são verdadeiros argonautas do pensamento moderno e procuram o gosto do definitivo, atraídos pela curiosidade, a relegarem às sombras imprecisas onde se refugia sempre a fantazia da adolescência. Vivem procurando “exprimir pensamentos flutuantes, sonhos sem formas, desejos de corações atormentados que a tudo aspiram e a nada se prendem, numa verdadeira e profunda inquietação de espíritos insatisfeitos como resultante da grandeza das ambições desencadeadas”, no bonito pensamento de Taine.

Papel revolucionário esse da mocidade, refletido em anseios e impetos, expansões que voam com as azas de aspirações e marcam a força do pensamento, galopando em tumultuosas e quentes vibrações, irrefreadas, Poesia da vida, canta a mocidade o hino madrigalesco da idade, como cruzados menestreis de idealismo sonhando exultando, bebendo a vida sofregamente, derrubando ídolos e desfazendo afirmações. Os moços são destemidos iconoclastas, que deixam ao passarem o sopro quente e infinito de sua inquietação até que, um dia, o vôo vertiginoso começa a languecer e fatigar. As remançadas manhãs ficam mais amenas e as tardes envolvem-se de mais quietude.

A sombra acolhedora da reflexão cristaliza-se no plasma da forma e o pensamento, refinado, aflora, sorrindo das tempestades e trovões que se afastam, como nuvens acumuladas e desfeitas pelo vento. A razão vai aclarando a inteligência com os anos, porque, moços, olham para frente e para o alto, paulatinamente, a idade serena os impetos e anseios e vai ela se voltando para o passado que não morre. Algo fica, resultado dessas batalhas e demolições é o jovem idealismo servindo à unidade multiforme da cultura, já plena de lucidez, com uma visualidade compreensiva acima de todas as paixões. Um sentimento mais profundo de equilíbrio e de ordem comanda a inteligência, produzindo o sazonado fruto da obra definitiva.

Panoramas de luz e de calor passam nos olhos, deixando a cicatriz do combate, no veludo de uma saudade. Fugaz e transitória é a mocidade. Vivem os moços a fase angustiosa de sua geração. Alguns deles terão realizado, na velhice, como escreveu Alvaro Lins, um sonho de mocidade, terão realizado o seu destino e o destino de sua personalidade.

O resto se defaz em sonhos, fragmentos de sonhos, na expressão de Romain Roland, informes e móveis, poeira de átomos, que dansam ao leu, turbilhão vertiginoso que passa e se defaz em risos ou horrores. Esta casa, Sr. Dr. Luiz Melo, iluminada pela experiência, espera a vossa mensagem de confiança e muita fé no futuro, pois do futuro vive a esperança da Pátria.

Vossa obra, Sr. acadêmico, embora fragmentada, já está indicando a inclinação dos vossos pendores.

A multiplicidade em que estão divididos os vossos que fazeres rebrota em galhos e se faz consonancia, como diria Mario Matos, da vida que faz os escritores refugiarem-se em carreiras afins, como sejam o jornalismo, a advocacia, a medicina e o professorado. É um mimetismo por virtude do qual, mal a seu grado deles, prestam serviços a cultura e ao progresso social, imprimindo-lhe graça e leveza. Ainda estudante preparáveis dois estudos de especialização na seara do direito: o divórcio e menores e delinquentes e finalmente o trabalho biográfico sobre Gumercindo Bessa, mostra um lugar privilegiado para o vosso talento.

Este cabedal de conhecimento, enriquecido por um beneditino amor aos estudos, demonstra sobejamente que foi justa a escolha do vosso nome para este cenáculo das boas letras sergipanas. Môço, de pensamento amadurecido pela observação e pelo estudo, compreendestes que o espirito não tem idade e pensais assim: é vosso o trecho: evidentemente se o espírito pode continuar forte e fecundo no velho, a idade, por ela mesma posue uma virtude: o homem que se acalmou vê o mundo de mais alto". É o nosso consolado amparo, na ladeira para onde já nos inclinamos. Nem sempre a vossa orientação literária satisfaz o impenitente leitor que tenho sido. Mal de mim que busco na biografia, o homem em movimento dentro, no meio em que vive, o segrêdo da lenda que se teceu em derredor de seu nome, um complexo conjunto de fatos e observações que completam tôda a gama cromatica da poesia e da verdade na história do homem estudado, agitando-se no meio da sociedade. O vosso debuxo é singelo, atraente e estuda o homem como valor intelectual em luta contra os erros que o cercam. Descobre-se a vossa intnsa preocupação pela vida do espírito aliada a um decidido desejo de provar a vossa fé e corporificar a maravilha de um homem soberanamente exponencial, que viveu em Sergipe e para Sergipe, derramando cintilações magníficas.

Realçastes num imenso esforço o quadro onde viveu, pensou lutou e imperou Gumersindo Bessa, politico, pensador, vivendo no campo de batalha do pensamento, procurando mais e mais fugir

da forre isolada do orgulho e sonho, da cultura pela cultura, como sempre viveramos, sonhando e sofrendo, no vital imperativo das realizações que se agitam no mundo.

Defendendo êsse postulado e encarado por êste prisma, o vosso trabalho é um magistral estudo do homem como força atuante para a verdadeira orientação da sociedade. Consoladora miragem essa de se trabalhar pelo bem e a felicidade humana, como complemento substancial da cultura.

Possuindo tais e tão recomendadas credenciais penetrastes os umbriais desta Academia e fostes unguido cavalheiro cruzado do pensamento sergipano a serviço da inteligência brasileira, do nosso Brasil. Dr. Luiz Pereira de Melo, a Academia Sergipana de Letras delegou-me o mandato de vos receber nêste momento, aqui onde tudo é graça expontânea e falicidade. Desobrigando-me de tão nobre e realçada excelsitude desejo para vós, mui ilustre confrade, a consagração que teve Ranulfo Prata. Sêde um dos nossos, Sr. acadêmico, nesta casa, onde todos são iguais, como disse Bilac, amigos e irmãos pelo trabalho e pelo afeto e em que o homem por mais superior que seja, ou por mais superior que erradamente suponha ser, aos outros, não tem o direito de fechar os olhos, os ouvidos, a alma, as aspirações, as esperanças, as duvidas da época em que vivemos”.

DISCURSO PROFERIDO NA ACADEMIA SERGIPANA DE
LETRAS, PELO DR. LUIZ PEREIRA DE MELO, NA SO-
LENIDADE DE SUA RECEPÇÃO

Substituir Ranulfo Prata nesta Academia, foi, sem dúvida, a maior surpresa da minha vida.

Jamais alimentei tamanha ambição e honraria. Pois não costumava seguir a teoria do pírilampo invejoso, sempre a desejar o destino de estrela !

Eleito sem tivesse direta ou indiretamente concorrido para isso, aqui estou no Cenáculo das Letras Sergipanas.

Cumpra-me, agora, agradecer aos intelectuais que me proporcionaram esta honra insigne, especialmente ao meu grande amigo Dr. Antonio Manuel de Carvalho Neto, ilustre Presidente desta Academia, excelsa expressão da cultura e da inteligência, autêntica glória de Sergipe.

A responsabilidade do intelectual, no momento presente, constitue um assunto de intensa complexidade.

O homem de letras têm que ser necessariamente um estudioso profundo da psicologia das massas, afim de penetrar no realismo humano, sem violação dos direitos individuais, e mostrar sinceramente e honestamente a verdade, apontando também o erro, para ser combatido e eliminado.

Não se pode ficar contemplativo e inutil quando se tem um papel a representar em face do universo.

Pois o que é o homem se lhe falta a consciência da própria finalidade ?

É necessário orientar a vida, trabalhando por um mundo mais humano, onde a justiça seja o digno sustentáculo dos povos e das nações.

E traçar rumos para a conquista de um destino nobre, colocando sempre a verdade acima de contingências ocasionais, é a grande tarefa da intelectualidade. Pois, já dizia BERTHELOT, é preciso tocar para a frente pela ação quando se pode, mas sempre pelo pensamento.

A cultura é um imperativo categórico na existência de uma sociedade.

Como riqueza da humanidade tem inconcussamente que se adestrar por meio de movimentos que proporcionem uma junção de forças, explanando e excitando a atividade funcional do organismo.

Uma equação que traduza um elemento de perfeita igualdade de grandezas dependentes. É, não resta dúvida, o princípio da harmonia dos valores espirituais e materiais do homem.

As ambições do espírito carecem de uma impulsão natural das expressões associativas.

Reconhecemos que — “tôda cultura tem em si mesma implícita, uma aspiração, uma tradição, uma finalidade, na forma objetiva de um ideal mais amplo, que o ideal simplesmente individual.

Esse ideal mais amplo da aspiração, da direção e da finalidade da cultura, é o grande ideal da coletividade. E esse ideal assim da coletividade é o mesmo ideal humano e cristão do bem comum.

Dominando, desse ou aquêlo modo, ou procurando dominar, por essa ou aquela forma, a natureza, na impetuosidade de suas forças vivas, ou na serenidade de suas energias latentes, é assim que o homem se apresenta em ação plena de cultura, é assim que está o homem em função eminentemente cultural. A ação da cultura pelo domínio. Função de domínio pela cultura.”

O ilustre professor Miguel Osório de Almeida, de regresso dos Estados Unidos, onde estivera presidindo à reunião da Comissão Internacional Provisória de Cooperação Intelectual, focalizou, magistralmente, o papel do intelectual — “coloca os direitos da verdade, tomada esta em seu sentido mais amplo e mais honesta-

mente sincero, acima das contingências, dos interesses ocasionais, próprios, ou mesmo de grupos mais ou menos extensos. Si em muitos casos não pode êle bem distinguir onde se acha a verdade, pode ao menos reconhecer onde impera o erro, afim de regeita-lo, de combate-lo, ou reduzi-lo às proporções mínimas”.

Hoje em dia, ante o progresso e o destino dos povos, não é lícito se distinguir os deveres do intelectual e as obrigações do homem.

O escritor deve estudar a solução dos magnos problemas que envolvem o universo, deve se dedicar ao estudo, afim de encontrar a realidade, sem violação dos direitos individuais.

Tudo, porém, há de ser condensado num ambiente espiritual, onde a livre consciência seja sempre respeitada. ROMAIN ROLLAND, o fulgurante escritor da terra de Anatole France, detentor do Prêmio Nobel, imortalizado pela criação profunda de talento e de genio — JEAN CRISTOPHE — proclamou numa grande visão profética que o “—nosso destino foi e de nascer em uma grande época de luta e por isto não era permitido nos afastar dela”.

A violência, por maior que seja a sua intensidade, nunca será veículo de impecílio à comunicação do pensamento e à cristalização do inteligência.

O mundo que pensa, o mundo que produz, não foi vencido e jamais o será pela furia de bárbaros conquistadores ou por falsos reformadores.

A inteligência será sempre a grandeza espiritual do homem, expansão do sentimento em marcha para a jornada rápida da compreensão.

Reconhecemos que a inteligência brasileira se achou no período de guerra mobilizada contra o regime que escravizou todo o universo.

O nosso Ranulfo Prata, como intelectual e como homem, sentiu também o horrôr da tragédia que vivia o mundo, daí declarar de certa feita” — como não posso fazer a guerra do fuzil faço a guerra dos espíritos que é de muito valôr, concorro para mobilização dos valôres morais”.

E em palestra pronunciada na “Associação dos Médicos” de Santos, palestra essa que teve o título “—Médicos e o Momento Nacional” declarou que aquela guerra era de duas Cruzes, a de Cristo, e a Suastica, que é do Nazismo.

O que é cristão deve tomar o seu lugar na vanguarda”.

Depois de tantos anos em que a guerra com o seu cortejo tétrico de misérias e de lágrimas assolou o mundo, eis que surge a paz.

E, como sempre, com a vitória do espírito. Pois não há exército ou ditador que possa entrar a marcha das ideias. Pode matar, prender, torturar os idealistas, as ideias são eternas e intangíveis.

“Só onde a unidade humana fôr livre a coletividade humana pode ser conciente”.

O império nefasto da força e o predomínio da justiça são polos antagonicos ao poder prodigioso do Direito, norma controladora das relações sociais.

“As nações vivem de tranquilidade e segurança, já afirmava RUI BARBOSA, de crédito e de trabalho, de inteligência e probidade; e nem um só desses benefícios resiste à vasa dos sentimentos, em que transborda o regime da ameaça, da intolerância e da sedição. O motim não é a democracia; a celeuma não é parlamento; a rua não é o país; o incendio não é a razão; o crime não é o direito; o assassinato não é a justiça; a anarquia não és tú, ó Liberdade ! Teus heróis não são os gigantes da persiguição, os semi-deuses do terrôr; são os bons, os mansos, os justos, os mártires da infabilidade política no trono, na plebe, os homens que venceram pregando, escrevendo, edificando, salvando, e morrendo; os que abraçados contigo, semearam religião, lavraram o direito, estabeleceram a moral política, êsse composto de moderação, experiência e senso comum”.

“A hora é de paz e é na paz que se constroe”.

Não há, pois, lugar para o Estado Soberano, agressivo e ambicioso, e sim para o estado interdependente, que livre, integrado na sua própria grandeza territorial, colocará sempre a cooperação internacional muito acima dos caprichos nacionais.

Conforta-nos uma convicção: uma certeza que esta civilização que se chafurdava ontem em ondas espumantes de ódio no seu próprio sofrimento tenha aprendido a ser mais justa.

ALBERTO TORRES, o genial sociólogo patricio, com o seu profundo senso dos homens e das cousas, advertia que:— “Os homens felizes são incapazes de fazer justiça, porque não têm a noção do fenómeno mais comum da vida que é a dôr”.

Oxalá, portanto, que a angustia destes anos de guerra vá inspirar melhores sentimentos de justiça, que têm como instrumento o Direito e a Liberdade.

A Liberdade tem necessariamente que ser encarada como um bem inalienavel, “um atributo humano de inestimavel valia pelo qual grandes cousas que se realizam e pelo qual o individuo afirma a sua personalidade”.

O mundo tem que ser reconstruído em bases asseguradas da paz e do progresso de tôda a humanidade, bases estas ditadas pela Justiça, qualidade sagrada e indispensavel, pois não há paz sem justiça nem justiça sem paz.

É a Justiça o fundamento da paz.

Senhores :—

Quando Academus legou à cidade de Atenas uma terra que possuia às margens do Cephiso, longe estava de pensar que o seu nome seria tão ligado à posteridade. Atenas passara a chamar aquê-le agradável retiro de Jardim de Academus, em honra do seu doador.

Platão, apreciando a amenidade daquêle parque maravilhoso, coberto de oliveiras verdejantes, alí se encontrava com os seus discípulos e sua Escola ficou sendo chamada de Academia, influência do nome do lugar onde era exposta a sua doutrina.

Podemos dizer, que foi com Platão, nos heróicos tempos da Grecia antiga, que nasceu a Academia.

Foi, porém, a Academia Franceza, legalizada no reinado de Luiz XIII, graças aos esforços dos grande Cardeal Rechelieu, a verdadeira orientadôra das Academias de Letras, que têm desempenhado papel tão salientado no desenvolvimento da cultura universal.

Parece-me que a função primordial de uma academia de letras é associar os que se dedicam às cousas do espírito nos seus problemas práticos e não elaborar gramáticas e dicionários, pois o trabalho intelectual é individual por excelência.

Quando tarefas que superam a capacidade do indivíduo “— exige a coordenação de esforços, é facil procurar especialistas, onde quer que se encontrem, dentro ou fora do ambito de um grêmio como êste”!

Tem, pois, função ativa e reguladôra, confraternizando os que têm poder para as cousas que aformoseiam a vida, elevando o espírito.

Não há exagero em dizer que muitos intellectuais se aproximam das Academias, como a raposa da Fábula deante das uvas. E os que já se acham nas suas cadeiras repousantes repetem serenamente os versos de uma academico francês, que Laurò Muller traduziu com felicidade:—

“Si vivos somos quarenta
alvos somos da ironia
mas o rico não se aguenta
ninguem mais nos tórce o vento
se há vaga na Academia.”

Senhores :—

O que a Academia Sergipana de Letras presta neste momento não é uma homenagem ao humilde ingressante, mas uma homenagem a Ranulfo Prata, um dos mais completos expoentes da intelligência sergipana.

Coordenei ligeiros traços da vida do illustre pensador patricio, perfeito espiritualista cristão e aqui estou para tentar fazer um esboço da sua Vida e da sua Obra. Vida, tão profundamente interior, equilibrada, metódica, tranquila, consagrada ao amôr da família, aos afazeres da profissão e sobretudo ao aperfeiçoamento moral e espiritual, procurando a segura e íntima aproximação de Deus.

Ele mesmo confessou: — “ verdadeira vida é a espiritual. Buscando-a e aprofundando-a, não fazemos mais do que melhorar e desenvolver o lado essencial do que constitue a individualidade”.

E obra tão intensa de humanismo onde a realidade emerge com o vigor intrinseco das observações pessoais.

*

* *

Nasceu Ranulfo Prata, numa tarde de 4 de Maio de 1856, na cidade sertaneja de Lagarto.

Filho do Coronel Felisberto da Rocha Prata e D. Ana Hora Prata, — reservas de moral da sua terra.

O meio familiar sadio que lhe envolveu a infância muito contribuiu na sua formação psicologica.

É que naquele centro de costumes dignos, de hábitos puros e de alto padrão de moralidade, foi plasmado o carater de Ranulfo, onde ficaram gravados, desde então, requintes indeleveis do esplendor do ambiente em que vivia.

Iniciou o seu estudo primário em Simão Dias, aprendendo as primeiras letras com a professora Elisa Macedo.

Rumou depois para Estância, onde encontrou no Colégio Camerino e nas preciosas lições da tradicional educadôra estanciana D. Marocas Monteiro, o prolongamento indispensável ao preparo de seu espírito juvenil.

Transportando-se para São Salvador, a velha São Salvador amiga e acolhedôra, levou consigo um alicerce seguro, e aí fez e concluiu o seu Curso Secundário nos Colégios Carneiro Ribeiro e Ginásio Ipiranga, matriculando-se na conceituada Faculdade de Medicina daquele Estado, onde cursou até o quarto ano, quando se transportou para a Faculdade de Medicina da Capital da República, obtendo em Janeiro de 1920, o gráu de Doutor em Medicina.

Embora fora de Sergipe, viveu, contudo, Ranulfo para Sergipe, numa obra de cultura e humanização.

O omôr à terra pequenina que lhe serviu de berço é um dos traços característicos de sua vida, que convem fixar. Sergipe enternecia-lhe !

Alma de artista, sensibilidade intensa, afeiçãoou-se, como ninguém, à gleba que lhe viu nascer.

É Sergipe que tantas vezes vemos retratado em seus livros. As suas cidades pequeninas, a sua gente simples, ignorante e bôa que aceita serenamente os golpes do destino, curvando-se, humilde, aos caprichos excêntricos da vida.

E a sua obra é plena dessas evocações...

É a saudade que o faz exprimir em seus livros reminiscenciais da terra distante, pintando com o seu sentimentalismo a ternura nostálgica da paisagem longinqua da infância.

E é Sergipe também o assunto predileto das suas palestras. Aqui tinha seus pais, seus irmãos, sua família, seus amigos, estava preso, portanto, pelos mais sublimes élos do amôr.

Interessado pela grandeza do Estado natal, não hesita em escrever "LAMPEÃO", libelo terrível contra a indiferença do poder público ao martírio incessante do sertanejo nordestino.

Tomando esta atitude impávida e decidida, mostrou Ranulfo que tudo fazia pelo progresso e bem estar do seu Estado.

Não olhava sacrifícios, não media canseiras, quando se tratava dos interesses de Sergipe.

Certamente dizia com o poeta: — "C'est le pays que ma donné le jour".

O aspecto exterior de Ranulfo não é difícil relatar. Pequeno na estatura, medindo um metro e sessenta, olhos castanhos, cabelos louros, bem magrinho, num antagonismo com a robustez do seu espirito.

Moderado por instinto, fugia de alardes e ostentações. Nunca procurou prestígio ou popularidade.

Era um enamorado das letras, que, não seguindo a regra geral, fugia das rodas boêmias, da vivacidade dos Clubs, e até das redações. Achou melhor seguir o conselho que Lima Barreto lhe deu, quando publicou o seu primeiro romance: — "case com a literatura menino e não se meta na Imprensa, vêja lá"...

Prudente e desconfiado, tinha horrôr às ressonâncias fortes, às vidas ruidosas e barulhentas!

É que, temperamento equilibrado, procurava em tudo a harmonia que não cansa, o método que dá força, e a ordem que coordena.

Apezar de discreto, era de espírito comunicativo e “conversar-lo era espreitar-lhe a excelsa revoada de ideas de sua formosa inteligência”.

Sensibilidade apurada, não ficava indiferente à beleza ou à dôr, que se refletindo em seu próprio eu, envolvia-lhe numa névoa de tristeza poética.

Era extremamente sensível. O aspecto do mundo exterior, a natureza, a vida, tudo lhe comovia.

E é esta tristeza resignada, este enlevo brando, que encontramos em seus livros. Podemos dizer que, apesar de nunca ter feito versos, tinha temperamento de poeta. “Teimava, segundo se conta, em cultivar não sei que secreta pontinha de pessimismo, ao ponto de cognominá-lo, certa vez, Martins Fontes, — seu grande amigo — de “doce hervinha azêda”, expressão que lhe ia às mil maravilhas, de vez que dizia bem da imensa bondade salpicada de tão surpreendente dose de “spleen”. —

Sensível às mais suaves e puras emoções, era Ranulfo Prata também muito tímido. Êle próprio confessa, falando em entrevista dada a Silveira Peixoto — “é a timidez quase morbida que ainda hoje me atrapalha a vida”.

Como já dizia MOLIÈRE, em todos os corações ha sempre um homem e em todo homem um menino, e os psicológicos adiantam: — o que primeiro se adquire por último se perde. A timidez foi um complexo do qual Ranulfo nunca se pode libertar.

Em torno de sua vida amorosa temos conhecimento de que em toda sua existência apenas tivesse um único aféto transitório na pessoa de Cândida Maria, que conheceu em São Tomaz de Aquino, em Minas Gerais, quando médico da paciente que succumbiu da enfermidade que a molestava.

E surgiu “DENTRO DA VIDA”. Um livro real. É que Ranulfo compreendeu que o sentimento interior é a fonte de tudo!

E, daí, retratar neste livro as realidades humanas que o fizeram sofrer. Mas influenciado pela espiritualidade de Jackson de Figuei-

redo, seu grande amigo, transforma esse sofrimento em grandeza moral, em tesouro maravilhoso de sofrimento, muito acima das banalidades da vida.

Muito tempo depois consorcia-se Ranulfo com a excelentíssima D. Maria da Glória Prata, sua dedicada companheira. Foi um amantíssimo esposo e um pai extremoso, vivendo para sua companheira de existência e para o rebento da sagrada união — o seu filho Paulo e amando sobretudo a tranquilidade do lar e o socego da família.

Não era vaidoso, apesar das distinções que renovadamente recebia dos seus amigos e admiradores.

Seu feitio moral não se coadunava com as exhibições de certos espíritos.

Trabalhando na sua perseverante constância de agir, jamais no propósito de aparecer, de ascender a posições sociais e adquirir fortuna material.

Poucos homens como Ranulfo, que tão cedo convenceu-se da percípua finalidade da vida cristã, — “desprendeuse das compensações do mundo, encaminhando-se para o lado das verdades eternas, que seguidas dariam entrada de sua alma pura no reino de Deus”, reconheceu a inutilidade da vida quando não se tem em mente o Bem.

Trabalhou e venceu, atingindo o ideal numa apatia às glórias terrenas, arrostando a crítica cruel dos homens, não sendo subjogado pelo domínio humilhante do respeito humano, dedicando-se do melhor modo possível à sua fertilíssima capacidade intelectual.

Com tal proceder não teve em mira na sua obstinação e na fôrça criadôra dos seus sucessos, senão o produto do seu tirocínio, o censo prático das realidades humanas, dos desprendimentos do que o mundo lhe pudesse presentear, e como o valôr de uma inteligência não se mede pelo labôr em si mesmo considerado, mas no sentido espiritual de sua obra, Ranulfo Prata primou pela espiritualidade.

É esta a expressão real do seu interior.

Os seus livros demonstram o seu anseio.

Amigo dedicado, companheiro sincero, sabia cultivar as amizades. Era sem dúvida a delicadeza, a bondade, a ternura do seu trato, que prendia para sempre os amigos.

Cleomenes Campos ao lhe dedicar um livro seu, assim se expressou: —

“Ao presado Ranulfo
O sonhador e irmão
Que tem Prata no nome
E ouro no coração.”

E Ranulfo, meus senhores, foi realmente um “coração de ouro”. Afastado das paixões e dos sentimentos estereis da vida, vivia para a beleza e para a bondade.

“Désir de bien faire”, era o seu lema.

“Essa foi a lição que nos deixou com o seu doce carinho pelos pobres enfermos, o clínico competente e honesto e com a sua nobre e brilhante atividade intelectual de romancista concienzoso e ilustre.

Embora afastado desde cêdo de Sergipe, contudo Ranulfo Prata nunca perdeu o seu amôr pela terra natal.

O seu entusiasmo por Sergipe, era como uma estrutura, firme com o cimento das virtudes cotidianas do seu trabalho e de sua retidão.

É que não existe civismo quando não há homem laborioso, probo e sincero. “O patriotismo não pode separar-se do humanismo”.

Possuindo a fecundidade do espírito, tambem tinha a do coração, e o seu amôr era a ternura do anseio da redenção espiritual do homem. Não olvidou Sergipe, nem amigos e nem parentes, tinha-os sempre na mente, numa afetividade invulgar.

Ei-lo assertivando num trecho significativo de uma carta de felicitações ao seu pai assim exteriorizada: — “Papai, Mamãe e Marieta, domingo passado respondi a sua carta. Papai é hoje 24 dia do seu aniversário. Telegrafamos enviando os nossos abraços de felicitações. Na verdade é uma bela idade, e Vme. deve agradecer

a Deus estar vivendo tanto e sempre no goso de boa saúde, o que é privilégio de muitas provas.

Aqui enviamos os abraços desejando aí estarmos para maior alegria. Em espírito pelos nossos aí estamos e também com a pobre Rozinha, que fez o seu segundo aniversário só e triste".—

Em 2 de Novembro, recordando o Dia dos Mortos, assim escreveu Ranulfo, aos seus velhos pais: — "Hoje dia dos mortos, tenho pensado em todos os nossos queridos que já se foram: Oscar, Isaura, Prata, Agripino, Clarisse, que saudade !

Fomos visitar o poeta Fontes, de quem tenho grandes saudades. Como a vida é enganosa, rápida e triste! É na verdade um vale, um grande vale de lágrimas".—

E, finalmente, em 15 de Novembro de 1942, escreve Ranulfo a sua última carta, ainda em perfeita saúde, revelando um exemplo de absoluta tenacidade, quando em carta afirmou: — "E Vme. mamãe, sempre queixosa dos seus males. Se eu tenho tantos, imagino Vme, nessa idade e de coração tão triste e angustiado. Nos tem dado, porém, o exemplo de coragem e conformação, que não será agora que há de fraquejar, de ficar desanimada". —

Visitando o túmulo de seu irmão Dr. Oscar Prata, Ranulfo esteve em Sergipe, em Março de 1942, aqui passando um mês no suave convívio dos parentes e amigos, sem pensar que oito meses depois, numa noite de Natal, às 23 horas em uma Casa de Saúde, desaparecesse do rol dos vivos, vitimado por uma hemorragia intestinal.

"Feliz aquele que traz diante dos olhos a hora da morte, e cada dia se prepara para morrer".

Morreu fiel aos princípios dogmáticos da religião cristã, como sempre viveu.

Reconhecendo o derradeiro alento de vida, o seu pensamento foi para a família distante, dizendo in extremis: — "avise a mamãe e avise a papai".

Foram estas as suas últimas palavras, evidenciando ainda uma vez a grande amizade que tinha aos seus.

É que a formação que recebera no lar, fôra por demais preciosa para o alicerce deste sentimento perene.

Prendendo suas mãos às de sua esposa e do filho, nada mais balbuciou aquêlo espírito cintilante.

“Deus protege e livra o humilde, ama-o e consola-o; para êle se inclina ; prodigaliza-lhe suas graças e depois do abatimento o eleva à glória, revela os seus segredos e docemente o convida e atrae a si”.

São palavras edificantes da Imitação de Cristo.

Ranulfo praticou a humildade, vivendo a doutrina da Verdade, prudente nas suas ações de homem, submisso, primando pela perfeição espiritual, meditando na miséria humana, desprezando as vaidades terrenas, reconhecendo as graças divinas, vivendo na paz interior que o bem proporciona a uma sã consciência.

A sua extraordinária coragem e fortaleza de ânimo, ao despedir-se da vida terrena para ingressar no reino de Deus, impressiona.

É como se quizesse demonstrar que o melhor médico é aquele que nos ensina a morrer.

CATILANGES, grande pensador cristão, tinha sobeja razão para demonstrar a morte como princípio da vida verdadeira, que não é a vida efêmera que ativa o corpo, mas a vida eterna da alma, desprendida deste corpo.

Para esse admirável espírito, a vida física é somente um andaime da construção do edifício espiritual da personalidade moral; concluída a obra, êsse andaime cae e surge o edfício construído.

Construído o edifício de sua vida, Ranulfo é bem um farol cujo espírito espargirá sempre e sempre luzes na lembrança e na consciência dos seus amigos. Educado num lar, onde o sentimento religioso era conservado com o carinho de relíquia preciosa dos antepassados, desde cêdo foi influenciado pelas crenças tradicionais da família.

A convivência com Jackson de Figueirêdo veio aprofundar o senso místico de Ranulfo, daí a sua inspiração religiosa intensa. Ele próprio confessa por ocasião da morte trágica de Jackson: — “foi meu amigo, o melhor amigo que a vida me deu. Espiritualmente tudo lhe devia”.

O sentimento religioso intensificou-se em Ranulfo.

Certificou-se que o problema religioso é fundamental, pois absorve o espírito do homem. Foi veemente a sua fé. Procurou antes de tudo a Verdade. E percebeu que DEUS é o verdadeiro fim do homem e da sociedade.

Illuminado com a luz fecunda da fé infalível, praticou galhardamente as excelsas virtudes da alma cristã.

Compreendendo a grandeza do cristianismo, deixou-se guiar pela excelsitude de seus princípios.

E neles modelou o seu — *modus vivendi*, — atingindo grau bem elevado na escala da perfeição espiritual. Livre das servidões do orgulho e do egoísmo, voltou-se sem reservas para a fé, para a caridade e para a conformidade da resignação cristã.

Em carta escrita por Ranulfo à sua família êle disse: — “Nós passamos sem novidade, a minha vida decorre tão folgada e sem preocupações pessoais. A clínica bôa, apesar da guerra, a saúde melhor, o filho que cada vez mais me satisfaz e tudo mais que vivo a agradecer a Deus, tão grandes e tão imerecidos benefícios. Com isso talvez ELE, queira me compensar dos anos de doença e pobreza”.

Por aí podemos observar a intensidade do seu espírito religioso, humilde e resignado.

Percebeu, como nós, Ranulfo que se sessenta gerações pretenderam inutilmente destruir, mesmo assim firme e intrépido continua o Cristianismo.

Pois o Reino de Cristo é eterno e ÊLE, com a sua grande doutrina de amôr e misericórdia, vence e vencerá os ímpios. O seu Evangelho de Justiça e de Amôr, procrastinando o ódio, exprime uma afirmação de um novo mundo moral de engrandecimento do espírito.

A religião se identifica em Ranulfo Prata como se fosse um anelo de pureza, de excelsitude e de idealismo.

Ê que êle viu o mundo com os olhos de filósofo — “e contemplar o mundo como filósofo é compreendê-lo: quer dizer penetrar fundo no interior das cousas, afim de desvendar as suas secretas raizes e as suas dependencias ocultas. Compreender é trespassar a matéria com uma onda de luz emanada do espírito”.

É enfim, desprezando os apetites inferiores chegar ao domínio das grandezas espirituais.

Com a alma revivificada pela educação espiritual, reconheceu Ranulfo que o verdadeiro humanismo é o humanismo cristão. Sem o cristianismo não há beleza pagã que não se torne um perigo mortal, mas com o cristianismo não há beleza pagã que não seja um precioso legado para a humanidade.”

Pascal punha a ordem das cousas do espírito acima da ordem das cousas do corpo. E a Igreja católica continua sendo um poderoso traço de cultura dos povos.

Não se pode eliminar a cultura cristã do todo que forma a cultura universal.

Em suas obras muitas das opiniões vivas de Ranulfo são expostas como um evangelho de grandeza moral, de filosofia cristã, numa concepção admirável de quanto sabia venerar a mística de sua religião.

De uma feita em correspondência aos seus proclamou que: “ — devia a vida ao milagre de Deus”. Evidenciando assim mais uma vez o seu profundo sentimento religioso. Quem se segue não anda em trevas, lembra São João no Evangelho e Ranulfo soube sentir a grandeza excelsa da religião cristã, a crença do amor e do perdão.

Senhores: —

Assegurou Aluisio de Castro, saudando Julio Dantas: — “ninguém sagrado médico e assim entrando no conhecimento da vida humana, sua grandeza e sua miséria, pode fechar o coração à medicina. É que os atributos que se adquirem no exercício desta arte não se apagam nas alturas, onde ao contrário resplandecem com mais intensa luz e ninguém os renuncia como um fardo inútil, porque êles se sedimentam no sub-conciente e pelas suas irradiações incoercíveis compõem a própria personalidade”. Ranulfo foi um médico que nunca esqueceu os encargos da sua profissão, pois sobretudo viveu para os seus clientes com dedicação e bondade, não medindo canseiras, não olhando sacrifícios, quando se tratava de minorar a dôr alheia.

Com carinho sondava as constituições orgânicas, esforçando-se para sanar os males do próximo, procurando aliviar-lhe o sofrimento.

Era bem a imagem do verdadeiro médico, abnegado, estoico, persistente, dando sem reserva a energia do seu esforço, num objetivo único, a cura do doente. Pensava certamente como Montaigne, que: — “quem não vive de algum modo para os outros malvive para si”.

Como homem de ação científica, Ranulfo foi notadamente um sensitivo, que revelava sentimento e coração numa afirmativa de que criar é obra do amor e da beleza.

Foi um devotado na defesa do homem e na defesa da humanidade.

E se a sua atividade foi fecunda, é porque via no trabalho o deleite do espírito e o efeito fecundo da alegria no trabalho.

É que o homem constroe o seu destino com o fulgôr de sua inteligência, com o brilho de suas virtudes e com o vigôr de sua energia.

Sua vida profissional foi produto de uma vocação, embora ficasse às vezes descrente da ciência de Hipócrates, quando contemplava estarecido o martírio humano, como radiologista que sempre foi.

O traço marcante da sua personalidade foi sem duvida a solidariedade humana. Sempre disposto a sacrificar as comodidades pessoais em benefícios de outrem.

É que se identificou totalmente com os ideais da carreira que abraçou.

Diminuir o sofrimento humano, suavizando as agruras da vida, foi sua maior preocupação.

Quanta paciência, serenidade, doçura, se percebe em seu espírito, como um impulso motriz de uma religião de amor ao próximo.

Queria como que compensar a fragilidade humana com o máximo de sua dedicação e dos seus esforços, lutando decidido pela extinção do mal que fazia alguém sofrer.

Já Musset dizia: — “l’homme est un apprenti, la douleur est son maitre”.

E foi a grandeza profunda de sofrimento que Ranulfo proclamou em muitas das suas conferências.

Lembrava que o médico era o “homem da dôr” e que era do seu contacto com o sofrimento que lhe vinha a beleza quase sobrenatural, e a sua aureola magnificente.

E que alguém já tinha notado, que a contínua intimidade do médico com a dôr, marca na sua alma um sinal particular, fazendo-o um homem à parte, isto é, um ser de mentalidade, autoridade e consciência que lhe dão uma verdadeira superioridade entre os outros homens.

Em conferência pronunciada no Centro D. Vital de Aracaju, aos 11 de Fevereiro de 1933, quando revia o seu berço natal e sua família, ao transcurso da boda de ouro de seu pai, ei-lo asseverando que: — “o sofrimento é fonte de criação e de inspiração. Tem ação purificadôra. Gera esforço e energia moral.

É caminho de luz e de perfeição”.

Analisando a sua necessidade, indagando o motivo do sofrimento, Ranulfo lembra que se lhe abrimos a porta do coração e o amarmos descobriremos que êle é uma forma de vida e uma das maiores necessidades.

*

* *

Procurei delinear até aqui a vida de Ranulfo Prata, agora tentarei estudar em traços gerais a sua obra. O conto é a narrativa rápida, a observação ligeira, numa visão condensada em poucas palavras, sutil e penetrante, repassada de uma vibração transitória, numa fusão de formas diversas. No Brasil, o conto ocupa o primeiro plano, considerando-se o numero incomensuravel de contos e contistas! Apesar de ter merecido dos historiadores da nossa literatura uma referência merencória.

Os nossos romancistas, nossos ensaistas, geralmente rabiscam contos. Daí, o número de “conteurs, superar o número de romancistas. Tanto assim que Afranio Peixoto declarou que: — “o romance exige um esforço, uma tenacidade, uma paciente luta contra o

desanimo e contra os obstáculos surgidos a cada pagina, que a nosse natural indolência não procura, ao passo que o conto, rapidamente escrito, concentrado e uno na ação, é de mais facil alcance”.

É uma explicação sincera, tambem corroborada por Ronald de Carvalho, quando demonstrava que: — “o nosso povo é um grande criadôr de fábulas e de historietas, sua imaginação inquieta e viva, cria sem cessar mitos, personagens e lances fantasiosos, aventuras aparentemente verídicas ou inverossimeis”.

O Brasil é o pais do conto, onde os nossos contistas, sob o sortilegio do nosso povo, são ferteis em imaginações sentimentais ou terrificantes. Não há exagero afirmar que o nosso conto é genuinamente brasileiro, não prevalecendo, portanto, o falso conceito de que possuimos uma literatura contista de imitação.

O folclore brasileiro, na expressão sensata de Bezerra de Freitas, reflete uma das mais vivas e sugestivas manifestações da nossa psychê, da nossa alma dos nossos estudos de consciência. Em “Contos Fluminenses”, Machado de Assis, dizia em 1872: — “é generodifícil, despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda atenção de que ele é muitas vezes credôr”. — Se vivo fosse o maior contista brasileiro, perceberia o falso conceito de sua afirmativa exarada há setenta anos atrás. O conto possui o seu público próprio num rêlêvo peculiar. Ranulfo se dedicou ao conto em sua iniciação literária e viu, com apenas vinte anos, um conto seu — O TROPEIRO — premiado em primeiro lugar no concurso aberto pela — “A TARDE” — de Bahia.

Foi o primeiro estímulo que a vida deu ao mocinho desconhecido e tímido que era naquela época.

Mais tarde consagra-se ao romance. Ranulfo fixou em todos os seus admiraveis contos o meio e o homem, particularizando o filho de Sergipe, num encadeamento exato, ao amôr à terra natal, tendo portanto, o colorido vivo das paisagens realistas.

Mostrando-nos ora a alma rude e sincera dos nossos caipiras, desvendando os sentimentos dos nossos políticos, o contista de Lagarto expande a lembrança dos fatos da província, num estilo nordestino, numa linguagem firme.

Ora fica a descrever o espetáculo tão nosso conhecido das feiras do interior.

“Reune-se na Praça principal do lugar em torno do Mercado, casarão de largas portas ovais, rasteiro e solido como uma fortaleza, uma população feita da mistura do pracião com ares de civilizado, e do tabareu ingênuo e rude de chepéu de côro batido na frente e trages de carregação.

A cidade, despertando do torpôr em que esteve mergulhada durante sete dias, sacode-se toda e ri com alegria”.

Ora atira toda a dose de pessimismo num assomo de piedade e de magua contra o nordeste, nordeste que ficou sempre indelevel no seu coração, “no infeliz nordeste da política, das secas, das endemias e da pobreza.

Lá a fazenda consta geralmente duma casinha de pau a pique, onde mora o vaqueiro com a mulher, a ninhada de filhos e cansada”.

E continúa Ranulfo nos seus contos a evocar quadros e quadros de Sergipe. A “LONGA ESTRADA” é bem um conjunto destas lembranças evocativas.

O romance foi um genero da literatura no Brasil que mais retardou na sua evolução.

O prestígio do romance que data do século 19, mesmo assim, no Brasil ele foi insensível, apesar da acentuada influência da literatura luzitana, que por sinal também foi tardia, pois só em Bernardim Ribeiro com “Menina e Moça” tivemos o seu florescimento.

A oratória, o jornalismo, o ensaio, a crítica, o teatro e a poesia, como atividades literárias, tiveram sua primazia, como atividades literárias.

Aquela delonga foi oriunda, não resta dúvida, do meio social então acrescido a um fator preponderante: — “a severa concepção patriarcal da família”, base da sociedade colonial do Brasil. Existia, por assim dizer, uma atmosfera hostil à literatura novelesca e romanesca.

O homem vivia inteiramente absorto com as ocupações práticas, sem “tempo a perder com a leitura e ainda menos com a invenção de histórias”.

Os literatos, na sua unanimidade, manejavam a poesia que era naquêl tempo “arte mais nobre”, produto de uma época e influência pela metropole.

Na actualidade, porem, o romance é consequência lógica da própria civilização.

O nosso Ranulfo foi, sobretudo, romancista.

Foi ao romance que dedicou principalmente as suas actividades literárias. Objectivo na sua arte, dedica-se ao estudo da fisionomia humana, interessa-se pela vida de outrem pintando com brilho intenso o que observa. Sem impedir, contudo, que a sua personalidade apareça de quando em quando.

É que, como afirmou Maurois — “Pode-se cortar o cordão umbelical entre os personagens e a imaginação que os alimenta, sem se impedir que contraíam semelhanças, pontas de contacto com o seu criador”.

Turgueniev — o grande romancista russo, afirmava: — “Nunca produzi nada que proviesse somente da imaginação. Não prescindindo de modelos vivos para os meus personagens”.

Ranulfo, como Turgueniev, escolhia também, na variedade imensa dos tipos humanos, os mais assimilaveis à sua arte.

Como médico, parece que se familiarisou com o sofrimento. Dai, esta tortura inquietante nos seres que descreve. Os seus livros são sempre a evocação de uma grande magua.

Severino, em — “NAVIOS ILUMINADOS”. Fortunato em “O LIRIO NA TORRENTE”, e assim por diante.

Não esquece tambem a paisagem da terra distante e a sua gente simples, resignada e bôa.

Ranulfo Prata possuía uma personalidade artística, como escritor fecundo, primoroso e sobretudo realista.

“O TRIUNFO”, publicado em 1918 já revelou as qualidades do verdadeiro romancista.

Seu último livro — “NAVIOS ILUMINADOS” — foi de um successo invulgar nos meios literários do nosso país e tambem no exterior. Vertido para o espanhol por Benjamin Garay, o mesmo tradutor de OS SERTÕES.

É a vida do estivador das Docas de Santos. Uma página reivindicadora do operário, merecedor de um melhor padrão de vida. Profligando injustiças, ressaltando os nossos erros sociais, assim é o combate da vida humana, tão repleta de manifestações adversas.

Nas páginas de — “NAVIOS ILUMINADOS” — vivem os eflúvios de sua formação espiritual, dando-nos uma nítida impressão do que a grande terapêutica da questão social reside no amor e na fraternidade.

Temos que considerar como verdadeiros tesouros da inteligência os bens do trabalho, da vontade, da virtude e do amor. Parece-nos que a questão social é primordialmente uma questão individual, o que equivale dizer que sua solução está no melhoramento do próprio indivíduo.

É que — “não ha saude social se não ha saude individual, não há redenção social se não a precede redenção individual”.

De vez em quando, interrompe suas narrativas para retornar às esperanças dos que lutam, vencem ou são vencidos na luta de vida.

O episódio de — Severino — em Santos, é uma realidade na vida dos que emigram, dos que abandonam os lares, sequiosos de ambições.

Muitas vezes buscam o próprio infortúnio, como o personagem de “Navios Iluminados”, que é o retrato do que luta desesperadamente e desesperadamente sucumbe num oceano de torturas e de misérias. . .

Tão forte é o seu realismo, que chega à mais intensa expressão. A repercussão desse romance foi extraordinária.

O público apaixonou-se por “Navios Iluminados”, tão fecundo em sua realidade social e tão repleto da alma simples do nosso sertanejo.

Temos que encarar como problema vital o da justiça. Em — “Navios Iluminados”, — vamos encontrar a plenitude da consciência no seu contacto com as virtudes cristãs.

O talento de Ranulfo na fixação das narrativas é perfeito. Pintava com honestidade o que via.

“DENTRO DA VIDA”, — ao contrário dos outros livros seus é um romance subjetivo, reflexo de um amôr profundamente místico, revelando a ascendência de Jackson de Figueirêdo.

Em — “O LIRIO NA TORRENTE”, — deparamos com Fortunato, o bizarro personagem que vivendo uma existência melancólica — entregou-se ao trabalho de corpo e alma. Habitado, para logo, ao novo gênero da vida, e mesmo a amando, sentia que o trabalho lhe proporcionava um duplo prazer: — o que dele vem por si só, e o do almejado proveito para a realização do seu grande e secreto desejo”.

O amôr platônico por Chiquita, silencioso, embora apaixonado. Um ramântico, mesmo sem enxergar na sua amiga uma vítima da própria sociedade.

É um livro que exprime toda a paixão de um amôr intangível, feito de sonho, melancolia e dolorida saudade.

É que a — “vida amorosa, fragil e profunda, é como um lírio na torrente”...

Pois o homem tem na existência afetiva o outro aspecto de sua atividade.

Esse livro e tambem — “A LONGA ESTRADA”, foram premiados pela Academia Brasileira de Letras.

A atividade literária de Ranulfo é admirável por seu valor intrinseco e tambem pelo significativo numero de suas produções, “todas as manifestações da intelligência e da sensibilidade humana êle as amou, não em si mesmas, mas na medida em que elas significavam a aproximação desse estado místico, que é a visão da tragédia sobre o mundo moderno, porque esse estado é a unica maneira com que hoje nos é dado apreender a realidade”.

E assim foi a vida de Ranulfo, um constante escrever, um constante produzir.

Quando morreu, trabalhava no preparo de um romance de intensa psicologia humana. E a morte veio busca-lo quando num labor silencioso, lento e produtivo, estudava em seu livro a propria vida da humanidade.

Mas a sua obra ai está imperecível pelos tempos em fóra, como uma glória de Sergipe e do Brasil.

Senhores Acadêmicos: —

Tentei debuxar com a singeleza das minhas palavras o perfil do meu ilustre antecessor, — Ranulfo Prata.

Assiste-me, agora, esboçar, em traços rápidos a figura do Patrono da Cadeira Nr. 7, Dr. Manuel Curvelo de Mendonça.

Ambos contribuíram, sobremodo, para aumentar o partimônio cultural da terra que lhes serviu de berço.

Nasceu Manuel Curvelo de Mendonça aos 29 dias de Julho de 1870, no Engenho Quintas, no município de Riachuelo. Era filho de Antônio Curvelo de Mendonça e D. Barbara de Menezes de Mendonça.

Em Laranjeiras e Aracaju realizou o seu Curso de Humanidades, rumando para Recife, onde na conhecida Faculdade de Direito recebeu em Dezembro de 1892, o grau de Bacharel em Ciências Judiciárias e Sociais.

Perlustrando-se os episódios de sua vida, percebe-se que abraçou o magistério, e sobretudo o jornalismo. Lente de Direito Mercantil e Economia Política na Universidade Popular, do Distrito Federal, da qual foi um dos seus fundadores e cuja existência foi tão efêmera, como as Rosas de Malherbe...

O jornalismo foi sem duvida o início de sua carreira publica. No "OPAIZ" sua atividade brilhante assinala uma etapa de triunfos retumbantes!

Espírito culto e inteligente, Manuel Curvelo de Mendonça, já nos primórdios da Abolição e da República, lançava artigos de profunda ressonância, sob o pseudonimo de LUCKNER, revelando assim, desde cedo, os pendores pela arte de Alcindo Guanabara e José do Patrocínio.

O jornalista exerce uma prerrogativa que lhe é outorgada pela própria missão de seu mistér.

O seu julgamento não deve em absoluto atingir as raias da injustiça, da crueldade ou da injuria.

Procrastinar tal etica, seria violar e de um modo flagrante o dever moral do homem.

Positivamente o carater e a inteligência são suas armas de combate no campo doutrinário ou informativo. A atividade jornalística deve ter sempre como escopo uma finalidade orientadôra.

Ela deve ser eminentemente construtiva porque tem a seu cargo a importantíssima missão de guiar a opinião publica.

Dirigindo "O PAIZ", o filho ilustre de Riachuelo sustentou grandes campanhas, pontificando o preceito da Verdade e da Justiça.

Pregando os postulados sagrados e inalienáveis do jornalismo, estabeleceu o seu Evangelho profissional, firmando o seu pensamento em relação ao jornalismo, como sendo um élo básico na educação e na cultura de um povo.

Com o seu catecismo doutrinava as idéas, como homem que pensa e medita no senso real das cousas, subordinado ao equilíbrio mental.

E foi assim que Manuel Curvelo de Mendonça adquiriu, pela fôrça das armas de seu carater e de sua inteligência, uma legião de admiradores, assinalando deste modo uma época no jornalismo nacional de então.

GUMERSINDO BESSA, definindo o jornalista, asseverou que: — "o jornalista é um mestre da palavra improvisada.

Com a elaboração instatanea da idéa, êle firma a expressão immediata. Tudo nele é subitâneo, desde a inspiração até ao boleio do estilo. A imprensa é um sacerdocio, que os filhos de Gutemberg são os porta-estandartes da civilização, o jornal é o paladium das liberdades publicas, o propulsor do progresso, o paladino de todas as causas nobres, o farol da evolução humana, quando não é o açougue da honra alheia".

Os seus preciosos e magistras estudos econômico-financeiros, valem como uma consagração ao sergipano que soube honrar fóra de Sergipe o seu pequeno torrão natal.

O seu livro — A REGENERAÇÃO, — romance social publicado em 1904 em Paris, foi acolhido com os maiores encomios, pois este livro contem — "um profundo estudo de sociologia, em que os problemas correlatos da sociedade moderna têm a sua crítica e a sua solução".

Colaborou brilhantemente e continuamente em inumeros jornais e revistas do pais e do exterior.

Alem dos atributos dinamicos que contem a obra literária de Manuel Curvelo de Mendonça, é ainda reveladora de um profundo senso de observação na análise dos fatos e suas conclusões.

Sua atividade indica profundos conhecimentos no campo da sociologia, disciplina básica para o homem de imprensa, obtida no contacto direto com o meio social.

Dedicado também aos problemas didáticos, representou o Brasil no Congresso Pedagógico de Bruxelas em 1910, onde dissertou magistralmente sobre — “A Marcha Progressiva do Ensino no Brasil”.

Manuel Curvelo de Mendonça, como Ranulfo Prata, foi um idealista sincero, embora vivesse em geração diferente, pelejando embora em ambiente diverso.

Entretanto ambos foram sensíveis às realidades da vida, harmônicos nas suas idéas e proposições sociais.

Deixando-nos o exemplo da existência consagrada ao dever ao trabalho, ao estudo, principalmente ao bem estar coletivo

Senhores Acadêmicos:

Penetrando no convívio da intelectualidade do meu Estado, resta-me, ainda uma vez, manifestar o testemunho do meu reconhecimento à Academia Sergipana de Letras, que tão generosamente me acolheu, assumindo, também, o compromisso solene de cultuar as suas tradições gloriosas, os seus ideais nobres e elevados, que visam sempre zelar pelo patrimônio cultural de Sergipe.

Tenho dito

S O M B R A T E M E R O S A

Damião Mendonça

Velha sombra temerosa
cheia de angústia,
que vem do passado
e entristece o presente,
eu te repudío !

Porque vêjo em ti
dois mil anos de noite sinistra e má
no seio da Humanidade,
e o espectro do ódio,
embuçado nas trevas do Tempo,
pilhando,
mentindo,
saqueando,
traindo,
infamando,
corrompendo
e matando,
no tenebroso esgar da maldade insepulta.

Porque foste tu que sepultaste
milhões de criancinhas inocentes
mortas sob os escombros das guerras,
ou desfalecidas de fome nas sarjetas das ruas...

Porque tu és responsável pelas lágrimas
em que se banharam viúvas e mães desventuradas,
que tiveram os esposos e os filhos
arrancados dos seus braços carinhosos
para a brutalidade de todas as guerras,
que tu semeaste no seio da Terra...

Porque encheste de pavor
a existência malsinada
dos cegos e dos mutilados,
e levaste aos ouvidos dos fracos
os ferais bramidos dos fantasmas
espectrais da hediondez...

Tu vais morrer,
Velha sombra temerosa !
Há no horizonte uma fimbria côr-de-rosa,
que prenuncia o advento
da Éra-Nova !

Haverá luz,
haverá Paz,
haverá Justiça,
entre os homens na Terra !

E nunca mais as criancinhas inocentes
morrerão de fome,
ou estraçalhadas pelos mortíferos "robots",
nem as viúvas,
nem as mães,
chorarão de saudade ou de dôr.

Pretos, brancos, amarelos e mestiços,
de mãos dadas,
caminharão para o mesmo destino,

O Mundo será livre !
Livre para pensar,
para querer,
para agir,
para amar o amor puro das criaturas !

Tu vais morrer,
Velha sombra temerosa,
pois eu ouço o chilrear da passarada alegre,
anunciando a alvorada feliz
da LIBERDADE !...

Oração do DESEMBARGADOR HUNALD CARDOSO, proferida na solenidade conjunta do "Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe" e "Academia Sergipana de Letras" em homenagem ao PROFESSOR BRÍCIO CARDOSO na passagem do centenário do seu nascimento aos 9 de julho de 1944.

Exmo. Sr Interventor Federal

Digníssimas autoridades presentes.

Ilustres consocios do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Academia Sergipana de Letras.

Minhas senhoras e meus senhores.

Se a vida humana, encarada sob o prisma do eterno incognoscível e dos segrêdos velados pelo ignoto, não passa, por sua curta duração e contingências, de um sonho, como a imaginava GOETHE, através do atribulado e desprendido WERTHER, esta é a impressão que me assalta e domina, na solene assembléia deste julgamento histórico, em que evoca a posteridade o venerando nome de meu pai, o professor BRÍCIO MAURICIO DE AZEVEDO CARDOSO, para o inscrever na pauta da estima pública e na "sagração dos incontestados", como um dos alcantis da majestosa cordilheira de filhos proeminentes da nossa pequena pátria, desta risonha nesga de terra que, na corografia brasileira, desde o descobrimento, se apelida — SERGIPE.

Ao deter-me, ante vós outros, no sentido de objetivar o cumprimento à imposição com insistência recebida da **Academia Sergipana de Letras** e do **Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, para dar o testemunho, sôbre o objeto desta magna causa, — a laboriosa e movimentada vida do extinto, — sôbre cujo pro-

cesso o juízo da história se vai pronunciar, ao lhe assinalar o relógio do tempo o centenário do nascimento, compreender-se-á a perplexidade em que me debato, não só pelas intensas emoções que me desperta tão augusto acontecimento, mas, sobretudo por considerar que, durante os dias de seu transcurso accidental pelo planeta, só tenha podido com êle conviver o reduzido espaço de seis lustros, um minuto apenas no infinito dos séculos !

Nesse angustioso estado da alma, em que a insatisfação e a saudade se congregam, oprimindo-me, e fazendo-me sorver o cálice da amargura até a última gôta, aumenta ainda a minha conturbação e a minha máguia, o truismo de que a morte continúa a ser para nós um dos mistérios que o espírito humano não conseguiu até hoje decifrar, como o são também, a seu turno, a alma, o movimento, a electricidade, o pensamento, a matéria, a atração e a própria vida, nada obstante o adeantado grau de evolução que as ciências já alcançaram na éra presente e o que fez, por certo, CAMILO CASTELO BRANCO, sentenciar em a **Divindade de Jesus**, que, nas claras cousas, a essência, o amargo, é incompreensível à razão humana, visto como o finito não pode abranger o infinito, e fizera PLATÃO asseverar, há muitos séculos, ser o assombro o princípio da filosofia.

Nêste presuposto, já PASTEUR, ao tomar posse na **Academia Franceza**, da cadeira de que fôra predecessor LITTRÉ, partidário da doutrina positivista, que põe barreiras à metafísica espiritualista, externara :

“Não estará sempre no destino do homem perguntar-se a si mesmo o que há mais além dêste mundo? Que há mais além? O espírito humano, levado pelo impulso de uma fôrça invencível, não cessará nunca de o perguntar. Quer deter-se no tempo e no espaço? Como o ponto em que se detenha, não é senão uma magnitude finita, maior apenas do que aquelas que a precederam, volve a impalpavel pergunta, sem que haja meio de lhe emudecer o grito de curiosidade. De nada serve responder que mais além estão os espaços, os tempos e as magnitudes sem limite. Ninguém comprehende estas palavras. O que proclama a existência do infinito e ninguém se pode eximir a tal, — acunula nesta afirmação

mais mistério do que o existente nos milagres de tôdas as religiões, porque a noção do infinito tem o duplo caráter de se impôr e de ser incompreensível. Quando esta noção se apodera do entendimento, só há que prosternar-se. A idéia de DEUS é uma forma da idéia do infinito”.

Por isso é que o profundo espírito filosófico do meu panegênico, a quem eram familiares os problemas da metafísica e da teologia, no seu **Tratado da Língua Vernácula**, preceptorizou:

“Ora, designando o vocábulo Deus o único ser increado e eterno que se conhece, o único ser imenso que a filosofia concebe, o único ser oniciente e onipotente, *causa causarum*, parece fora de tôda dúvida competir-lhe os fóros de substantivo próprio, particular ou individual, como queiram chamar ; primo, porque a idéia que representa êste vocábulo é uma, especial, distinta, não conivível senão a um único ente ; secundo, porque os atributos do ser eterno que se designa por êste nome, por isso que constituem sua unidade, por isso que o definem em sua qualidade de incompreensível à inteligência humana, parecem absorver o gênero ou a espécie do mesmo ser eterno, assinalar a classe a que êle pertence, deixando só bem patente, bem destacada sua sacrosanta individualidade ; tertio, finalmente, porque se nos afigura, segundo a imaginação, o substantivo próprio como um título, como uma dignidade, um gráu, uma eminência em relação ao comum e ao apelativo.”

Se deduzir do tempo em que ao seu lado esperei o prazo emprestado à morte, por intermédio do sono, como interêsse pago provisionalmente, na expressão de SCHOPENHAUER, a essa ceifadora entidade, a qual, na inimitável poetica de HORACIO, tanto bate ao tugurio do pobre, como ao castelo do rei, mais e mais se reduzirá aquêle minuto e a sensação de que não vivemos, mas estiveramos apenas, num mundo imaginário, toma extraordinário relêvo e tudo para nós se converterá, assim, em verdadeira ilusão.

Partindo dessa observação, é que possivelmente a psicanálise, graças ao gênio de FREUD, chegou a estabelecer êste novo princípio:— “a vida é sonho e o sonho é vida”.

Foram de meu pai os dous últimos cantos de cisne desferidos através de elevados e impressivos pensamentos sôbre as funções, aparentemente antagônicas, do amor e da morte, como fenômenos da reprodução e da extinção da espécie, uma fórmula em regra de balanço final, ao despedir-se dêste vale de lágrimas, para a grande viagem do além.

Penetrando na nossa precária condição humana, condensava êle, pouco antes de morrer, sôbre o instinto da reprodução, no mármore do seu estilo apostolar, e com o olhar voltado à vida eterna, esta admirável provisão de sabedoria:

“O amor, êsse que não é um enternecimento momentâneo, oportuno e inoportuno, entre seres inflamáveis dos dous sexos da vida, tem o seu berço na santidade do céu... o amor puro e perfeito.

É a mais forte de tôdas as forças, não separa, não considera distâncias, não morre.

Tem estrelas como o firmamento e doçura como o mel.

Chorem os que não o conhecem, chorem os que não o podem gozar, porque enganam-se, desprezando-o pelo enternecimento, oportuno e inoportuno, entre seres inflamáveis dos dous sexos da vida, que não se governam, nem pela razão, nem pela consciência e, em sua alma têm a esterilidade dos brutos”.

E, no *Magnificat*, a penúltima dessas meditadas expressões de adeus à terra e aos seus semelhantes, sob a impressão da fugacidade da nossa existência, fazia esta substanciosa confidência:

“Ao aproximar-se a eterna noite de meus dias sôbre a terra, escrêvo neste papel o que penso sôbre o homem, meu irmão e companheiro de viagem, na azul esplanada celestial.

Coitado !

Nascido da mulher, não veio ao mundo, senão para carpintear o esquife que o levará a dormir no cemitério.

Sofre à força.

Não pode com a vista atenuada contemplar as estrelas luzentes do firmamento que narraram a glória de DEUS e anunciam as suas obras superiores, como os milhões de anjos da côrte divina que o adoram.

Não pode gozar à vontade o perfume das flores que esmaltam os campos e, em alto dizer, são as imagens das virtudes.

Tudo para êle passa e êle também passa, como o cristal das águas das fontes que não cessam de correr.

Ele vive tão pouco, como as aves que vivem no ar e os peixes que se movem nas águas que banham as terras.

Não pode viver tranquilo, porque o seu pensamento está fixo no seu esquite, que o solicita de encarar a morte de frente.

Nascido para desaparecer tão depressa, só pode viver aos pés do Senhor, origem de luz e amor, distribuidor das gôtas de felicidade que não chegam para adoçar os lábios daquêles a quem a natureza deu coração de pedra ou de fera.

Viver pouco, passar como as sombras, fugir, fugir do mundo — é a divisa do homem, que não tem o tempo preciso para fazer o bem que deseja.

Ele carpinteja, perdão para êle, ó meu DEUS; levai-o cêdo, mas dai-lhe todos os vossos prêmios e tôdas as vossas amabilidades.

Pois bem; nasça e morra, como a flôr e e fuja como a sombra e nunca permaneça no mesmo estado.

Carpinteje, carpinteje sempre, mas não se esqueça d'Aquêle que é grande e perfeito e é o sol da Justiça”.

E, no artigo *Sursum corda*, um ano antes, já externara:

“A contribuição das sepulturas é inflexível para moços e velhos, para ricos e pobres.

As virtudes não são excetuadas.

A morte não é generosa, mas é leal.

Dotes de virtudes, e caráter, honra, amor, grandeza e glórias, tudo vai ao túmulo, tudo é chorado com muitas lamentações.

Não há eternidade para o poderio, a magnificência e a pompa. Tudo é nada, tudo o DEUS chama a si.

Ninguém faça projetos longos.

A vida é breve. ainda mesmo quando a cercam triunfantes êxitos”.

Noutro escrito, ainda insistia:

“*Mors est latro hominis*”.

Exibida à barra do grandioso tribunal, que constituís, a contra fé da citação que a êle me trouxe e identificado na minha qualidade de descendente direto daquêle que a espontaneidade do sentir público tornou alvo de tamanha consagração, deixai que vos diga que naturais escrúpulos de sincera e arraigada afeição filial impedir-me-iam que, de mim próprio, assumisse a iniciativa de vos falar sôbre o infante vindo ao mundo a 9 de julho de 1844, num lar estanciano, neste Estado, e no qual estavam contidos os germens da irradiante e destacada personalidade que um dia representaria, embora não desconheça que, segundo a clarividência de SHAKESPEARE, respira a verdade tranquilamente, tendo além disso, os filhos, em relação a seus genitores, deveres e obrigações a que se não podem furtar, para que não se tornem passíveis da infamante pecha de desalmados ou faltosos.

“Trepidador... podia, fugir, não”, — como êle próprio o diria, se viesse, em vida, a encontrar-se em analogia conjuntura, mormente quando não ignoro a apropositada observação de TAINÉ de que uma só situação, a de pai maltratado por filhos ingratos, sugeriu sucessivamente, à tragédia e ao romance, o *Edipo em Colona*, de SOPHOLHES, o *Rei Lear*, do SHAKESPEARE, e o *Pai Goriot*, de BALZAC e, destarte, não me era lícito, sem o maior desar, com êles me confundir e me tornar transgressor de um dos preceitos do Decalogo, aquêle que, de modo imperioso, manda honrar pai e mãe.

Saúdando, em discurso, ao BARÃO HOMEM DE MELO, no Colégio TOBIAS BARRETO, em 1927, nesta capital, aludia meu pai ao reprovável gesto dos descendentes do rememorável trágico helenico, com estas severas palavras de estranheza:

“SOPHOCLES justificou que a idade não lhe pesava, lendo no tribunal uma de suas tragédias, a sua obra prima, quando a ingratição dos filhos requeria a perversidade de se lhe dar um tutor, inventando uma decrepitude que não existia”.

Primeiro artigo do código religioso e do estatuto moral do homem, é o amor filial a base de tôdas as virtudes, na expressão de CICERO, ao defini-lo fundamentum omnium virtutum pietas in parentes.

E sua prodigiosa fôrça, na intensidade dos lances a que é capaz de alcandorar-se, muito bem se pode aferir, no maravilhoso e surpreendente episódio de ATYS, filho de CRESO, o qual, sendo mudo de nascença, e vendo o pai, invadido o paço real de sua moradia, prestes a ser mortalmente atingido pelas armas sanguiscentes dos soldados de CYRO, ebrios da vitória, despedaça, num supremo esforço, as cadeias que lhe prendiam a língua e embargavam a fala, e grita-lhe, para desviar-se do golpe fatal iminente, salvando-lhe, assim, a vida.

Estou seguindo, pois, um exemplo aceito à divindade e aos homens.

Saindo da lápide para a cultuação dos posteros, não partiu primeiramente do sentimento filial esta afirmação que vale por uma sentença e por si só basta para assinalar e autenticar o valor moral, intelectual e social de um homem, embora visto à luz do espontâneo pronunciamento de uma correspondência íntima:
Bricio Cardoso, varão de Plutarcho —

Quanto a mim, em particular, ressumbra-me das entranhas da consciência, desde logo, a confissão da soma imensurável de reconhecimento que devo ao autor dos meus dias, àquêle a quem, apesar de desaparecido do elenco dos vivos, há quasi vinte anos, não pude nem poderei jamais esquecer, deixando, por conseguinte, de experimentar a resignação plena do sábio rei DAVID, ao ter notícia da morte de um filho, para o fim de demonstrar a sua perfeita conformidade com os decretos celestiais.

Levou-me a não me obstinar numa intransigente recusa, a circunstância de haver meditado sôbre casos análogos e notórios de vultos eminentes, nas letras universais, de haverem desempenhado igual tarefa, no que concerne a seus genitores, tais, entre outros, esse extraordinário gigante, WINSTON CHURCHILL, au tor de uma biografia de LORD RANDOLPH CHURCHILL, e MADAME DE STAEL, que se não sentiu liberada de uma grande dívida afetiva, enquanto não traçou para a história o perfil de NECKER ou o de EVA CURIE, em relação à MADAME CURIE e, entre nós, os de ALCANTARA MACHADO e MARIO DE ALENCAR, ao enriquecerem o patrimônio literário nacional, com

os estudos que dedicaram à apreciação pública, respectivamente, de BRASÍLIO MACHADO e JOSÉ DE ALENCAR.

Outros exemplos lograria ainda invocar, e não menos robustos, como justificativa lógica, em favor dêste meu gesto. Como declinar, senhores, ao conspicuo apêlo?

Tomando, sob os ômbros, o altíssimo encargo e passando a desempenha-lo, poderei, antes repetir à ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS e ao INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SERGIPE, as adequadas estrofes de OS LUSIADAS, no Canto Terceiro, dirigidas por VÁSICO DA GAMA ao rei de Melinde:

“Mandas, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória”.

Acentuado isto, começarei a dar largas ao coração e ao espírito, sem contudo comprometer o senso histórico. Passarei dest'arte, a produzir o depoimento que de mim se exigiu, nesta resurreição do nome de meu pai, e com o qual me associarei aos atos magníficos de justiça e de saúde com que tôdas as classes sociais sergipanas, conclamadas em editorial, pela *Voz do Povo* da cidade de Estância, em o seu número de 8 de julho do ano próximo passado, resolveram, espontânea e convergentemente, com o apôio do governo do Estado, cioso dos fatos e das tradições do Estado, colaborar nesta apoteose unisonante e triunfal à memória de Brício Cardoso, patrono da cadeira n.º 36 da Academia Sergipana de Letras e sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, que desta forma tomaram a si, juntos, esta página reivincadora dos seus méritos à conspicuidade das benemerências fecundas de sua gloriosa missão de educar.

Essas comemorações têm, inquestionavelmente, ajustada e dupla significação: não só exprimem o culto conferido a um morto ilustre, que se dera ao bem da instrução e da pátria, mas cons-

tituem também lição social de civismo, elevando o perfil majestoso da comunhão que as realiza, por se não conservar indiferente aos sagrados manes dos que a exaltaram e opulentaram, como operários da sua grandeza, nos setores de suas preferências e aptidões. Corporificam ainda forte incentivo às gerações em crisalida, convidando-as à imitação. “O exemplo é uma proclamação viva”.

Se visam, preferentemente, com edificante magnitude, atribuir “o prêmio lá no fim bem merecido”, não deixam, à sua vez, de instruir e educar, possibilitando o alcance do elevado conceito veiculado no insuperável elogio de SHAKESPEARE, por VICTOR HUGO, de que, “neste mundo, nada perdura, senão o espírito”.

Só êle, em verdade, graças à perenidade inerente às suas obras, desafia à ação dos tempos, tornando-as, além disso, patrimônio comum da humanidade.

Nas minhas palavras, estará, pois, compreendida tôda a minha alma e tôda a minha ternura e uma infinidade de sentimentos outros por elas intraduzíveis, mas perfeitamente sintonizáveis à sensibilidade de quantos hajam, em suma, cinzelado no peito os flortões primorosos do santo amor filial.

E se a sepultura é, como afirmou VICTOR HUGO, no grandioso ensaio que dedicou à Inglaterra sôbre SHAKESPEARE, um crisol e serve a terra, lançada sôbre o homem, de peneira para o seu nome e não o deixa surgir senão depurado, e imaleável, eis ao que colimam comemorações como esta, em que forçosamente se há de medir o teor moral e intelectual das personalidades que objetivam. E não podendo mais estas no silêncio do túmulo, competir com quem quer que seja, no cenário da vida, reclamam apenas dos que vieram depois o justo que se lhes deva.

A minha contribuição a êsse desiderato, há-de ser, por conseguinte, baseada em fatos, isenta de exageros e paixões, fraguada na imparcialidade a mais serena.

Se adiantasse aqui, no desenvolver dêste depoimento, qualquer coisa que não fosse a expressão real da verdade, a pena justa a me ser aplicada, seria aquela que os Romanos, no comêço de sua civilização, faziam incidir sôbre os convencidos de falso tes-

temunho: arrojavam-nos ao abismo, impelindo-os para ali, do cimo da rocha Tarpeia !

Ninguém, penso eu, se debruça sôbre um sepulcro, ainda que de um estranho, sem alienar do pensamento, tudo o que possa perturbar a paz do sono eterno do ente que ali dorme o sono infinito, a cujo religioso respeito não é possível faltar.

Terei, assim, de projetar aqui, em painel de absoluta imparcialidade e conhecimento de causa, a luz da recordação sôbre um vulto cuja sombra ser-me-á sempre abençoada e querida, apelando para o juizo dos contemporâneos e para os adm̃niculos que tenham conservado da fugaz reminisceência do seu amorável convívio. Examinando tôdas as fases do desenvolvimento de sua personalidade, do berço à idade provecta e desta ao sacorfago, de modo a reconstruí-la, na simplicidade e beleza dos traços morais e intellectuais que a unificam, no sentido de realçar a utilidade do inclito apostolado a que se devotou — ensinar — posso, sem a menor vacilação, dizer-vos que êle foi, entre as atividades que lhe coube exercer, o seu preferente destino. Foi o seu ideal do bem e do belo.

Não bastou que lhe tivesse dedicado toda a existência, a partir dos mais verdes anos até às proximidades da morte, praticando-o, com ascendrado afeto e lustre inconfundível, incessantemente, no aprimoramento de gerações sobre gerações, com a sadia e acumiosa concepção de que “o homem que sabe ler, escrever e contar bem, é o capital que mais produz”.

Dominava-o, sobretudo, o sacratissimo ardor do missionário, a nobre paixão do officio, e a musa da sua eloquência, sempre tão fecunda, quer escrevesse, quer falasse, nos deixou dele, em alto relevo, esta bem talhada miniatura:

“O mestre que é senão um eco de verdades, um repetidor de doutrinas?

O que nobilita o grande sacerdote civil, o grande magistrado moral que se chama **mestre**, não é mais do que seu discernimento e juizo na escolha das doutrinas que vasa no espírito de seus alunos, a clareza da sua exposição, a vida da sua palavra, o fresco

do seu estilo, a excelência dos seus metodos e, finalmente, a moralidade dos seus costumes”.

Com essa alta concepção a respeito da figura do mestre, não lhe podia deixar de ser o magistério sublimado sacerdócio; era a centelha do ideal que o inspirava, fazendo avultar, nas suas proporções a individualidade do preceptor emerito e com ela a incontestada eficiência do seu sistema pedagógico.

Na célebre entrevista de NAPOLEÃO com PIO VII, em Fontainebleau, e em que o Vigário de CRISTO desdenhou, sem arrogância, mas com absoluta firmeza, de toda a eloquente captação do senhor da Europa e, depois, da explosão de toda a sua colera, chamando, sucessivamente, a BONAPARTE, à medida que o repelia, de **comediante** e **tragediante**, até fazê-lo cair em si e vencê-lo, mercê da superioridade moral de sua inflexa e resoluta atitude, dissera-lhe, então, o glorioso Imperador dos Francêses que, “no mundo, só havia duas espécies de homens: os que têm e os que lutam”.

Cito, de propósito, esta cena patética da história, afim de incluir a personalidade de meu pai entre os da segunda categoria.

Não sendo abastado o lar dos seus genitores, o combate pela vida lhe foi aurora, ao atingir a puberdade.

Seu pai lhe legou apenas as excelentes qualidades de um espirito nutrido de verdades científicas entre as mais lúcidas e cultas de sua época. Tinha-lhe meu avô grande estima e o considerava “o seu anjo”, tendo a êle assim se referido, pouco antes de falecer em Bahia, em 1869.

Em os nossos momentos de conversação, quando alcancei a plenitude do raciocínio, pude observar o intenso culto que, à sua vez, lhe devotava meu pae, exaltando-lhe sempre os instintos virtuosos, a respeitabilidade, a ilustração e a sensibilidade.

Posto não fôsse o mais velho, entre os seus irmãos, sempre coube a meu pai a orientação destes.

Quando morreu meu avô, o professor JOAQUIM MAURICIO CARDOSO, tocou-lhe a direção da família e a imediata assistência material aos irmãos não ainda emancipados.

Por todos êles se desvelou e conseguiu formar um em direito, o que lhe era afilhado, de nome MELCHISEDECH MATHUSALEM CARDOSO, figura de intensa projeção nos meios culturais do Rio Grande do Sul e que ali ascendeu à desembargatoria, no Tribunal de Apelação e ao magistério superior, na Faculdade de Direito de Porto Alegre, cercado da maior consideração e estima, devidas ao seu profundo saber e inconcussa probidade, tendo a glória de ser genitor do dr. JOAQUIM MAURICIO CARDOSO, consagrado expoente de uma das gerações gaúchas que mais luzimento e valor conquistaram, pela inteligência e pelo patriotismo, para o seu opulento Estado.

No passamento, doloroso e trágico, de MAURICIO CARDOSO, no admirável estudo que traçou sobre a sua genial e vitoriosa personalidade, dizia, a respeito do seu pai e meu tio, desembargador MELCHISEDECH MATHUSALEM CARDOSO, um dos principes da eloquência e das letras farroupilhas, o dr. JOÃO NEVES DA FONTOURA:

“O pai era um sergipano erudito, juiz austero, de grande eloquência, tipo de profundo cultor das letras clássicas, que viera moço começar, no Rio Grande a carreira do fôro. Casara na Soledade com uma senhora de antiga família serrana, de olhos azues, serena, trabalhadora, silênciosa, com tôdas as virtudes do longinquo interior gaúcho. Não raro surpreendíamos o velho MELCHISEDICH CARDOSO recitando à esposa os ódes do HORACIO que ela, sem compreender, ouvia, enlevada e atenta, enquanto fazia tricot, do outro lado da mesa”.

Nascido a 9 de julho de 1844, na cidade de Estância, neste Estado, foi meu pai, o professor BRICIO CARDOSO chamado à graça de DEUS em 21 de novembro de 1924, às 13,30 horas, na Vila Joelina, à rua Itabaiana, nesta capital, aos oitenta anos, quatro mezes e doze dias de idade.

Aí fixara o seu domicílio, nesta cidade, desde o ano de 1900.

Exalou o último suspiro, depois de haver recebido a extrema unção, sob a desolada assistência e inestinguível magua de sua numerosa prole e, sobretudo, da santa companheira que elegera para socia do seu labor e do seu pensamento, minha mãe d. MI-

RENA CARDOSO, cujo nome pronuncio aqui como símbolo da mulher sergipana, insuperável na brandura, na rijeza da têmpera, na compassividade, na dedicação ao esposo e aos filhos, genuíno tipo de mulher cristã, cuja alma era um vaso de amenidade e carinho, ao mesmo tempo magna disciplinadora e sacerdotiza do lar.

Entre os casais felizes, cujos méritos se multiplicaram com os anos, nenhum poderá exceder ao constituído por meus pais, graças ao princípio de que “onde ha rosas ha tambem espinhos” e a recíproca afeição que acabou por unificar duas almas, magnânimas nas provações, tolerantes, nas mais acerbadas dificuldades da existência. Ambas se compreenderam e se completaram guiadas por aquela verdade divina da Imitação: “não se vive no amor sem dor.”

Não consegui minha mãe sobreviver a meu pai além de um lustro, tal a incessante angustia que lhe causara a sua morte, habituados que estavam ambos à presença um do outro, inteiramente vinculadas num só, em doce e amável commercio afetivo, dentro em um lar sem ostentações, a que um nicho povoado de imagens, como os há na maioria dos lares sergipanos, punha limites a todas as ambições impuras e repetia, constantemente, o milagre da multiplicação dos pães.

Já havia meu pai deixado de cursar o seminário de S. Salvador, onde teve, entre outros, por companheiro a FELINTO JUSTINIANO FERREIRA BASTOS e onde já chegara a receber ordens menores, quando conheceu aquela que escolheria para esposa perante o altar e com ela contraía nupcias em 7 de janeiro de 1876, em S. Lusitânia, neste Estado, transferindo-se o casal, logo depois, para a Bahia.

Naquella austera casa de ensino religioso, é que profundou meu pai, ao lado da teologia, os seus estudos de filosofia e humanidades, aperfeiçoando os seus conhecimentos de latim, grego, francês, português e história geral, e nos quais viera, depois, a especializar-se e a adquirir grande autoridade, tendo escrito de suas impressões ali o livro sob o título — *Noites no Seminário* —, cujo produto fez reverter em benefício de seu irmão SYMPHRÔNIO CARDOSO, para ir estudar em França.

A chave dos seus triunfos, como escritor e professor, provinha do conhecimento a fundo das citadas linguas, ao lado das outras disciplinas em que se instruíra.

Sendo versado naqueles idiomas, cujos segredos conhecia, não punha em cheque o dito de GOETHE de que “quem sabe uma só lingua, não sabe nenhuma” e realizava o de CARLOS V, ao sentenciar que “saber duas linguas, é ser homem duas vezes”, apoiado por SAIGNON, que lhe retorquiria: “É verdade, porque não se duplica somente a própria visão do mundo e da vida; duplica-se o coração”.

E valia por muitos, segundo a advertência de NAPOLEÃO, ao concluir que “o homem que sabe duas linguas, vale por dez”.

Com elas, criam-se novas almas, conforme a opinião do professor MANOEL CANDIDO — “nova lingua, nova alma”.

Acredito que em razão de ser amplamente versado, além do nativo, em outros idiomas, notadamente o francês, o italiano, o latim e o grego, em cujas literaturas era juiz competente, foi que pôde aprender o esperanto em vinte e quatro horas, para satisfazer ao seu colega no Ateneu dr. ALCEBIADES PAIS, e escrever o seu bem acolhido *Tratado da Lingua Vernácula*, de publicação postuma em 1932, graças à dedicação filial do dr. MAURICIO GRACCHO CARDOSO, que o fez vir a lume naquela época, tendo sido concluído em 1875 e aprovado pelo Conselho de Instrução Pública da Bahia em 1879.

E assim penso, baseado na judiciosa observação de POTT, filólogo de prol, ao doutrinair:

“Esta inopia, posto permita serem invertidos os objetos longínquos e não os mais próximos, se manifesta no homem na ordem intelectual sobretudo, quando se trata do conhecimento da lingua materna. Para o estrangeiro, está apresenta, à primeira vista, uma multidão de singularidades que, precisamente por causa dos costumes, aquele que fala, desde a sua infância, não nota nunca, ou nota mui difficilmente. A atenção do primeiro somente se excita pela exterioridade, enquanto que, no segundo, é a fôrça de vontade que produz o desejo de observar. Daí êsse fenômeno tão conhecido que, em geral, não se aprende a conhecer a fundo a lin-

gua materna, senão depois de haver aprendido outras e que é mais difícil fazer uma gramática da lingua própria que a de um idioma estrangeiro”.

Esgotada, como se achava, a primeira edição dêsse trabalho concedeu-lhe o Interventor MAYNARD GOMES, a expensas do erario público, as honras de uma segunda, como contribuição do Estado às comemorações do centenário do nascimento do seu preclaro autor.

Em sinal de reconhecimento, por êsse expressivo e largo gesto, fizemos, eu e meus irmãos, drs. MAURICIO GRACCHO CARDOSO e ELEYSON CARDOSO, inserir em a nova edição desse livro as seguintes linhas:

“Graças à nimia compreensão cívica do Interventor AUGUSTO MAYNARD GOMES, tomou a si o govêrno do Estado a exemplificante e sugestiva incumbência de reeditar este **Tratado da Lingua Vernácula**, (Gramática) em atenção à obra educacional de BRICIO CARDOSO na formação de várias camadas da juventude sergipana, no momento em que, por iniciativa da Imprensa local e do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, se vai comemorar o centenário do catedrático que o compuzera, através de um acurado labor intelectual, e da experiência acumulada em vários lustros de benemérita atividade magisterial.

Escrito em 1875, aprovado pelo Conselho Superior de Instrução Pública da Bahia em 1979, somente em 1932 veio a lume, como postumo, quando não mais existia o espírito humanitário e democrático de seu abnegado artífice, que, entretanto, dez anos antes de morrer, ainda em pleno vigor de sua inteligência e de suas faculdades ensinantes, com êsse designio o revizara.

Esgotada em curto prazo essa primeira tiragem, tal a aceitação recebida nos meios culturais do paiz, difícil seria, senão impossível, encontrar-se presentemente, um só exemplar do **Tratado da Lingua Vernácula**, quer nas livrarias mais notórias, quer entre bibliógrafos especializados na revenda de raridades publicitárias.

Considerado assim, por técnicos e competentes, contribuição clássica de indiscutível valia entre os subsídios que mais essen-

cialmente integram o estudo do falar e escrever pátrio, por conseguinte, de reconhecida e inquestionável solidez na aquisição de conhecimentos mais extensos e profundos da língua, uma reprodução desse conspicuo trabalho relevava, por muitos títulos, categóricos e perentórios.

Era propósito dos filhos do autor, signatários destas linhas, realiza-la, por maneira que o **Tratado da Língua Vernácula** “possa ser lido pela geração nova com seguro proveito,” na frase de **JOÃO RIBEIRO**, ou dar razão ao conceito de **LAUDELINO FREIRE**, “que estudar hoje a língua em Carneiro Ribeiro, João Ribeiro e Brício Cardoso será estudá-la com segurança e absoluto proveito, sem ser mistér dispendir esforço inútil que absolutamente impõem os compendios inovadores”.

Foi, destarte, com jubilosa expansão dalma que acolheram, os filhos de **BRICIO CARDOSO**, o sensibilizador e oportuno gesto do Interventor **MAYNARD GOMES**, no sentido de reimprimi-lo agora, a expensas do Estado, não só como tributo de veneração à memória do inesquecível mestre que o concebera, senão com a finalidade realística de torna-lo acessível à procura insistente dos estudiosos, desaparecido, como se acha, de muito, do comércio dos livros.

Tão assinalado serviço às letras nacionais e ao passado histórico modéla e retrata, juntamente, uma das mais expressivas consagrações à figura imperecível de **BRICIO CARDOSO**, que com esforço insuperável e afetivo, deu o melhor de sua vida a Sergipe, à humanidade e ao Brasil em inteligência, saber prático e positivo, ao mesmo tempo docente de vocação e sentimento, escritor e jornalista dos que mais fervorosamente terçaram armas contra o maior inimigo do Brasil: a ignorância do povo e o obscurantismo das almas.

Recordando e contemplando hoje esta estrenua existência de quasi um século, como que a sua sombra querida nos acompanha nas alturas invisíveis, ao cumprimento do dever indeclinavel de tornar patente, coram populo, neste tributo ao Interventor **MAYNARD GOMES**, o debito imprescritivel de que ora nos achamos constituídos para com o ato nobilitante e civilizador do seu go-

vêrno, de tamanha justiça, que reuniu a solidariedade de todas as classes sociais do Estado, o que aqui, de coração, sincera, ampla e espontaneamente confessamos”.

De meu avô, pai de meu pai, o professor JOAQUIM MAURICIO CARDOSO, pouco ou quasi nada sei. Não tive a fortuna de conhecê-lo, já que faleceu em Bahia em 1869 e nasci em 1894. Também, ao abrir olhos no mundo, minha avó, sua mulher d. JOANA BATISTA DE AZEVEDO CARDOSO, já havia falecido.

Mas, de meu avô sei, que, além do exercício do magistério secundário e do desempenho do mandato de deputado provincial, êste ao tempo em que a sede do govêrno sergipano permanecia ainda em S. Cristóvão, era advogado em Estância e aí fundou uma escola prática de direito, frequentando-a formados e não formados.

Posto não fosse titulado em direito, notavel era a sua intuição jurídica.

Sua autoridade, como advogado, firmara-se entre os seus contemporâneos e mesmo, depois do seu falecimento, era invocada pelos que lhe foram discípulos, no tribunal do juri, como motivo inspirador de vitórias.

Ao casar-se com êle minha avó, d. JOANA BATISTA DE AZEVEDO CARDOSO, era ainda muito em botão, de modo que brincava de boneca, auzente o marido do lar, em suas ocupações forenses e magisteriais.

Dona Joana Batista era irmã dos cônegos JOSÉ LUIZ DE AZEVEDO e ANTONIO LUIZ DE AZEVEDO, e bem assim de d. INÊS AZEVEDO DE ARAÚJO, esposa do sr. ANTONIO DE ARAÚJO PIMENTA, comerciante em Estância e natural de Portugal, de d. MARIA JULIA DE AZEVEDO SOLEDADE, casada com o sr. URBANO JOAQUIM SOLEDADE e do sr. MANOEL LUIZ DE AZEVEDO, secretário da Prefeitura desta capital, por muitos anos.

Era tia, portanto, do notável sergipano dr. MANOEL LUIZ DE AZEVEDO ARAÚJO, filho do casal Antônio de Araújo Pimenta — d. Inês de Azevedo Araújo

Sendo muito prendada em trabalhos manuais, no gênero rendas e bordados, logrou produzir verdadeiras obras artísticas.

Dotada de grande energia moral, muito se orgulhava do valor do esposo.

Contava que, de uma feita, passando à sua porta um escravo, preso, criminoso de morte e vendo-a à janela, gritou: "Me proteja minha rica senhora". E, arrancando, em carreira, das mãos da escolta que o conduzia, pulou para dentro de sua casa. Tentaram os soldados invadir o domicílio de meu avô, para retirar o evadido dali, mas minha avó, sem articular palavra, fe-los estacar com um gesto e disse ao homisiado: "Você não vai à cadeia". E mandando chamar o marido, êste, ao chegar, resolveu a situação, responsabilizando-se pela entrega posterior do escravo e criminoso. Assim, o conservou, sob o asilo do seu tecto, até o dia do julgamento pelo juri, quando o acompanhou à barra do tribunal popular, assumindo o encargo de sua defesa. Depois de debates que se prolongaram por mais de trinta horas, conseguiu meu avô um veredito de absolvição e livrou assim o escravo da privação da liberdade, demonstrando, com a sua palavra fluente, quanto era nobre pelo talento e pelo coração.

Tinha minha avó grande vaidade em repetir esse episódio, elogiando a meu avô e orgulhando-se dos filhos com êle procreados, professores, todos jornalistas, todos ilustres, lidimos representantes, em suma, do seu digno esposo.

Entre as suas dedicações, contou meu avô com a de um escravo, africano, que se lhe afeiçoara e aos filhos, do modo mais comovente e digno de memória.

Coincidiu que, estando ambos em Bahia, quando meu avô veio a falecer, adoeceram os dous, na mesma época. Meu avô não venceu à molestia e cerrou os olhos à luz da vida, sobrevivendo-lhe, entretanto, o escravo Domingos, autêntica personalização da idealidade.

Estando em casas diferentes, em tratamento, meu pai e seus irmãos tiveram o carinhoso cuidado de não levar ao conhecimento do preto Domingos, a quem chamavam também de pai, a notícia da morte de meu avô.

Um estranho à família quebrou, entretanto, inconvenientemente, o sigilo intencional que vinha sendo guardado.

Quando o preto velho soube da infausta notícia do desenlace do seu amigo e senhor, declarou que a êle queria ir juntar-se e, daí por diante, recuzou-se terminantemente a tomar qualquer medicação ou alimento, voltando-se, silencioso, para o lado da parede, e, no leito em que estava, assim se conservou, falecendo também, poucos dias depois.

Foram-lhe, então abrir o bahú, cuja chaye trazia sempre presa ao cinturão, como se ali guardara, cuidadosamente, um tesouro; e as únicas moedas aí encontradas eram as que simbolizavam a sua ternura pelos meninos que ajudara a criar, nos seus braços, — objetos de uso dos filhos do meu avô e a sua carta de alforria, outorgada ha muitos anos.

Na produção literária, sob a epigrafe — **Da mulher... os repentés**, publicada no **Correio de Alagoinhas**, recordava meu pai em relação ao seu :

“Meu pai, um homem de muito discernimento e grande ilustração, nunca deixou de seguir as primeiras lembranças de minha mãe, cuja cópia de saber não primava pela abundância.

Da mulher... os repentés, dizia êle, fazendo côro com os filósofos da antiguidade, esses abençoados mananciais da ciência moderna”, que estão por muitas bicas sempre vertendo, como se compraz em confirmar de HUMBOLDT o sr. LATINO COELHO.

E o êxito dava razão ao meu santo genitor e aos filósofos da antiguidade, tão roubados na sabedoria, invenções e descobertas, por quantos, após êles, têm pensado e escrito ciências”.

No livro **Tobias Barreto, o Desconhecido**, o espírito altamente investigador de SEBRÃO SOBRINHO consagra elevados conceitos a meu avô, cognominando-o de “fundador da intelectualidade sergipana” e, referindo-se aí à cidade de Estância, onde meu pai nasceu, chama-a de “pátria intelectual de Sergipe, berço das boas letras e ninho espiritual, fruto sazonado, mercê dos esforços de um bahiano inteligente, o professor JOAQUIM MAURICIO CARDOSO, que consagrou sua vitalidade ao magistério sergipense e plantou, em o seio da noiva do Piauhitinga, a graça maravilhosa do talento”.

Em 5 de agosto de 1862, dous anos após a imperial visita de D. PEDRO II a Sergipe, tendo meu pai resolvido contiunar os seus estudos em Bahia, pedia exoneração do lugar de substituto da cadeira de primeiras letras da vila do Espírito Santo, Antes disso, fôra substituto da cadeira de geografia em Estância.

Como preceptores, teve meu pai em Estância ao seu próprio pai, ao seu tio materno cônego JOSÉ LUIZ DE AZEVEDO, ao professor FLORENTINO TELLES DE MENEZES, aos drs. ANTONIO RIBEIRO LIMA e GALDINO BARBOSA DE ARAÚJO, sendo muito amigo do professor de latim padre QUIRINO JOSÉ DE SOUZA, sacerdote de extraordinárias virtudes e muito preparo, elevado ao bispado de Goyaz, depois que D. PEDRO II pessoalmente o conheceu. Quanto ao professor FLORENTINO TELLES DE MENEZES só a morte os separou, de uma intimidade de muitos anos.

Em Salvador, terminou os preparatórios, iniciados em Estância, e alí foi discípulo de frei ANTONIO DA VIRGEM MARIA ITAPARICA, com quem estudou filosofia. Foi aluno do **Ateneu Bahiano**.

Por ocasião da sua excursão a Sergipe, em janeiro de 1860, o imperador D. PEDRO II arguiu, em Estância, a meu pai, ao visitar às escolas publicas e o Internato, onde “examinou em latim, francês, geografia e gramática a alguns alunos, distinguindo-se os jovens Antônio Rodrigues Cotia, Brício Maurício Cardoso, Horácio Moreira e Gervásio Dantas”, conforme se lê à página 127 da **Viagem Imperial à Província de Sergipe**, publicação mandada fazer pelo então presidente da província dr. MANUEL DA CUNHA GALVÃO.

Em 24 de Outubro de 1870, foi meu pai nomeado professor público do ensino primário superior em Estância.

O mobiliário de sua escola, mandado substituir em 1872, constou do seguinte orçamento:

8 bancos de 12 palmos para 80 meninos	80,00
2 carteiras de 12 palmos	50,00
1 mesa de 9 palmos sobre 3½	30,00

1 coberta de mesa	6,00
1 cadeira de braços	10,00
8 cadeiras singelas	42,00
1 quadro para exercícios de aritmética	15,00
1 escrivaninha	8,00
1 atlas de La Marche	8,00
1 atlas do Brasil de C. Mendes	8,00
	<hr/>
	259,00

Ditosos tempos que não voltam mais!

Em 1874, por decreto de 27 de abril, foi removido para a cadeira de retórica do **Ateneu Sergipense**, nesta capital, onde também lecionou história universal e história de Sergipe, filosofia e português.

Para esse ato, muito contribuiu o **BARÃO DE COTEGIPE**, escrevendo, de Salvador, em 27 de outubro de 1872, ao dr. **CYPRIANO DE ALMEIDA SEBRÃO**, então vice-presidente da província, no exercício da presidência, uma carta em que, acentuando não ter a satisfação de conhecer a meu pai para poder avaliar de suas habilitações, afiançadas pelo amigo que intercedera em seu favor junto aquele titular, fazia-lhe este pedido: “em igualdade de circunstâncias, dispense sua benevolência ao pretendente, preferindo-o a outros concurrentes”.

Simultaneamente à cadeira de retórica, no **Ateneu Sergipense**, lecionou português, nas duas escolas normais, de ambos os sexos, nesta capital, das quais foi diretor desde 1877; ora a título gracioso, ora remunerado, tendo sido dispensado dessa comissão em 1879.

Jubilou-se a 31 de julho de 1912, como professor de português, no **Ateneu Sergipense**, com quarenta e dois anos de bons serviços, “no desempenho dos quais sempre demonstrou grande competência e o alto valor de seus conhecimentos pedagógicos”, segundo friza **ARMINDO GUARANÁ**, no seu **Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano**.

Ao publicar, nessa ocasião, o seu tocante **Adeus à Mocidade**, enganava-se a si mesmo, pois não poudé deixar de ensinar e continuou a fazê-lo em estabelecimentos particulares. O ministério do ensino era-lhe uma espécie de segunda natureza, como hábito quotidiano de mais de meio século.

Destarte, no seu longo tirocínio no magistério, colaborou em diversos institutos particulares, tanto aqui, como em Bahia.

No **Ateneu Bahiano**, foi professor de religião e de latim, nesta última disciplina com a colabqração do notável helenista **JOÃO DA VEIGA MURICY**.

Nesta capital, lecionou filosofia e retórica, no **Partheon Sergipense**, fundado pelo dr. **ASCENDINO ANGELO DOS REIS**; gramática portugueza, matemáticas e geografia, no Colégio São Salvador sob a direção do dr. **GONÇALO VIEIRA DE MELO** e português, no Colégio N. S. de Lourdes; português, latim e história universal, no Colégio Tobias Barreto, sob sua direção, e aqui instalado pelo seu sobrinho, professor **JOSÉ DE ALENCAR CARDOSO**, que o fundara em Estância.

Fez parte ainda do Conselho Superior de Instrução Pública, em 1898.

Na **Compilação das Leis Provinciais de Sergipe**, de 1835 a 1880, organizada pelo dr. **CANDIDO AUGUSTO PEREIRA FRANCO**, juiz de direito de Penedo e depois chefe de Polícia no Maranhão, encontram-se os regulamentos que redigiu, com aprovação da Assembléia Provincial, como diretor do ensino normal neste Estado e pelos quais se pode julgar da egregia contribuição com que prendou a estruturação desse ensino, entre nós, superditando-o em bases que lhe permitiram a continuidade e o desenvolvimento e o apontam como um dos problemas estatais melhormente disciplinados no país.

Na administração **RODRIGUES DORIA**, volveu meu pai a dirigir o ensino normal, no Estado, como diretor da instrução pública, em comissão, por alguns meses.

No regimen monárquico, foi deputado provincial na legislatura de 1878-1879.

Na República, foi eleito para a primeira constituinte e várias outras legislaturas estaduais ordinárias.

Na primeira presidência do general Oliveira Valadão e, depois, na do dr. MARTINHO GARCEZ, foi secretário geral do Estado, dos quais se tornou, além de colaborador, amigo.

Quando meu pai faleceu, o dr. MARTINHO GARCEZ dirigiu ao meu irmão dr. MAURICIO GRACCHO CARDOSO, então presidente do Estado, o seguinte telegrama de condolências:

“Rio, 22-11-1924. Pêsames muito sinceros pelo falecimento de seu venerando pai, tipo perfeito de varão de PLUTARCO, por seu culto à verdade e à honra. Por gratidão e amizade, leve a sua sepultura as minhas lágrimas e saudades, pelo muito que lhe devo no auxílio prestado para ajudar-me a carregár a cruz do governo de Sergipe. Ao filho glorioso de tão nobre pai, abraços”.

Como auxiliar do general OLIVEIRA VALADÃO, quiz meu pai adquirir livros para a nossa Biblioteca Pública e se lembrou de confiar a incumbência à autoridade de SILVIO ROMERO.

E logrou desse impávido gigante do pensamento sergipano a seguinte resposta, cuja divulgação considero muito interessante, em razão de pôr de manifesto a injustiça com que, desde os velhos tempos, os nossos conterrâneos mais dicazes apoucam e denigrem, às vezes, as melhores intenções:

“Rio, 15-6-1895. Carissimo Brício. Saúde. Você está doido? como é que vem me falar sobre negócios de livros para Sergipe?!... Pois se não lembra que a canalha aí, sem terte nem quarte, entrou a sonhar com histórias de livros e a badalar pelo mundo que tinham me dado 10.000,00 de presente?! Ora, faça a ideia se presentirem que se me falou qualquer cousa a tal respeito! São capazes de inventar que se me deram cem ou duzentos!... Vade retro!... Encomende-me V. o diabo para Sergipe, menos negócios de livros... Estudos sobre instrução pública, organização municipal, quaesquer necessidades gerais... Sim! Livros, não. Nada de assanhar a canalha. Devolvo-lhe a lista e peço-lhe desculpa, comunicando isto mesmo ao Valadão, que me dará razão com toda certeza. Do seu patricio e am^o. obr^o., muito apreciador e devotado, (a) SYLVIO ROMERO”.

Em comissão, foi encarregado, pelo governo do Estado, com o desembargador BENILDE ROMERO de organizar a compilação das leis, decretos e regulamentos de Sergipe, do início da República a 1899. Consta esse trabalho de dous volumes e veiu a lume nesse ano e foi sendo continuado, até os nossos dias, pelas sucessivas administrações estaduais.

Da política local, cêdo meu pai se desencantava, ao capacitar-se de que ela, graças às condições do acanhado meio geográfico em que se debatia, mais em torno de homens, que de princípios, não tinha logica, nem entranhas, embora lhe fôsse democrática a encenação.

Já não o conheci filiado a nenhum partido político ou grupo, mas retraído de todos, vivendo em paz com êles. Dos seus adversários políticos, nunca se tornara inimigo pessoal, embora tivesse tomado parte em campanhas acêsas.

Apesar de afastado das atividades partidárias, sempre prestou colaboração não ostensiva, nessa matéria, ao **Correio de Aracaju**, na faze JOÃO MENEZES, servindo, indiretamente, a sua pena, ao partido do general OLIVEIRA VALADÃO, sem disso auferir vantagem alguma.

Dos chefes políticos locais, com quem tratou e conviveu, a organização que lhe causara maior simpatia, além das individualidades do general Oliveira Valadão e do dr. MARTINHO GARCEZ, fôra a do coronel JOSÉ DO FARO ROLEMBERG e, no vigésimo aniversário de sua morte, dizia êle, a seu respeito, através do **Correio de Aracaju**, o que sempre o ouvi repetir, na intimidade:

“Chefe político liberal, fazia mercê das posições aos seus amigos de reconhecido merecimento e todas as suas fôrças empregou-as sempre na empreza do desenvolvimento e progresso da pouco lembrada terra onde os seus olhos se abriram à luz serena do céu”.

Ao tempo, porém, em que exercitou a política, fê-lo, entretanto, com o maior denodo e o maior entusiasmo”.

Quando lhe vieram as desilusões, ali por volta de 1893, alimentou o propósito de transferir residência deste Estado para o Distrito Federal, onde o então ministro da fazenda dr. FELISBE-

LO FREIRE, a êle muito ligado pela fraternal amizade que o prendia ao seu digno irmão MANOEL FELIZARDO FREIRE, lhe acenou com um excelente cargo, de vencimentos àquele tempo de um conto de reis mensais.

Foi até à capital da República, para sondar os horizontes, mas apesar dessa rosea perspectiva, resolveu voltar, renunciando-a e regressando ao ninho materno, sempre avaro em recompensar e distinguir os seus grandes filhos.

Membro da constituinte republicana local, presidida pelo monsenhor OLIMPIO CAMPOS, de sua autoria é o projeto de lei, apresentado a essa assembléia, quando se converteu em legislatura ordinária, creando o brazão do Estado e que ali tomou o n.º 3 e tem a data de 10 de junho de 1892, concebido no alto propósito de traduzir a evolução percorrida pela nossa terra e representar Sergipe passando do atrazado ao adiantado, isto é, da colônia à monarquia e desta à república.

Trata-se de um emblema muito caro a todos nós e que, sem favor, poderia ter sido adotado até pela própria República Brasileira e não apenas por uma de suas partes integrantes, por que não implica em ideia alguma de particularismo regional ou fracionamento da pátria, não incidindo, destarte, nas censuras da Constituição de 10 de novembro de 1937.

Esse projeto foi convertido na lei n. 2, de 15 de julho de 1892 e, por ela, o grande selo ou brazão do Estado, ficou assim constituído:

“Um indigena em ato de embarcar em um aerostato, em cujo centro se lerá a palavra *Porvir*. No alto do emblema, figurará a data de 18 de maio de 1892; em baixo a legenda — *Sub leges libertas* e, nos lados, — *Estado de Sergipe*.”

Por sua atuação política, nos dous regimes, vêr-se-á que êle foi, sobretudo, um paladino extrenuo da liberdade, um conservador que, antes parecera um liberal e, ao ser proclamada a República, a saudava com o mais férvido e contagioso entusiasmo, em razão de saber que as novas instituições vinham implantar, entre nós, o regimem da liberdade e da lei, com a derrocada e extinção das castas e dos privilégios.

Em matéria política, a sua bandeira foi, portanto, a de um bom brasileiro e era ela que flutuava, pompeante, no castelo das suas aspirações democráticas, para saudar, bem-dizer e servir à liberdade política, como o fizera, no império, em relação à individual, batendo-se com ardor pela extinção da escravatura.

Em quasi todos os jornais locais, tanto na monarquia, como na república, encontram-se produções suas, literárias, magisteriais ou políticas. Seria desaconselhavel enumerar todas elas, em trabalho desta natureza, por não alongá-lo, demasiadamente. Contam-se, por muitas centenas.

Como jornalista militante, foi redator, nesta capital, da **Gazeta de Aracaju**, de 1879 a 1889, de **O Republicano**, de 1890 a 1893, do **Jornal de Aracaju**, em 1894, de **A Notícia**, de 1896 a 1898 e do **Estado de Sergipe**, de 1898 a 1904.

Na terra de **TEIXEIRA DE FREITAS** e **RUY BARBOSA**, fundou e redigiu, de 1867 a 1870, com o seu irmão e socio **SEVERIANO CARDOSO**, a **Bahia Ilustrada**, sob o dístico satírico de **HORACIO** — *ridentem dicere verum quid vetat*, revista crítica, icastico-pitoresca, em fotogravura, sendo encarregado dessa ultima parte o seu irmão unilateral paterno, **JOSIAS CARDOSO**, exímio caricaturista, verdadeiro artista do lapis e consumado daguerreotipista.

Trata-se de publicação que fez época, pela jocosidade de suas charges e ditos, de fio espiritual cortante, atico e acerado e cuja coleção é preciosa, em razão dos testemunhos históricos nela estampados e reunidos, epigramatizando e jogralizando acontecimentos e personalidades da época. O partido liberal em Bahia, por ela molestado, chegava a inculca-la de ser órgão officioso do partido conservador, isto pelas colunas do **Diário da Bahia**, com quem estava sempre a esgrimir.

Fazendo aí com **SEVERIANO CARDOSO**, crítica pelo riso, collocava-se na categoria daqueles seres privilegiados, para quem o "alado **CERVANTES**", nas páginas imortais do seu **D. Quixote**, reservou honroso encômio, ao acentuar que "dizer graças e escrever donaires, é de altíssimos engenhos".

E incorporava-se, assim, em plena mocidade, no periodismo indigena, ao revolucionário sequito dos grandes escarnecedores, os homens de letras que, zombeteando fazem, não raro eficiente campanha social, demolindo mitos e pulverizando superstições.

Definindo e precisando o seu programa, dizia esse jornal, em o seu primeiro número, no editorial de apresentação, sob o título — Prospecto:

“**A Bahia Ilustrada** — é um periódico hebdomadário, nitido, ornado de gravuras bem esmeradas, falando uma linguagem polida, um português terso, — bebido nas límpidas fontes dos clássicos, usando de um estilo amenizado pelo gracioso do espírito, ditos chistosos, picos e sainetes, sem fé nem côr política, que não sejam o desenvolvimento, progresso e prosperidade do país, discutindo letras, ciências e religião, bandejando, para extremar, os homens pigmeos, formigas dos verdadeiros homens de bem, as boas das más ações, o mérito do demérito, o justo do injusto, a verdade do erro, a luz das trevas”.

Bem recebido, acentuava, no segundo número:

“Abençoado seja o povo da Bahia, que com tanto favor tem acolhido a nossa empreza. Continúe êle a proteger-nos, que a nossa gratidão será eterna”.

Para dar uma idéia do desassombro com que essa revista fazia as suas críticas, extráio de um dos seus **Boletins da Semana** do ano de 1868, o seguinte tópico, subscrito por meu pai:

“Já li a fala do trono na sessão imperial da abertura da assembléia geral no paço do senado.

É uma peça magnífica. Entre outras cousas de nenhuma importância, vem a notícia do nascimento do duqué de Saxe.

Das inexatidões não quero falar, tantas são elas!

O monarca brasileiro deve pesar e ponderar muito as suas palavras para não desconceituar-se”.

Ainda é dessa faze de intensa atuação jornalística e espiritual, seu romance **Os Herpes Sociais**, publicado, em folhetim, naquela interessante e corajosa revista e a peça teatral, a comédia — **Madrasta e Enteada**.

Usou, na imprensa, como pseudônimos de guerra, dos nomes **Dr. Sangrado**, em Bahia, e **Calliopio**, neste Estado.

Escritor, era-lhe a frase sempre cheia, elevada e culta, expurgada de barbarismos, vernácula, simples, diafana, sem os arrebiques e postiços de pedanteria, do rebuscamento e do amaneirado contrafeito, e a miude se tornava aforística.

Não lhe saía o livro das mãos, senão quando a presença de alguém, a quem tivesse de atender, a isso o obrigasse. E, esgotada a provisão de obras ainda não deletreadas, volvia aos dicionários, que conservava sempre à mão, para os reler.

Daí o alto conceito grangeado de melhor vocabulista sergipano. Preferia ditar o que produzia a grafar êle próprio.

Quantas e quantas vezes não me impacientei, interrompido nos meus ocios de estudante de preparatórios, para servir-lhe de secretário, e passar ao papel o que ia ditando, de um jacto, sem interrupção, fosse um artigo de fundo, um necrológio, uma carta, uma notícia de aniversário ou bodas, um memorial, um relatório que lhe tivessem pedido e quantas vezes lhe rendo graças, por me haver ensinado a redigir, por essa forma!

Nos seus ultimos anos de existência, afora os romances, os livros que mais o prendiam eram os seus clássicos latinos e a **Imitação de Cristo**. Tanto para ele, como para a excelsa diretora da família, minha mãe, que com o seu exemplo, adquirira o hábito de ler, era difficil encontrar um romance que já lhes não fôsse conhecido, embora os recebessem sempre de duas fontes, a do meu tio desembargador **MELCHISEDECH MATHUSALEM CARDOSO**, no Rio Grande do Sul, e a do meu irmão **dr. MAURICIO GRACCHO CARDOSO**, ora do Rio ora do Ceará.

Cultivava os primores da nossa lingua e a manejava com galhardia e amenidade. Limpo e castiço, era-lhe o estilo, modelado, nas formas consagradas pelos clássicos. Era tambem o **CAMÕES** um dos seus inseparaveis companheiros.

Perdura-me vivida a funda impressão que causou ao desembargador **MANOEL ANDRÉ DA ROCHA**, exímio latinista e comercialista, ao conhecer em Porto Alegre o seu discurso em saudação ao **BARÃO HOMEM DE MELO**, no **Colégio TOBIAS BARRETO** e considerando-o verdadeira obra prima, no gênero.

o que valeu a estima daquele magistrado e erudito homem de letras, que era também meu professor na Faculdade de Direito de Porto Alegre.

Como professor de retórica, tornara-se-lhe refinado o dom natural da eloquência, na sua dição inpecavel, a que uma voz sonora, de timbre agradável, cheia, dominadora e modulavel na escala das emoções, segundo às circunstâncias, induzia à admiração e movia às lágrimas.

Para se ter uma ideia da espontaneidade e beleza de sua frase, como orador, basta que recorde o exordio de um improviso, e que proferiu ao agradecer a manifestação genetiaca que lhe faziam os rapazes de **A Colmeia**, desta capital, em 1909.

Disse-lhes, então:

“Um dia, quando era moço ainda, vão muitos anos, distante daqui, porque esvrevi no meu jornal um artigo de defesa a um infeliz que os autores de um crime ruidoso martirizavam com anjinhos nos dedos e atrochos na cabeça, para obriga-lo a confessar-se o perpetrador daquele crime miseravel, uma senhora, moça como uma manhã, formosa como uma estrela, cândida como todos os anjos, mandara-me por seu marido, um homem muito grave, um beijo; nunca desatinei tanto, nem subi tão alto em minha vida, que já deixa atraz de si uma larga fiada de anos, ganhos todos, como é notório. a mostrar à juventude os primeiros caminhos do saber; esse beijo, que não olvido, igualo-o à expontânea ovação que me trazeis ao meu retiro, onde palestro, esquecido de tudo, com os meus livros, as minhas mangueiras e as minhas rosas; penhoradíssimo, vos ergo de minhas estranhas um viva, feito da sinceridade de minhas crenças”.

De sua lira de poeta, dissera certa feita que ela não sabia ritmar emoções, para produzir melodias divinas, não se julgando, portanto, a esse respeito, segundo esse nosce te ipsum, um favorito dos deuses.

E embora tivesse produzido algumas poesias, não as considerava, no rigôr da expressão, obras poeticas, por parecer-lhe mal afinado o seu alaúde.

E assim é que as qualificava, ao afirmar: “Nunca fiz um verso, nem à uma gota de orvalho, nem à uma pétala de flôr, nem à uma linfa sonora de prateado arrôio, docemente derivando pelo tapête da campina, bordado de pequenos seixos alvos”.

Como preciosas relíquias do seu estro, guardo com carinho algumas de suas produções, nêsse gênero literário, e se intitulam — **O zefiro e a rosa, A Sergipana, O Bohemio, serenata a José Cardoso, Ó vos omnes, Suplica, As mestras**, dedicada à sua irmã professora Amélia Cardoso, **O Sim, O Gamenho, Minha Mãe, e A Volta**, além de hinos destinados a bailes pastoris. Na sua maioria, essas poesias são letras para cânticos.

Escrevendo no **Album** de d. MARIA MENEZES, sob as epigrafas — **Excelsa Senhora** — “Palpita-me que esta mulher é um anjo”, em 1902, de si, dizia:

“Escritor, mas só de vulgaridades sem pico nem interêsse, não sou dos farfantões que andam a roncar basofias literárias, para que dêles se diga: — é da raça branca ! é rabino ! é inteligência de gravata ! é genial !

Tambem não conhêço a balofa retórica dos chatins palaciegos, que alcançam posições elevadas e pingues honrarias, mercadejando, de envolta com o que mais devem presar — o caráter — apologias rançosas em letras gordas, ornamentadas de taleos e avelorios.

Não.

Minha pena, humilde, como é, não charlataneia, não estila efluvios sonoros de bajulação vendida.

A verdade é a única prescrição a que ela obedece.

Não me predico opulências de engenho e imaginação, que não possúo, nem consagro ditirambos a ídolos, que não merecem culto.

.....

Seu objetivo é o grande ideal de quem nunca foi impostor, para afetar superioridade, ou tartufo, para mistificar vaedosos, vaedosos que abraçam os que, a desdem, lhes queimam incensos, prostituidos e envenenadores.

Este ideal é a sinceridade, é a justiça no julgamento.

O garbo que a ensoberbece, o único que possui, e pode ostentar, é esse seu estilo tão expiado de impurezas infectivas, como a minha alma e o meu coração”.

E traçando o perfil daquela distinta senhora, digníssima esposa do presidente do Estado, dr. JOSINO MENEZES, assim a retratava:

“Sois uma mulher de inteligência viva e pronta, de espírito pouco comum, graciosa na conversação, rica dessas virtudes femininas que, no mundo polido, fazem sempre as palmas de ouro; sois um coração fiel e grandioso, uma dedicação pela família, que vos ama apaixonadamente; uma católica sem fingimentos, sincera, expungida de devoções supersticiosas.

A vós, porque assim o sois, se ajusta a maravilhas esta gentileza de GONÇALVES DIAS: “Deus lhe poz graça divina sobre a graça natural”.

E, depois de outras considerações e referências mui elogiosas à então primeira dama do Estado, acrescentava:

“A mulher, alma do mundo, é a luz profética dos destinos humanos.

A sua missão é mais sublime que a do padre, porque se ele é o rei das consciências, ela é a fonte da vida, a piscina das afeições transcendentais.

Em carta ao meu sobrinho professor JOSÉ DE ALENCAR CARDOSO, em 1907, na qual se qualifica de americano livre, que faz o que entende e de filósofo sem hipocrisia, que se põe a cavaleiro de estúpidos preconceitos, vaticinava:

“A época em que os naturaes serão os legítimos está a aproximar-se, com os progressos e conquistas da civilização, que abre espaço aos que são filhos do amor genuino, o genuino amor livre, no rigor da idéa pura e da palavra virtude”.

Em **A Colmeia**, em 1910, no artigo — **Abaixo a palmatória — Pelas creanças**, doutrinava:

A ferula não é meio de ensino. É uma abjeção.

Os que dela usam, êsse põem em evidência o seu máo coração, a sua falta de paciência, a sua incapacidade para ensinar, se não a sua crassa ignorância.

São verdugos, e da peor espécie, porque as suas vítimas são débeis e indefesas, não lhes foram entregues pelas leis e tribunais”.

Em edïtorial, no **Correio de Aracaju**, sôbre **O grito do Ypiranga**, acentuava:

“Não há Polônias e Hungrias eternas.

Um dia, as pequenas nações oprimidas transformam-se em majestosas e fortes leôas.

A questão é de tempo.

Aí está a história.

Deus não fez povos escravos e povos senhores.

A hostia sagrada da liberdade reside guardada no recesso da consciência universal”.

Como em seu organismo vibrasse sempre a “emoção sergipena”, chamava a **TOBIAS BARRETO** “o divino **PLATÃO sergipano**” e no artigo **O sergipano**, escrevia:

“Na matéria conformada, o sergipano é termo de equação com os seus compatriotas, como êstes, por sua vez, com os francezes, os russos, os alemães e os outros habitantes dos paizes do globo, feitos os descontos de cabêlos, tez e ângulo facial.

Na substância animal, tudo é um, todos são o que diz o prefixo grêgo — **homo**, semelhante, igual.

Na essência íntima; na alma, não; o sergipano é uma individualidade. é um tipo à parte, representa uma raça muito outra de sua raça: é um termo de desigualdade.

Saiu do ventre da natureza com uma etnografia própria, um gênio seu, uma índole sua, um caráter seu, uns costumes seus, umas paixões suas e não tem inveja de ninguem.

Aonde estiver a glória, o sergipano irá firmemente, perpendicularmente.

Eu apregôo: o sergipano é um predestinado para os triunfos e as ascensões”.

Ê de sua musa a poesia **A Sergipana**, que assim começa:

“Quem és tu mulher enlêvo,
Quem és tu, gentil sultana !
O feitiço brasileiro,
A mimosa sergipana”.

E termina :

“Mulher ou anjo, quem pode
Recusar-te adoração?
Amar é o teu destino,
Seduzir é o teu condão !”.

E sôbre a idéia da pátria, hiperbolizava :

“Uma pátria é essa trindade de correntes de aço mais forte que a morte, que nos élos da bíblia de uma religião, das instituições filológicas de uma língua, dos capítulos e artigos de um código civil, uma nação liga em comunhão eterna os homens, as aldeias, as vilas, as cidades que marchetam o mapa de um país.

E não é só essa trindade que não pode ser jamais destruída e sempre se prolonga, sem pedir o beneplácito das éras que se vão ficando à longa distância, através dos tempos.

A pátria é tudo para o homem de espírito e de coração, para o homem de pundonor e de brio”.

Sôbre a utilidade do jornal, escreveu em **A Colmeia** :

“O jornal é o livro dos livros, é o livro-bibliotéca.

Ali nas suas colunas, encontram-se todos os mênrgulhos humanos nos profundos mares onde há que descobrir; ali nas suas páginas, todos os dramas e comédias do teatro universal do globo — todas as lições científicas — todas as notícias comerciais — a narração de todos os crimes e ridículos dos bastardos protagonistas da vida e todas as informações de que precisamos.

Assinar o jornal, que é livro de tudo, que é a escola-universidade, que é a vela barata para todos os espíritos, — é um dos mais importantes deveres de consciência”.

Em o artigo **A escola modelo**, doutrinou :

“Os dous sexos educam-se juntos, em convivência fraternal, para que as meninas e meninos conheçam, aprendam as delicadezas e respeitos que se devem mutuamente guardar, quando uns forem homens, e outros mulheres, senhoras e senhores”.

Festejando a promulgação do Código Civil Brasileiro, escrevia, no *Correio de Aracaju*:

“País sem Código Civil, é país atrasado em civilização.

O diptico dos direitos individuais e das relações dos indivíduos entre si, é essa taboa sagrada, escrita pela mão, inteligente e justa, de cada nação.

O Código Civil dá a cultura da pátria, a que pertence”.

Aí enaltece a CLOVIS BELLIQUA, RUY BARBOSA e CARNEIRO RIBEIRO, como figuras primaciais, entre as que colaboraram no projeto e acabamento desse monumento jurídico.

“Eu só escrevo” — insistia em outra manifestação literária, — “O que penso, o que sinto, e o que tenho na alma, na minha alma singela”.

Acentuando a incoercibilidade do pensamento, salientava:

“Ninguém tem o poder de estorvar as idéias; porque ninguém as faz ou cria.

Encaminhamo-las, somente.

E a nossa pretensão não pode ser outra.

As idéias vêm com a evolução, que não é fato humano.

Cada um tem o seu tempo de aparecer.

Quando a monção chega, nada as impede, ou detem.

Os que se opõem à sua manifestação ou à sua passagem, esses caem, são esmagados.

Elas, se permitem a viveza do tropo, têm nos nervos a pujança brutal dos remoinhos do ciclone”.

Interrogando-se, nas colunas do *Diário da Manhã*: — “Que sou, que fui, que tenho sido em todo o decurso de minha longa existência?”, em agradecimento a um artigo elogioso de JOÃO ESTEVES, respondia-se a si mesmo:

“Ha mais de meio século, tenho sido um mestre, que, apesar de sua obscuridade, tem a soberba de haver lecionado uma infinidade de môços de talento superior que, embora se tenham mui-

to distanciado de mim, não me ratinham homenagens de simpatia, consideração e respeito, como o meu complacente e exímio retratista, do qual posso dizer: “com o quadro de minha icone, se não tivesse outras produções, alcançaria o laurel de grande escritor, do mesmo modo que com uma só poesia — **A Noviça** — seu tio, o mavioso e pranteado **JOAQUIM ESTEVES**, conquistou a corôa de oiro e pérolas de poeta inspirado e genial.

Quem sou?

Um guia de inteligência mais feliz do que o famoso patriarca que tirou o povo de **ISRAEL** do cativeiro do Egito

Velho, entrei na terra do Promissão e nela vivo.

Quando atravesso as ruas e me tiram o chapéu e me cercam de sollicitudes e me dão provas de carinho os muitos que me chamam **velho Brício**, é porque, na minha mocidade e juventude dêles, quis **DEUS** que eu fôsse mestre de mais de uma geração; quando penetro no **Colégio TOBIAS BARRETO**, fundado por meu sobrinho **JOSÉ DE ALENCAR CORDOSO**, em cuja alma superior vejo a dedicação de meu pai no ensino da mocidade; quando, atravessando as salas dêsse alegre juvenato, sem competência, onde sou diretor e professor, dezenas de crianças correm ao meu encontro a beijar-me a mão, o meu grito de alegria é êste: — **DEUS** me faz a graça de entrada e vida nesta Chanaan, onde com os meus companheiros, cheio de esperança e de fé colaboro na preparação dos jovens para a vida independente, o serviço da pátria e a honra da moral e da religião”.

Na coleção do **Correio de Aracaju**, na faze **JOÃO MENEZES**, **Estado de Sergipe e Diário da Manhã**, encontram-se necrológios do **BARÃO DO RIO BRANCO**, senador **PINHEIRO MACHADO**, **BARÃO HOMEM DE MELO**, **QUINTINO BOCAYUVA**, **CORONEL JOÃO FERNANDES DE BRITO**, **GUMERCINDO BESSA**, **PROFESSOR MANOEL FRANCISCO DE OLIVEIRA**, **CONSELHEIRO AFONSO PENA**, **SYLVIO ROMERO**, **dr. PELINO NOBRE**, **FELISBELO FREIRE**, **MINISTRO PEDRO ANTONO DE OLIVEIRA RIBEIRO**, **DESEMBARGADOR HOMERO DE OLIVEIRA** e de muitos outros vultos a que a sua pena preitejou, com a elevação que lhe era peculiar.

Na **Refutação à carta programa do sr. conselheiro José Antônio Saraiva ao sr. senador Nabuco**, escrita e publicada em Bahia, em 1869, reproduzida, neste Estado, e dedicada “a todos aquêles que sóem ser verdadeiros conservadores pela ordem e liberdade, grandeza e progresso, prosperidade e glória da Nação Brasileira”, e em que se declara não ser agiota dos escritos políticos ou literários e só ter em mira, produzindo-os, as vantagens morais, bateu-se pela severidade na aplicação das leis então vigentes, pregou a libertação do elemento servil e desaprovou a extinção do recrutamento, para que pudesse a Nação formar um exército regular, achando que a suspensão da guarda nacional, ante os serviços que prestara à pátria, na guerra com o Paraguay, seria nada menos que um ato de ingratidão.

No discurso pronunciado em S. Salvador, em 1866, em honra aos manes de CAMERINO, na Igreja dos Religiosos Franciscanos, por ocasião da missa que lhe haviam mandado celebrar amigos e patrícios, exclamava:

“O homem de gênio superior não morre, Senhores; desaparece da face da terra, para mais rutilante deixar o reflexo do nome prodigioso que lhe grangeará a unanimidade da favorável opinião pública.

O heróe não falece, Senhores, porque não se empalidecem os astros, nem mesmo êsses meteóros luzentes que resvalam fugaces pelo espaço !

Quando a ideia de morrer se junta a de derramar o sangue para desagravar a honra do país que nos viu nascer, para limpar e lustrar o pavilhão da liberdade — salivado por vandálica tirania; para viçar a árvore frondente da civilização, amofinada por selvagens parasitas, para defender direitos implantados no coração do homem, como o escolho está arraigado no fundo do mar; finalmente, todos os laureis de uma vitória esplêndida, só, então, a morte parece, como disse o visconde de ALMEIDA GARRET, um triunfo, uma bemaventura, por certo, — e o soldado invoca-a de todas as suas fôrças, corre pressuroso para ela, atirando-se sem piedade às baionetas do inimigo e com o peito atufado de entusiasmo, já todo retalhado e escorrendo sangue, cái, obrando pro-

digios de pasmar mil vindouros séculos e pronuncia, no último paroxismo, o doce nome da querida pátria sua, imortaliza-se sem dúvida, e ela, nas dobras de sua bandeira, lhe oferece a mais invejável e a mais nobre de todas as mortalias”.

Ao escrever e publicar o drama **A Ceguinha**, em quatro atos, na Bahia, em 1868, nele consubstanciava forte e expressivo libelo contra a escravidão e o abandono e a miséria a que o governo imperial relegava as famílias dos voluntários da pátria, mortos em defesa da pátria nos campos do Paraguai, a ponto de receberem esmolas de seus escravos, para não morrerem à mingua.

Sublima aí, na figura de uma das suas personagens, o sacerdote católico e, na de outra, expõe à condenação o donjuanismo de casaca, a que se entregavam, abusando de sua privilegiada situação, certos figurões do antigo regimen, pondo assim, em contraste, a perversidade moral de um daquêles tipos, com o devotamento ao sacrifício de uma escrava que, sendo extremamente bôa, dedicada e compassiva, se enternece já alforriada ante a desventura de fragil e inditoso elemento da sociedade que a humilhara e a aviltara, com o opróbrio do cativeiro.

Fazendo a apreciação dêsse drama, o poeta **JOSÉ MARIA GOMES DE SOUZA**, inspirado autôr das **Estâncias**, dedicava-lhe em **O Conservador**, desta província, em 1868, êste honroso juizo crítico:

“O diálogo fácil, a dição apropriada, os caracteres desenhados maestralmente, as cenas sucedendo-se naturalmente, como os élos de uma cadeia, constituem as belezas com que o seu autor apresenta-se nos salões da publicidade, pedindo um assento entre os escritores de nota, assento a que tem imprescindível direito.

Tempos já houve em que um trabalho da categoria da **Ceguinha** abria largo campo às potências literárias as apreciações literárias. Hoje, porém, a política varreu tudo, torceu as vocações, preparou os espíritos para as apreciações do cálculo e da agiotagem.

O mundo marcha, diz **E. PELLETAN**, na extática contemplação dos grandes inventos materiais; — é verdade; enquanto o trem de ferro e o telégrafo aproximam as distâncias, o livro, que

é o termômetro da civilização de um povo, vai apodrecer no Letes do indifferentismo.

É belo o progresso material, não há dúvida; mas fôra grandioso, se a par do progresso que levanta a cidade, marchasse o livro que desfaz a ignorância. Certamente, a humanidade tocará à perfectibilidade no dia em que nela houver tanta claridade que aí não seja mais possível a existência destas duas centopéas: a ignorância e o vício. Para chegar-se a êsse resultado, há só um meio: o livro. O telégrafo é o veículo do presente através da distância; o livro é-o através das idades.

Em FULTON o limitado conquista o imensurável; em HOMERO, conquista o imortal; ali o homem esbarra-se com o homem; aqui é surpreendido por DEUS.

Escrevei, ó vós, que sentis estampado na fronte o sêlo do gênio! O mundo marcha, com a velocidade da locomotiva, para a perfectibilidade; não movido pelo material, que é o vapor, mas pelo ideal, que é o livro. DEUS, ao passar pela terra, legou-nos em sinal de sua passagem, uma cousa sublime: foi um livro — a Bíblia”.

Nessa mesma ocasião, MELO MORAIS FILHO, agradecendo-lhe, em artigo, o conto — Um noivado de sangue —, que lhe dedicara, o chamava de jornalista escolhido, cisne da Estância, e milionário do sublime.

Abolicionista convicto, não no foi meu pai somente em teoria, mas, sobretudo, pela ação. E assim é que, em nosso país, coube-lhe sêr um dos mais tenazes precursôres da lei de 13 de maio de 1888, que aboliu a escravidão.

Com êsse mesmo desígnio, foi que escreveu o seu outro drama — O Escravo Educado — e, antes daquêle ano, já se havendo transportado para aqui, alforriou a única escrava que possuía, de nome Maurícia.

Teve uma segunda, chamada Josefa, que foi obrigado a revender, devido à sua má conduta.

Na Sociedade Beneficente Fraternidade Sergipana, na cidade do Salvador, de que fôra um dos fundadores, já concorrera, antes disso, para a libertação de muitos escravos.

Essa associação punha principalmente a mira na obtenção de recursos, para êsse nobilitante fim e, na sua instalação, festejava o acontecimento, com a emancipação de dous cativos, sendo um deles nascituro.

Aqui, em Aracaju, acolheu em sua casa mais de um escravo, fugitivo e o de nome Josué, por muitos dias, e o vestiu com as suas roupas, fazendo-o embarcar, a seguir, no **Mercuriano**, que se fazia de vela para o Rio de Janeiro, havendo-lhe obtido o transporte clandestino nêsse navio, por intermédio de BASTOS COELHO, que a êle se associára, nessa meritória ação. Preparadas as cousas, uma bela manhã encarregava um filho, então muito jovem ainda, o atual dr. MAURICIO GRACHO CARDOSO, de ir levar o negro a bordo daquêle veleiro, veículo de sua libertação.

Estava coerente com o que escrevera antes, na **Bahia Ilustrada**, em 1868, ao doutrinar:

“Um escravo fugido é um ente, é um homem seviciado como bruto e que tenta recuperar a liberdade que lhe roubaram”.

Ajudou, assim, a quebrar muitos grilhões.

Tôda a poesia de sua musa de escritor fecundo e diamantino, foi, porém, concentrada e sublimada, no opúsculo **Estância**, publicado em 1909, no qual cantou as glórias e as belezas naturais da cidade que lhe foi bêrço, de passado tão grato e tão dôce ao seu coração de filho amantíssimo, modulando aí, como verdadeiro “milionário do sublime”, aos seus montibus patriis o mais eloquente e terno culto, como teatro de sua infância, paraíso de sua retentiva e termo de comparação para tôdas as magnificências do Universo, a ponto de enaltecê-los com as hipersensíveis e magistraes palavras do poema de SANTA RITA DURÃO — “Não há depois do céu mais formusura”, no enamorado propósito de acariciar o irisado ângulo de terra em que nascera e como se estivesse a murmurar-lhe, extasiado na contemplação das suas seduções e das suas glórias:

“Tudo em tua presença degenera,
Nada se pode comparar contigo”.

Aí, nessa obra prima, em profusão de sentimentos, disse:

“Quem não conserva disposto, e vivo, na terra orvalhada do coração, uum pé de saudades, nunca viveu, porque nunca amou. Viver é amar.

E quem vive recorda.

Quem não tem recordações é desgraçado”.

Incontestavelmente, foi a singular figura do velho Brício, como, carinhosamente, o nomeava todo Sergipe, o mais alto cimo moral e intelectual de nossa família; o chefe de uma nova equipe das letras, cujos principais responsáveis, com a graça do Senhor, lhe não têm deslustrado a memória.

Nenhum dos nossos, efetivamente, encarnou, como êle, a maior soma de saber, os mais diversificados talentos, dentro da concha natural de uma inaccessível modestia; a mais perfeita personificação da dignidade, dentro de uma completa conformidade bíblica e se não logrou ser melhor sucedido, deveu-o à circunstância de lhe faltarem precisamente estas duas cousas: ambição e egoísmo.

Em relação às honras e ao ouro que lhe não chegaram às mãos, como proporcionais recompensas ao incessante labor de sua existência e ao brilho que poderia imprimir ao exercício das mais elevadas funções, nunca se sentiu com isso desapontado, visto como não são as riquezas, nem a ascensão aos postos mais eminentes que dão a justa medida do valor dos homens, mas a sua humanidade e virtudes.

Podia, destarte, com o pouco ou nenhum aprêço que dava aos dons da fortuna, encontrar em CAMÕES a explicação e o conformismo para o fato, com êle “cantando e rindo”, filosoficamente:

“Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer”.

E porque cultivou, ate à morte, a independência adstrita a uma circumspecta e estreita mediania por que, até à última hora, um sorriso de inteligência e de bondade, aflorando-lhe aos lábios, lhe iluminou o rôsto, é que sua memória será menos vã que tantas outras !

Desejo, portanto, pinta-lo aqui com absoluta fidelidade, nada obstante a dinamisação das tintas, como se, vivo, o estivesse intimamente fotografando.

Simplez de maneiras, leal e desprendido, amigo da verdade, infenso a gloriolas, paternalmente inegualável na luminosa suavidade de evangelista da cátedra, por tal forma que se tenha a impressão de vê-lo erguer-se, em tôda a sua estatura subjetiva, transfigurado e redivivo.

Foi êle quem, com a vida, abriu-me e aos meus irmãos, pelo ensino, as primeiras perspectivas d'os longes que a circundam. E, com nosco, quantas gerações não terão passado à sua frente, depois de receberem da prodigalidade benfazeja de suas mãos a fecunda benção do batismo das letras !?

E porque não associar também às preces dessas reminiscências o pulcro espírito de minha mãe? Quantas virtudes não a beatificavam !? Altruismo no amor, contância no sofrer, sublime heroísmo no esquecer e perdoar. Em tudo, superior e incomparável, mais anjo do que mulher!

Em assim me expressando sôbre os entes queridos que me deram o ser, não posso deixar de me estender ao principal continuador, no ramo em que se esgalhou do velho tronco originário a nossa família, propriamente dita, ferindo, bem o sei, ao seu invencível retraimento, para acentuar que êle é e tem sido o nosso pelicano, a desentranhar-se sempre por todos nós, e cujo coração bem formado é um escriptorio das mais preciosas virtudes do homem público e privado e a quem comecei a estimar, antes de pessoalmente o conhecer, por sabê-lo o anjo protetor da nossa modesta casa, de onde saíra para fóra do Estado, antes do meu nascimento, êsse irmão e amigo sem par, que se fez em terra estranha, a golpes de persistência e continuado esforço, "apenas circundando do halo da pobreza imaculada de seus pais e da sua própria laboriosidade".

Alma de eleição, privilegiado espírito, se sou um acorrentado ao magnetismo da sua amizade, não o julgo, entretanto, tomando por medida a intensidade dos meus fraternais e gratos sentimentos, mas pelo que realmente pesa e vale, como caráter, como illustração e como desprendimento que não sabe e nunca soube reservar para

si, em qualquer circunstância, a menor e mais leve vantagem egoística.

Partidos de mim, poucos serão, portanto, para êle os testemunhos de devoção, aprêço e gratidão que lhe possa tributar.

Bem percebeis que me estou a referir à insinuante personalidade do dr. MAURICIO GRACCHO CARDOSO, pulso e mente de autêntico democrata e estadista, a quem Sergipe deve, na República, a maior etapa do seu progresso e cuja arrojada administração, eminentemente fecunda e descortinadora, gregos e troianos fazem hoje inteira justiça, dissipadas como foram as nuvens de fumaça com que momentosas paixões pretenderam obscurecê-la.

Mediante recursos comparativamente mínimos, cobriu, durante a sua agitada gestão governamental, a superfície do Estado dos melhoramentos que aí estão, como atestados da sua clarividência e da sua operosidade, máo grado lhe tivesse tocado por sorte dirigir a nossa terra em época de intensa trepidação nacional.

Dando-lhe o que lhe pertence, não quero com isso diminuir ou menosprezar os serviços dos que, vindo-lhe depois, efetivamente trabalharam ou estão trabalhando pela grandeza do Estado.

Tenho fundadas razões para supor que, com o pensamento voltado para êle, foi que meu pai em carta ao general MARQUES PORTO, em 1910, assim se expandia:

“Eu sou dos que crêem que é da vida dos filhos que DEUS faz a felicidade dos pais.

Eu sou dos que sustentam que os filhos são o supremo tesouro dêles, ainda quando com as lágrimas nos olhos são impelidos a dizer aos que geraram como a SEVIGNÉ à sua adoradora Françoise: “J’ai mal à votre poitrine”

Respondendo-lhe em 1919 uma carta — palestra da ausência, no seu grácioso modo de entender, dizia-lhe diretamente meu pai:

“Houve festas no meu coração por tôdas as palavras boas e alegres que ela trouxe, confirmando as grandezas da piedade filial que me distribue o querido filho, homem ilustre e corôa dos meus cabelos brancos”

E em outra missiva, em 1921:

“Devo dizer-lhe que as suas palavras me confortam, como o bom vinho conforta os anêmicos, e que sei que, quando não me escreve, pensa em mim, seu velho pai, para quem você é um bom anjo de DEUS”

E ainda, num desses “tesouros de afetos e de bençãos”, em 1921, lhe significava:

“DEUS premiou-me, dando-me V”.

E em outra epístola, desse mesmo ano, acrescentava:

“Em meu poder, desde dous dois, sua amorosíssima carta de 2 deste mês de outubro, cujas letras beijo, procurando sua alma tão nobre e tão perfeita, no fundo de cada palavra, por sua mão traçada. Assim faço, porque entendo que, quer o homem queira, quer não, guarda os seus pensamentos e sentimentos nos traços figurativos de suas palavras, ainda mesmo dizendo uma coisa para significar outra, velada, disfarçando. A palavra é estôjo de amor e ódio sempre, ainda que haja cuidado para encobrir esse amor, esse ódio. Meu coração anda sempre envolto com as minhas palavras. DEUS fez-me assim, e deu-me mais amor, do que ódio. Eu não odeio a ninguém, e amo aos meus filhos de modo hiperbólico”.

Bemdigo-o, portanto, por essa excelsa piedade filial que jamais deixou de tributar a meu pai e ainda por tudo quanto hei conseguido ser, no pouco que sou.

Foi nos edificantes exemplos do livro de sua vida sem manchas, dedicada à pátria, à família, ao direito à justiça e aos amigos, que aprendi a cultivar os mais belos sentimentos, quando, ao atingir a puberdade, tomava-me da casa paterna e ao outro irmão, o dr. ELEYSON CARDOSO, para nos educar e matricular em escolas superiores, orientando-nos a formação do caráter e a lapidação do espírito, de modo a proporcionar à velhice de nossos pais as emoções mais sublimes, orgulhosos de haverem-no procreado.

Batalhador incansável de incruentos prélios cívicos, nunca desertou ao cumprimento do dever ou faltou à palavra empenhada, preferindo tudo perder a abandonar aquêles que lhe tinham sido uteis, e se a sua inconstante fortuna política lhe tem careado reve-

zes, conta-os como genuínas vitórias, por que os deveu exclusivamente à dedicação aos princípios e às causas esposadas.

Todavia, se o ostracismo lhe tem aberto parênteses à acentuada vocação de homem público, não lucrado com isso as letras nacionais, em virtude de lhe possibilitarem êles devotar-se, pela segunda vez, à gigantésca tarefa de organizar um dicionário de excerptos, epítetos e sinônimos da língua em que falamos, perdidos como foram os primeiros originais, pacientemente coligidos, nas pugnas tormentosas da política cearense nos anos de 1912 e 1913.

Se a neve das cans já lhe povoam de fios de prata a sobranceira fronte, quem lhe auscultar o pulsar do organ nobre de verdadeiro patriota e democrata, verificará que êle bate, dentro do seu generoso peito, com o mesmo ritmo do entusiasmo do cadete que, em 1893, servira à República na esquadra florianista, com risco da própria vida e, depois, com larga soma de experiência e cultura, nos postos administrativos e legislativos que ela lhe confiou.

Quando a divina providência me há proporcionado na vida tesouro de tão subido quilate, justo é me acerque dos seus altares, para render-lhe graças, por ma haver liberalizado.

É o que ora faço, desafogando-me da anciedade de as formular, neste ensejo, com o sentimento de que não claudica o meu coração ao envolvê-lo no preito de reconhecimento ao autor dos meus dias.

Tendo deposto sobre meu pai, isto é, tendo percorrido pessoalmente sobre mim mesmo, e para que não se suponha que exagero, passarei agora a documentar com o autorizado juizo de terceiros tudo quanto, a seu respeito, adiantei, nesta oração que, por força de sua natureza, não poderia deixar de ser longa e enfadonha.

Invocarei, pois, em meu apoio, a expressiva carta que, por ocasião do seu falecimento, teve a bondade de me dirigir o ilustrado membro da Magistratura Sergipana, desembargador LIBERIO MONTEIRO, e do seguinte teor:

“Laranjeiras, 23-11-1924. Presado colega Hunald. Venho trazer-lhe um sentido abraço de pêsames pelo passamento do inesquecível mestre, professor BRICIO CARDOSO, que, pela sua cultura e bondade, representa ainda agora, para mim, que tive a fortuna de

ouvir-lhe as lições e gosar de sua confiança e intimidade, uma das gratas recordações dos meus aureos tempos de estudante. Vi-o muitas vezes trabalhar seis horas seguidas sem cansaço, fazer êle só todo o jornal do dia seguinte, escrever um artigo de fundo e ditar a outrem o noticiário, sem falha da inspiração, sem repetir o vocabulário, que na sua pena era um cristal de facetas infinitas; e, sobretudo, sem quebrar em um apice aquele inimitavel estilo, que só em Frei LUIZ DE SOUZA encontraria modelo. Sempre sereno e sorridente, bom para os velhos e atencioso para os moços, o que eu mais admirava, como virtude do homem, era que nas tempestades daquele cérebro, diáriamente trabalhado pelas lições de duas e mais cadeiras e ainda pelas acêsas polêmicas da imprensa de então, nunca ficasse um cantinho para um pequeno raio de ira ou qualquer sentimento humano, incompatível com a missão do educador. Naquele desprezo pelos convicios, estava o sabio, que bem conhece que menino só atira pedras em árvores com frutos? e na serenidade de sua vida interior, tão intensamente agitada pelos variados problemas a que procurava dar solução de mestre, o apóstolo das boas letras, que êle foi em Sergipe, por mais de meio século. Rogo seja V., perante sua veneranda mãe, e dignos irmãos, o intérprete do fundo pesar do seu velho colega e afetuoso amigo,

(a) **Liberio Monteiro**".

Em editorial do **Diário da Manhã**, de 22 de novembro de 1924, consagrado ao seu passamento, emitia CLAUDIO GANNS, vitoriosa afirmação de inteligência, a seu respeito, os seguintes conceitos:

"A cidade foi ontem dolorosamente surpreendida com a morte do venerando mestre BRICIO CARDOSO, o sabio e desvelado que, por mais de meio século, contribuiu para o renome mental de Sergipe, no professorado de suas novas gerações.

Para os que tenham conhecimento exato de quanto a sua ação pedagógica, em várias décadas, propiciou o advento dos homens de brilho intelectual, amoldando-lhes o carater e polindo-lhes o espírito, nesse trabalho paciente e heróico que é a formação das almas juvenis, nas mãos dos mestres, o sentimento dessa perda é intraduzível e profundo.

Verdadeiro educador, na accepção mais ampla do vocábulo, não se cingiu, porém, a esse apostolado moral a atividade do grande e probo cidadão.

Jornalista e político, aquele de linguagem elevada e pura, este de propósitos severos e desprendidos, a sua bela fisionomia humana podia definir-se por três virtudes singulares — a intelligência, a tolerância e a honradez.

A primeira lhe dava a simpatia pelas qualidades nobres do coração, esse dom luminoso, a cuja luz se aquecem as almas de elite. Amava os temperamentos moços e vibrantes; estimava os que vinham chegando e revia-se, contente, nos triunfos dos discípulos, — a sua família espiritual, como êle uma vez chamou.

A segunda afeçora-lhe a norma suasória da existência, acostumando-o a olhar com serenidade tanto os bons, como os máos reveses da fortuna política. Sem ódios, a sua casa recebeu sempre com amável acolhimento o adversário da véspera, como também nunca se fechou aos amigos desidiosos e mutáveis.

A terceira deu-lhe ao ânimo paterno aquela lição viva e permanente de serenidade, em que os filhos aprenderam a zelar com amor pelo seu próprio bom nome, como um precioso legado da criatura pobre, que se orgulha de morrer, aos oitenta anos, de mãos vãs e limpas.

É o esquite desse varão exemplar e digno que, entre a saudade dos amigos, a magua dos antigos alunos e a admiração unânime dos homens de bem e dos homens de intelligência, a cidade vê passar hoje em rumo do campo santo.

A memória austera e meiga do velho mestre, que ensinou também, no jornalismo doutrinário, o pundonor da nossa malsinada profissão, a homenagem comovida do *Diário da Manhã*.

Propondo à Câmara Federal, no Rio de Janeiro, a inserção de um voto de pesar, na ata dos seus trabalhos, no dia em que teve conhecimento da sua morte, o deputado GILBERTO AMADO, então representante ali deste Estado, e uma das mais vigorosas e belas intelligências que conta a nossa terra, justificou o seu requerimento, que foi aprovado, com as seguintes palavras — “epitáfio

expressivo que um cinzelador miniaturista colocou, com arte e sentimento, sobre a urna do grande educador da mocidade”:

“Sr. Presidente. Venho pedir a V. Excia. que consulte a Casa sobre si consente na inserção de um voto de pesar, na ata dos nossos trabalhos, pelo falecimento, ocorrido em Aracaju, do professor BRICIO CARDOSO, uma das primeiras personalidades da nossa terra, mentor de todos nós sergipanos que figuramos nas letras, na ciência e na política., Nesta Casa, por exemplo, três dos deputados fomos discípulos desse ilustre cidadão, uns figurando e resplandecendo, como o sr. Heitor de Souza e o sr. Anibal Freire e outro, obscuramente, como o orador que neste instante dirige a palavra a v. ex. (Não apoiados).

Todos nós, sr. Presidente, foi pela mão do professor BRICIO CARDOSO que começamos a deletrear o Camões, a traduzir o Chateaubriand e, apontadas por êle, a entrever as mentiras e as paragens fascinadoras da história universal.

Bom humanista, bom sabedor de cousas velhas, bom poeta, cantor de amenidades e roseiras, bom filósofo do recanto e do silêncio, o professor BRICIO CARDOSO era em Sergipe uma espécie de monumento público, de patrimônio sagrado, de árvore druidica, cercado de simpatia e veneração geral.

É para uma personalidade, portanto, simbólica do que se pode chamar de civilização de Sergipe que venho requerer a homenagem de um voto de pesar, na ata dos nossos trabalhos”.

A beira do seu túmulo, quando ia ser sepultado, JOÃO ESTEVES, o PEDRO MOACIR sergipano da oratoria, com o fascínio da sua voz e da sua cultura, assim sobre êle se expressava:

“Si a memória humana, na sua radiosidade evocadora, pudesse converter as recordações em realidades concretas, se tivesse ela a divina faculdade de fazer resurgir, em torno deste caixão funereo, que para aqui conduzimos agora, inúmeros romeiros de a dor mesquinha formariam a procissão enternecida da saudade por quem, numa vida tão longa, viveu da nobre função de ensinar.

Assistiríamos, em profunda comoção, o exercício do mais largo amor humano, fóra do lar, além do próprio coração das mães, que é a santa polarização do sentimento; assistiríamos a carícia edifi-

cante desse gerador de luz, formando as almas na madrugada da existência e desentranhando-se em ideias, com o intuito paternal da formação dos cérebros que repontavam, desabotoando para a vida do pensamento.

Em torno deste despojo que as lágrimas berrifam num golpe de imensa dor, as últimas gerações de Sergipe intelectual, de que alguns já envelheceram e outros já morreram, ajoelham em espírito, no ofício piedoso do incomparável adeus que nos traça, implacável, a morte brutal e o Velho Mestre de todos nós, ainda uma vez, resurgente em nossa lembrança, risonho e suave, dá-nos a sua lição que nunca magoou.

O túmulo é um incitador de verdades, e não é a circunstância accidental de ter morrido o velho mestre quando fulgura o seu ilustre filho, com todas as tentações do poder, podendo arrastar o aulicismo, que inspira o sentimento desta saudade que aqui vasamos. Não.

Quando morreu EDMUNDO DE AMICIS, cercado dos melhores carinhos da mocidade européa, os príncipes e os plebeos do velho continente que lhe receberam as magníficas lições, prantearam-lhe a morte. Era o pai espiritual de todos eles.

O humilde e o poderoso, apagando no cenário do mundo a fascinação das alturas, trouxeram o seu bouquet de goivos para o túmulo do querido autor do **Coração**.

Assim com o nosso velho mestre BRICIO CARDOSO, longe ou perto que dele estivéssemos.

Merecendo, por si mesmo, a homenagem de todos nós, de todos quantos, como eu, que compreendem ensinar é, sobretudo, uma função de amor, quebra êle o ergastulo terreno, continuando a cintilar na alma de todos os seus discípulos, vivendo no sentimento comovido dos que, sem conta, lhe ouviram o amoroso ensinamento.

É justo que não nos alonguemos.

E tu, ó Terra, mãe comum, realiza a sábia expressão do Evangelho, definindo o círculo eterno da matéria humana, pois aí está o que somente é teu.

O mais não te pertence, porque recordar é objeto do nosso amor”.

E o poeta JOÃO PEREIRA BARRETO, no artigo *Ao planger dos sinos*, de 27 de novembro de 1924, no *Diário da Manhã*, dizia, apreciando-o:

“E vim a saber que os sinos plangiam tristemente pela morte do professor BRICIO CARDOSO.

Fôra um homem útil aos seus e aos estranhos; sua inteligência poderosa, irmã das de Severiano, Symphronio, Melchesedech e Maurício Cardoso, se applicara a iluminar outras inteligências e gerações e gerações de moços sergipanos lhe deveram o influxo benéfico do ensino fecundo.

Como homem inteligente, BRICIO CARDOSO teve a felicidade de transfundir em outras almas a luz que inundava a sua e de se desdobrar numa pleiade de descendentes que lhe honram a memória.

Jornalista e político, a palavra e a pena eram suas armas de combate, armas brilhantes que flamejavam ao sol das campanhas incruentas”.

Em o numero de *A Colmeia*, desta capital, de 25 de abril de 1909, na seção *Pinceladas* e sob o pseudonimo de *Insciens*, o professor ALCEBIADES PAIS, brilhante ornamento do magistério secundário e proecto doutor em medicina, assim lhe traçar o perfil:

“Se bem que o corpo já vá cedendo às contingências da idade, o espírito, aquele formoso escriptorio de perolas de tão alto quilate, é ainda juvenil, permitindo-lhe escrever num estilo deliciosamente leve e elegante, estilo que os moços procuram tomar por norma, mas que os deixa a uma distância desanimadora. Nesse ponto, ainda é elle o *primus inter pares*, do nosso meio.

Coração generoso e magnânimo como aquele ainda está por aparecer.

Quando atravessa a cidade, naquele andarzinho miudo que lhe é característico, distribuindo cumprimentos por todos os lados, mas conservando sempre coberta a glabra cabeça, salpicada de alguns pelos alaranjados, todos se descobrem numa saudação res-

peitosa ao velho mestre de nós todos, honra que foi e é do magistério”.

Nas páginas de *A literatura sergipana*, o culto espírito de PRADO SAMPAIO lhe dedicou a seguinte referência:

“Ao lado de BRICIO CARDOSO, o infatigável jornalista que conquistou suas esporas de ouro, fazendo-se desde moço forte lutador pelo engrandecimento do seu torrão natal, e o nosso melhor vocabulista, levanta-se HOMERO DE OLIVEIRA, no jornalismo indígena”.

No discurso de saudação ao ex-presidente GRACCHO CARDOSO, no Rio, em dezembro de 1923, o dr. ANIBAL FREIRE, hoje a honrar o nome de Sergipe com o fulgor do seu talento, no mais alto pretório da República, lembrava-lhe a silhueta de mestre, por esta forma:

“As emoções desta reunião, em que nos congregamos, sr. dr. GRACCHO CARDOSO, para festejar a luminosidade e a harmonia de vossa ascensão, revivem no meu espírito passagens da juventude na mesma terra que nos viu nascer.

Facilmente as imaginações juvenis tomam para orientá-las padrões que, se servem de modelo para a ação futura, representam fortes e benéficos estímulos. Por influência do vosso genitor, fostes um desses padrões para a minha vocação. Não hei de esquecer nunca o que representa no meu reconhecimento e na minha estima a ascendência exercida pelos educadores de minha mocidade. Com Alfredo Montes, Balthasar Góes, Bricio Cardoso foi um dos seus guias espirituais. Na vida das províncias avultam esses tipos de semeadores de ideal, enlevados na sua função e certos dos prognósticos de sua sanção tutelar.

Bricio Cardoso nos ensinava história — perdoem-me essas evocações os que não são filhos de Sergipe — no amplo salão do Ateneu. Mas não eram apenas essas lições, que fixavam o curso do pensamento e determinavam a orientação final que havia de guiá-lo; eram sobretudo as confidências e expansões entre professores e alunos, nesta doce e milagrosa confiança que só conhecem os que praticam a profissão. E aos meus ouvidos ressoam, pela voz

enternecida de um pai, os começos de vossos triunfos em terra estranha”.

Ainda lhe dedicaram sentidas e elogiosas manifestações, por ocasião de sua morte, em escritos impregnados de sincera admiração, as primorosas inteligências de CLODOALDO DE ALENCAR, JOÃO PASSOS CABRAL e MORAIS DE ALMEIDA.

Relembrada a opinião de estranhos sobre a sua veneranda figura, permita-se-me agora invoque a dos seus irmãos, no sentido de evidenciar que ela não discrepa do grau de intensidade e elevação daquela, e a minha própria, a do seu “ponto final”, como se comprazia em me chamar, uma vez que lhe fui o Benjamin dos filhos.

Secunde-me, em primeiro lugar, o mais moço de todos êles, o coronel MANOEL MAURICIO CARDOSO, espírito de grande penetração e que exerceu o alto comércio, nesta capital, e foi diretor proprietário do **Jornal de Alagoinhas**, na cidade desse nome, no visinho Estado sulino, e prestigioso presidente da nossa Associação Comercial, e a cuja atuação imprimira singular relevo.

Na saudação de boas vindas que, em janeiro de 1924, dirigiu ao ex-presidente GRACCHO CARDOSO, como interprete das classes conservadoras locais, externou êle a respeito de meu pai, na sua castiça e brilhante linguagem, os seguintes conceitos:

“Bendita alma fraterna, que ternamente me acolheste, quasi ao sair do berço, orfão de Pai, e, secundando a madre natureza, maior realce deste às linhas do meu carater, quanto devo eu às luzes do teu grande espírito!

Foste tu que me ensinaste a presar à verdade, a amar à justiça, a não perseverar no erro, a ser, enfim, acima de tudo, equitativo e bom, tolerante e justo. Recolhe, pois a parte que te cabe na satisfação que me domina pela honra excele desta hora memorável, em que me é dado falar neste recanto a auditório tão seleta, a tão conspícuo cidadão, interpretando todo o alto sentir de uma classe laboriosa e ingente, que é, por todo o mundo, considerada a base angular em que repousam os supremos destinos de todas as nações”.

frazes típicas, mixto de lagrimas e de risos, prece do coração; a frase altamente adoravel que, constando de cinco letras -- "Adeus"! quer significar por elas mesmas:--... A-mor, d-oçura, e-xtremos, u-niformidade, s-impatia. — Do irmão, S. Cardoso".

Do seu irmão mais velho do que êle, o professor SEVERIANO CARDOSO, poeta de requintado lirismo, de compleição acentuadamente artistica, na finura e delicadeza de seus trabalhos intellectuais, teatrólogo e como êle tambem educador da juventude, não tenho no meu arquivo nenhuma prova material da estima que lhe devotava, a não ser a recordação de que, quando me entendi, era do seu hábito passar os domingos, de sol a sol, em sua companhia, em nossa casa, palestrando, ouvindo cantar modinhas ao piano ou jogando o sólo, em amorável convívio e a circunstância de que, na Bahia, pelejaram juntos, no jornalismo e no comércio, quando ali encetaram a vida, embora mais tarde fossem aqui políticos em campos diferentes.

Suas irmãs d. AMELIA e d. VALERIANA CARDOSO tambem muito o distinguiram, tendo sido a segunda professora de francês, na Escola Normal "Ruy Barbosa", e espirito tambem muito culto.

Da consideração que lhe consagrava o seu irmão desembargador MELCHISEDECH MATHUSALEM CARDOSO, numa amizade repassada de afeto e gratidão, fala melhor do que tudo o espontâneo convite que lhe fez, para que fosse eu continuar os meus estudos de direito em Porto Alegre, sob sua orientação, quando adoeci gravemente em 1914, no Rio de Janeiro, e tive necessidade de mudar de clima, para restaurar a saude e ali permaneci, de 1915 a 1919 e onde conquistei, afinal em 1918, a minha laurea de bacharel em direito, já sendo promotor público da comarca de Cachoeira.

Encarada no seu amplo e harmonioso conjunto, vê-se que a sua obra de escritor, jornalista, homem público, poeta, orador e professor, se bem que se conserve ainda esparsa, em sua maior parte, apresenta em cada um dos seus aspectos particulares a maior conexão e congruência com o todo, e teve o dom da ressonância, — sexto sentido da intelligência, pela grandeza moral que lhe soube

imprimir, como tarefa educativa, atingindo, penetrando e conquistando às almas.

Aí está, em largas pinceladas, do berço ao ultimo anhélito, a vida e a obra do infatigável e estimado varão que foi meu pai, o professor BRICIO MAURICIO DE AZEVEDO CARDOSO, e a quem me apraz ligar o epíteto de verdadeiro homem de bem, segundo a unânime e concludente opinião de quantos o conheceram e lhe testemunharam o alto apreço de que se tornara credor e que foi, sem favor, a personificação lídima da bondade, do desprendimento, da ilustração, da independência de character e da honra.

Em grande relevo, em verdade, sobressaiam, na sua patriarcal e suave personalidade, esses excelsos predicados; e, para distingui-los, o coevo julgamento lhe não regateou a inclusão na progenie de homens ilustres da nossa velha cêpa.

Sendo uma reputação moral e literária consagrada, no conceito público, a cuja estima se elevara, por suas idéias e ações, acredito me não haver derramado em epítetos imerecidos, no sentido de engrandecê-la, atribuindo-lhe, a furto, a pompa de roupagens alheias.

Se o meu esmaltado nome se conserva querido e admirado, pela posteridade, é porque, definitivamente, o inscrevera na galeria dos vultos representativos da nossa terra, ocupando lugar de destaque, nos anais do seu pensamento, da sua literatura, do seu jornalismo, da sua vida pública e do seu magistério.

Era a sua “cabeça redondamente sergipana e inteligente”, e ostentava, de jus, à corôa de louros do principado das letras.

Não hesitarei em afirmar, portanto, que não foi uma lamparina de brejo, mas um astro de intensa fulguração.

O triduo da magnifica apoteose que vem sendo tributada à sua sombra histórica e à sua estremecida memória, para lhe comemorar o centenário do nascimento, si penhora, desvanece e cativa à sua descendência, é um justo galardão aos seus inestimáveis serviços ao nosso berço comum e à Pátria, e bem assim aos seus incontestáveis e multiplos merecimentos.

Dispensa o importante legado moral que herdou aos seus e a Sergipe, como aristocrata do talento, incansavel semeador de idéas

generosas e apostolo do principio dos principios — DEUS. o chamamento à colação, no inventário de suas atividades, na política, no lar, nas letras, na imprensa e, sobretudo, na cátedra, por ter sido equidodosamente partilhado, durante a própria vida, em lustre de sua numerosa prole, da “sua família espiritual” e da comunhão a que pertenceu e a que extremamente amou e exaltou.

Nunca lhe faltou a luz da fé, a fôrça do entusiasmo, a lealdade aos compromissos, a devoção ao trabalho, o amôr à liberdade, a dedicação à juventude e a fidelidade ao ideal e à Pátria.

E se, na áspera e acidentada estrada que palmilhou, pela vida afóra, urzes e espinhos lhe feriram às pontas dos pés, não fê-lo inutilmente, e deixou de sua humanidade e de suas aptidões traços superiores e indeleveis.

Esse o pedestal em que assenta, na história, o nome desse homem que não conheceu fadigas na longa vida corajosa que viveu, jamais maculou a consciência moral formada nos ideais luminosos da sabedoria antiga, personificou o amor das letras, teve por unico patrimônio a instrução, apostolisou a liberdade e a justiça, batalhou com a pena, irredutivel defensora de fracos e oprimidos.

VIDA DE INTERIOR

Manoelito Campos

Se Machado de Assis escreveu que "dormir é um modo interino de morrer", o que não contestarei, porque quando estou dormindo posso ser tatuado a carvão por um galhofeiro ou roubado por um esperto (desaforos que só o morto não vê nem sente), o que não diria da vida no interior o romancista das "Memórias póstumas de Braz Cubas"?

Talvez dissesse que é uma forma de morrer aos poucos, uma espécie de suicídio lento...

E, contudo, não diria senão uma verdade dura e nua, sem usar daquele "manto diáfano da fantasia", da receita do Eça.

Porque raras, raríssimas cidades do interior do Brasil escapam à pungente situação de verdadeiras necrópoles de vivos!

Estados há, como o Maranhão, que não oferecem, que eu saiba, uma só exceção a essa triste regra geral.

Falando de consciência, sei como tôda gente, que no sul do país, com São Paulo à frente, eterno vanguardeiro em tudo, Rio Grande, Santa Catarina, Paraná, Minas e o Estado do Rio têm suas cidades esplêndidas, magníficas, onde se vive com todo o conforto, sentindo alegria de viver, que é o sal indispensável para a saúde integral, sem nunca ter necessidade de incorrer no pecado de invejar os felizardos das ridentes capitais.

No norte heróico e sofredor, sempre esquecido de todos os governos federais, exceção honrosa talvez somente do dr. Getúlio Vargas, que dête se lembrou um pouco, através de uns dois

ministérios, parece de justiça citar-se no rol das boas as cidades de Campina Grande, na Paraíba e Garanhuns no Estado de Pernambuco.

Afora êsses poucos oásis de progresso no deserto de tanto atraso, o que existe realmente é marasmo alarmente, melancolia sem termos, estagnação de água morta

Os dias se sucedem sem a mínima novidade para melhor, monotamente iguais, com a única diferença de que nos da semana, chamados úteis, alguns trabalham e nos domingos todos bocejam, desfiando o rosário de lembranças queridas do passado, ou balançando ambições, futuras tão difíceis de se concretizar nessa vida sem contacto com o mundo ! . . .

Quando chega o jornal ou revista amassados do correio (não raro também rôtos, em frangalhos), o homem do interior vai ler o que todos já leram, vai saber das novidades que já têm os cabelos brancos, enfim, sempre retardatário nas coisas do progresso, coitado, nunca toma assento na primeira mesa do banquête da felicidade, como um miserável passageiro de terceira classe na amargurada viagem entre o berço e o túmulo . . .

O BAIANO CALDAS JUNIOR

VIANA MOOG

A 1.º de outubro de 1895 Porto Alegre devia ter amanhecido sobressaltada, ter vindo para a rua desde a madrugada, vibrar, alvoroçar-se e prestar atenção a tudo quanto estivesse por ocorrer. Por que? Por uma razão muito simples: aquele dia estava destinado a tornar-se histórico para a cidade e também para o Rio Grande e também para o Brasil. Entretanto, aquêle dia correu como os demais na pacífica capital de estilo açoriano: não houve missa campal, não houve cavalcadas, não houve desfiles. Ninguém parecia, em meio à pasmaceira e à rotina de superfície que se seguiu à revolução de 93, haver prestado grande atenção a uma pequena novidade que se ia tornar histórica: o aparecimento do "Correio do Povo" sob a direção de Caldas Junior, um nome mais ou menos estranho ao Estado.

Que importância podia ter afinal de contas na vida da província um novo jornal que não se propunha a atacar o govêrno, que não se propunha a apoiar nem ser apoiado pela oposição? Só mesmo um louco varrido, um visionário, um sonhador inteiramente alheio às realidades riograndenses podia pensar em tamanha extravagância. Ora, um jornal nem maragato nem republicano no Rio Grande! Só mesmo a um sonhador podia acudir tal disparate. Aquilo positivamente não ia agradar a ninguém, asseguravam com segurança e firmeza os homens práticos, que sempre sabem como construir a sua casa mas nunca se detêm a pensar como se pode construir melhores mundos.

Com que então o Rio Grande apenas saído dos horrores da guerra civil, todos os ódios ainda vivos e longe de cicatrizar, iria dar importância a um jornal neutro? Era só o que faltava. No Rio Grande, ou se era de um partido ou não se era nada. Estava bem que se fundasse um novo jornal, mas para tanto era preciso desde logo dizer ao que vinha: se para desancar o govêrno, se para escaçar a oposição. Fora disso não havia salvação. Neutro é que não podia ser. Neutro no Rio Grande só baiano.

Nisto tinham tôda a razão os homens práticos da província: Caldas Junior era baiano. Não por que tivesse nascido na Bahia, mas por que não nascera no Rio Grande. Nascera em Sergipe. Vieram para o sul na cauda dessa falange de bacharéis, jornalistas e letrados nortistas, descendentes de senhores de engenho, que com a abolição da escravatura, o advento da República e a decadência do Brasil patriarcal foram compelidos, pela ruína da civilização açucareira do norte, a deixar a sua terra e a sua parentela e a casa dos seus pais, como se diz no Gênesis, em busca de melhores paragens. E, trazia, como os outros, uma parcela da missão que a República confiou aos filhos espirituais da escola do Recife: irradiar pelo Brasil, como professores jornalistas, como juizes e promotores, o espírito das civilizações mais cultas e estratificadas de onde provinham.

Se para a maioria dêstes as lutas em que se dessangrava o Estado, os ódios que o dividiam não tinham sentido, menos o tinham para Caldas Junior, sergipano até no fato de conciliar no seu temperamento de forte, a índole agressiva, panfletária, áspera e polemística dos nordestinos com a brandura impregnada da erudição e do humanismo dos baianos.

Não, êle não acredita no dilema de que para ser alguém no Rio Grande era preciso tornar-se antes de tudo maragato ou picapau, apelido dado respectivamente aos partidários do Partido Republicano e do Partido Federalista, aquele chefiado por Julio de Castilhos e êste por Gaspar da Silveira Martins. Pelo contrário, é o primeiro a pressentir a nova mentalidade que anseia pela paz social que possibilite ao Estado o pleno desdobramento de suas imensas possibilidades. Êle é dos poucos a tomar conhecimento dos fatos

novos: do florescimento da lavoura, do brotar da indústria e do comércio; da prosperidade crescente das regiões coloniais, para as quais, como para êle, as lutas dos partidos significavam muito pouco ou quase nada em si mesmas e que só ansiavam por paz e justiça, em cujo clima pudessem amadurecer as suas aspirações de pequenos burgueses progressistas pouco interessados em tomar de empréstimo ódios e ressentimentos a que, como imigrantes ou descendentes de imigrantes, sempre se conservaram alheios.

Caldas Junior não se enganara. Compreendera os anseios do novo Rio Grande melhor do que ninguém. Daí a receptividade, a simpatia e o entusiasmo com que o "Correio do Povo" foi sendo acolhido pela indústria, pelo comércio, pela pecuária, pela lavoura e pelo proletariado no Rio Grande. Mas Caldas Junior não seria um verdadeiro sergipano, um filho espiritual da escola do Recife, se não se voltasse também para os problemas da nossa cultura, para os quais, já tanto haviam contribuído gringos e baianos, os verdadeiros mestre-escolas da província, que fôra antes dêles em matéria de instrução e cultura, uma das mais atrasadas do Brasil, senão a mais atrasada de tôdas.

Isto também Caldas Junior tinha previsto. A proporção que o "Correio do Povo" vai abrindo caminho e se firmando à revelia das resistências da intolerância e da incompreensão, vão se ampliando as suas secções destinadas aos problemas da inteligência e da cultura, sem os quais a prosperidade, o progresso material são simples acontecimentos cartagineses sem maior significação. Já agora, poetas, escritores, cientistas, não mais precisam emigrar, não mais precisam fazer protestos de apóio incondicional aos partidos para se realizarem nos domínios das respectivas vocações. Lá está o "Correio do Povo" de portas escancaradas à colaboração de todos, animando-os estimulando-os, sem indagar de suas origens partidárias, de suas crenças e de suas convicções.

Eu, por mim, tenho para com o "Correio do Povo", sob êste aspecto, uma dívida irresgatável. Banido em 1932 para o Amazonas, vencido e amargurado, nunca poderei esquecer de que foi em suas colunas que encontrei abrigo para os meus primeiros artigos de exilado, com os quais, ao mesmo tempo que realizava o apren-

dizado da literatura, ia entretendo a agradável ilusão de não estar de todo e irremediavelmente separado daquilo que me era caro. Desde então nunca mais temi o exílio ou o ostracismo. Fiquei sabendo que no exílio ou no ostracismo sempre poderei contar, como até aqui tenho contado, com aquelas sagradas colunas através das quais é um prazer para todo o riograndense do sul comunicar as suas mensagens à terra e à sua gente.

Depois dêsses longínquos tempos de Amazonas, muita água tem o Amazonas, como o Guaíba, levado para o mar e, felizmente, não me tem faltado jornais e editores para aquilo que escrevo. Meus artigos e ensaios já os vi em letra de forma em quase todos os jornais do Brasil e traduzido para o inglês, para o francês e o castelhano em jornais de maior tiragem do que o "Correio". Mas mesmo quando publicados por "La prensa" de Buenos Aires, ou no "New York Herald" de Nova York em edições que alcançam nos quatro cantos da terra milhões de leitores, nunca me dão tanto prazer como quando os vejo resplandecer, mesmo massacrados pelos meus cordiais inimigos da revisão, nas páginas do "Correio do Povo", em "La Prensa", em "Crítica", no "Christian Science Monitor" ou no "New York Herald" êles podem ser lidos por centenas de milhares de pessoas para quem eu nada significo e que nada significam para mim. No "Correio do Povo" é outra coisa. Quando me encontro em suas colunas é como se estivesse de visita aos meus velhos amigos e conterrâneos, discutindo e amuando com êles, ao pé do fogo, entre dois amigos, ali no canto do galpão.

Por isso é que não quero passar em silêncio o cincoentenário do "Correio". Para os que fazem da pena o seu instrumento de venturas e de suplicios e nela acreditam como instrumento de destinação social, é um cincoentenário cheio de sugestões. Lembra a maravilhosa aventura, a espantosa temeridade de Caldas Junior, fundando, há meio século, num Rio Grande fragmentado em partidos e facções, um jornal que se propunha ficar e ficou, à margem de uns e de outros, para melhor servir aos interesses do Estado.

Desta idéia, incompreensível para o tempo em que surgiu, nasce o nosso "Correio", destinado a ter no futuro uma influência e uma repercussão que não tem feito senão crescer, influência e re-

percussão com as quais o seu mesmo fundador talvez não tivesse contado. Tanto pode a inteligência a serviço de uma vontade forte. Pela primeira vez no Rio Grande do Sul aparecia um jornalista isento de paixões, com o culto erasmico da neutralidade e da conciliação fazendo da sua função uma magistratura, do seu jornal um estuário das melhores e mais altas aspirações da nossa gente.

No entanto, há sempre qualquer coisa de melancólico no destino de um jornalista. Dando tôda a sua inteligência e tôda a sua vida ao comentário dos fatos de cada dia, esquecido de si mesmo, raramente consegue impor o nome à posteridade de modo definitivo. Os artigos mais sensacionais; passados os anos, deslocados do ambiente e das circunstâncias que lhes possibilitaram o sucesso, dificilmente conseguem interessar uma segunda vez. Henri Fouquier foi a glória do seu tempo. Escrevia diariamente vários artigos. Quem ainda o lerá nos dias que correm? E quem ainda lerá os artigos desses grandes jornalistas que foram Veuillot, Carrel Hervé, Emile Girardin?

Não há porém necessidade de buscar exemplos lá fora, quando em casa temos ouro de lei. Para que melhores exemplos do que o esquecimento que se fez sôbre a obra de jornalistas como Alcino Guanabara, Quintino Bocayuva, Julio de Castilhos, Carlos de Laet e os nossos grandes gringos do Rio Grande, Zambecari, Rossetti e Carlos von Kossertitz?

Caldas Junior, felizmente, ligando o seu nome ao "Correio do Povo", como Edmundo Bittencour ligou o seu ao "Correio da Manhã", infundindo-lhe a própria alma, pôde fugir e fugiu à melancólica contingência. Não se pode falar em "Correio do Povo" no Rio Grande do Sul sem que uma irresistível associação de imagens e idéias nos traga à retina da memória, o nome, a figura e a imagem de Caldas Junior. Que as palmas, que as glórias e os triunfos que o futuro ainda reserva à perenidade do "Correio do Povo" confirmem os votos da minha, da nossa gratidão, à memória do grande pioneiro.

Transcrito do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro

RELIGIÃO E PÁTRIA

Discurso proferido, na velha Escola Normal, hoje Instituto Pedagógico Rui Barbosa, aos 2 de setembro de 1943, pelo acadêmico-Cônego Domingos Fonseca — professor catedrático do estabelecimento em aprêço

Tenho o prazer indizível de falar-vos, normalistas, e vou desenvolver, numa palestra simples e despretenciosa, o tema sublime-Religião e Pátria —

Quero incitar-vos tôdas para a **crença** e para o **civismo**, já que se nos apresenta ensejo tão agradável, pela comemoração — nesta semana de loas — de mais um aniversário, a 7 de setembro, da independência do Brasil que vive unido e intangível, forte e feliz, com as bênçãos dadivosas do Onipotente e o labor fecundo dos brasileiros.

Duas grandes idéias sublimam o espírito humano: religião e pátria; dois grandes sentimentos se aninham no coração do homem: o amor à religião e à pátria. Consoante as sagradas letras, criou o Eterno ao homem; êste reflete em si e eleva o coração para aquêle que lhe dera o ser, adorando-o com enlevos de amor e admiração; observa as maravilhas do mundo físico e do mundo moral, cultuando a natureza e a sociedade que demoram ante êle, com a sua beleza e realidade de suas grandezas.

Eis o homem cultuando a religião e a pátria.

A religião é o liame sublime que nos une ao Criador.

“É, no dizer belamente expressivo de Clementino Contente, a mais palpitante das atualidades; é a necessidade mais sentida; é o dever mais sagrado”.

Nascemos? E ela nos dá logo uma origem real — descendemos de Deus. Crescemos? E ela nos eleva a alma às altas regiões da inspiração e do raciocínio. Sentimos? E ela nos propina a ambrosia do amor, dando-nos os gozos incomparáveis da família. Pensamos? E ela nos fala do Céu e da Natureza, de Deus e do homem, Sofremos? E ela nos ensina o bálsamo para acalmar as dores, dando-nos coragem e resignação, fazendo que brilhem nos sofrimentos os méritos para a nossa glória. Chegamos à velhice? E ela nos ampara, renovando-nos a existência com a vida da graça e com as divinas promessas. Morremos? E ela chega ao nosso túmulo e nos conforta, dizendo: tua é a morada do Céu, que não da terra; eleva-te e vai em busca do teu Criador.

Por tudo isso, em qualquer eventualidade da vida, nunca podemos esquecer a idéia de religião dentro em nós. Ela chega, portanto, aos primeiros albores da manhã da nossa vida, vela conosco em o nosso ataúde, em demanda do Além; guia-nos ao seio glorioso de Deus. Está em todos os povos, quer bárbaros, quer civilizados, grandes ou pequenos, armados ou inermes. Quereis vê-la? Interrogai as Nações. A Europa tóda se levanta, mostrando os prodígios do Cristianismo. A América inteira conhece-a como a rainha dos corações. Todo o universo decanta as glórias do seu passado e do seu presente, vaticinando os triunfos do seu futuro.

A grandeza do indivíduo se afere pelas cintilações preciosas do espírito e pelos impulsos benditos do coração. Tanto os indivíduos como as nações têm fome de verdade e sede de virtude; e a nossa religião é verdade e virtude. Amemo-la, ciente e conscientemente, pois que, segundo a expressão de Alexandre Lobo, é o primeiro, o maior e o mais universal recurso e amparo á fraqueza do homem.

Desprezá-la é suprimir os alicerces da sociedade humana.

Amar a religião, eis o primeiro dos nossos deveres, dos quais o segundo é amar a pátria.

Escutai-me. Pintando a côres vivas o painel lindíssimo do torrão natal, Joaquim Manuel de Macedo assim começa: “Um célebre poeta polaco descrevendo em magníficos versos uma floresta encantada do seu país, imaginou que as aves e os animais ali uascidos, se por acaso longe se achavam, quando sentiam aproximar-se a hora de sua morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar à sombra das árvores do bosque imenso onde tinham nascido. O amor da pátria não pode ser explicado por mais bela e delicada imagem. Coração sem amor é um campo árido, quase sempre ou sempre cheio de espinhos e sem uma única flor que nele se abra e o amenize. Haveria sòmente um homem em quem palpitasse coração tão sêco, tão enregelado e sem vida de sentimentos — o homem que não amasse o lugar do seu nascimento”. Ao meditarmos êsses verbos sumamente eloqüentes do saudoso escritor, nos vêm tórridas aos lábios palavras torrentosas que dizem talqualmente o que sentimos de amor pátrio.

É uma verdade; sem pátria, não há sociedade; sem sociedade, não há família, sem família não há indivíduos; sem indivíduos não há religião; sem religião, tudo nada vale. Dês-que aparecemos no mundo moral, ou melhor, racional, nos vem à mente a idéia de pátria e de amor pátrio. E é natural. O sentimento de patriotismo vem insito, ingênito ao indivíduo; é uma ilação lógica de sua existência, e, se há aberrações, não nos destroem a regra, nem sequer lhe abalam os inconvelíveis fundamentos. Manuseando a história dos tempos que se foram, até a época hodierna, não há uma página, onde se não perceba a existência do amor à pátria.

Desde os primórdios da criatura racional até a ocasião em que ela vige, existe uma cadeia de elos ininterruptos tão estreitamente unidos que, fôra acúmulo de calúnia afirmar que a idéia pátria ora vivia, ora ressurgia, ora amortecia. Não! Lá um, lá outro poderia extrair do coração êste santo amor, mas nem por isso os elos da cadeia se alteravam, se alteraram e se alterarão jamais, pois que, enquanto houver homem, haverá pátria e enquanto houver pátria, haverá adoradores da pátria.

É assim é, porquanto “a pátria não é a terra, não é o bosque, o rio, o vale, a montanha, a árvore, a bonina; são nossos afetos que êsses objetos nos recordam na história da vida; é a oração ensinada a balbuciar por nossa mãe; a língua em que ela, pela primeira vez, disse: meu filho; é o complexo de famílias enlaçadas entre sí pelas recordações, pelas crenças e até pelo sangue,” assim o disse A. Herculano.

A pátria é um conjunto menos físico do que moral, eu li algures.

“Não há nada tão forte como o sentimento da pátria, nada tão cego como a afeição à pátria: nosso ninho, nosso lar, nosso templo, nosso sepulcro, nosso pretérito, nosso presente, nosso futuro, terra de nossas nostalgias e céu de nossas esperanças.”

O amor à pátria e à religião estão estrictamente unidos como o corpo ao espírito, os raios ao mesmo centro; os ramos à mesma árvore. Não se podem separar. A idéia religiosa é o elemento primordial da idéia de pátria.

Quereis a prova? Observai a história dos antigos povos; estudaí a Ásia, a Grécia e Roma; acima do amor à terra, êles tinham amor aos deuses. Era-lhes como divisa — *pro aris et focis* — pelos altares e pelos lares. Tais sentimentos eram profundos entre os pagãos. Tróia está próxima a ser tomada, e Enéias, em meio às enormes chamas, salva os penates, consigo conduzindo-os. Roma pagã persegue os cristãos, por não quererem adorar os ídolos. Em todos os tempos e em tôdas as partes se acham unidas e vivificadas num mesmo amplexo as idéias de religião e pátria. “Separá-las? exclamava pranteado orador, mas, quando da pátria se separa a religião, como é que o soldado poderá ter pela sua bandeira aquêlê culto que é a base do espírito militar? A bandeira teve sempre uma significação religiosa. Desde a águia de Roma até ao lábaro de Constantino, desde o pendão das antigas repúblicas até os estandartes de nossas cidades, não houve uma bandeira que não tivesse tocado os altares, que não tivesse recebido as bênçãos da religião.”

Não há povo sem Deus; não há povo sem pátria. Deus é a alma da religião e também é a alma da pátria.

Cultivemos a religião, que a nossa fé não é contrária ao amor pátrio. A fé regenera as nações e as faz triunfar dos seus inimigos. A quem se deve o descobrimento do Brasil, senão á fé cristã que inspirou o gênio navegador do imortal lusitano Pedro Álvares Cabral?

A quem se devem os primeiros progressos do Brasil senão aos destemidos e valorosos jesuitas que deram a vida a Deus em terras brasileiras? A quem se deve a paz e a unidade do Brasil, senão à religião — serenadora e unificadora dos espíritos — que assistiu aos seus primeiros vagidos e o fez crescer forte, rico e majestoso? E o pedestal de nossa liberdade mais do que centenária não esta cimentado pelos socerdotes da fe? Que fizeram então os padres: Roma, Souto, Miguel Joaquim, Antônio Henriques, Pedro de Sousa, Tenório Teotônio, Antônio Pereira de Albuquerque, frei Caneca e muitos outros, senão selar com o sangue e o heroismo o testemunho do seu amor ao Brasil?! Pelo conseguinte, que fizermos, cientes que somos da sublimidade da religião e da pátria?

Sòmente trabalharmos — dentro da órbita de nossa possível operosidade — por adquirir ainda mais o elevado sentimento dos que são crentes e patriotas. O nobre feito que se vai memorar a 7 de Setembro, é um atestado solene e soberbo de amor a Deus e à Pátria. Aquela voz varonil que, às margens modestas e poéticas do Ipiranga, cantara o hino salvador — Independência ou Morte — era a voz do crente e patriota.

Queridas normalistas! Amemos o Brasil. O bom patriota é aquêlê que ama verdadeiramente a sua pátria. Ama-a de verdade todo aquêlê que cumpre o seu dever, cada um na esfera de suas atividades. Sêde mais patriotas, conseguindo o aperfeiçoamento do próprio eu, tornando-vos úteis à família e à sociedade, sacrificando-vos e dando-vos, até, em holocausto se preciso fôr, pelo bem comum — a grandeza e a salvação da pátria.

Precisamos de ter um ideal. Não é o ideal que forma as idéias; as idéias é que formam o ideal. Ingenieros disse: “Nada se deve esperar de quem entra na vida sem se entusiasmar por um ideal. Aos que nunca foram jovens, parece desvairado todo sonho; é preciso adquirir a juventude, e sem ideal, não é possível adquiri-la”.

Tendes em vós todo o vigor, tôda a graça e tôda a poesia da juventude. Seja o vosso magno ideal — ilustrar sòlidamente a inteligência e plasmar fortemente o caráter — para poderdes trabalhar por vós e pela pátria brasileira.

Sim; nesta hora, em que o direito da fôrça quer, debalde, sobrepor-se à fôrça do direito; nesta hora amaríssima, por que passa o mundo — a hora mais apocalíptica da sua história — tenhamos fé em Deus e rezemos; tenhamos amor ao Brasil e trabalhemos. Sejam minhas últimas palavras a expansão do meu amor à pátria. Brasil, como eu te adoro! Em ti vejo a luz do espírito que é fecunda; a probidade que é sem raias; a intrepidez de teus filhos, que se não mede, e a maior glória que adquire um povo — a mais preciosa margarita que exorna a tua coroa — o heroísmo. Por que te não hei de amar então? Se fôras sòmente a terra que te pertence, as florestas que tu dominas, os rios que em ti existem, as minas que te enriquecem, eu não te renderia o preito do meu amor profundo e incondicional.

És, outrossim, nossos pais, parentes e amigos; és o povo que produziste e produzes; és o direito que nos guia, corrige e salva-guarda; és a língua que veicula os nossos pensamentos e espelha a alma de nosso povo; és a religião que nos abençoa para a terra e nos santifica para o Céu.

Brasileiros!

Saudemos todos nós — neste instante de vibrações patrióticas — o glorioso pavilhão nacional.

Ele é tôda uma página brilhante, onde se acha escrita a história tôda de um povo. É que a bandeira é a pátria. Quando se hasteia no frontispício das escolas, é a pátria que ensina. Quando treme no cimo das fábricas, é a pátria que trabalha. Quando se desdobra nas flechas das catedrais, é a pátria que reza. Quando descansa no ataúde do soldado, é a pátria que chora. Quando flutua nos mastros dos couraçados, é a pátria que vigia. Quando se arvora nas asas do aeroplano, é a pátria que ascende a glória. Quando tremula ao vento da guerra e à fuligem da pólvora, é a pátria que

se defende. Quando, depois de arrancada, balança na posição conquistada, queimada pelo fogo e esburacada pelas balas, é a pátria que canta o epinício do seu triunfo.

Salve, bandeira do Brasil!

T. dito

WHITMAN, POETA UNIVERSAL DA AMÉRICA

J. A. Nunes Mendonça

O cantor da América e do Futuro

Walt Whitman, o Cantor da América e do Futuro, foi, ao mesmo tempo, um poeta essencialmente americano e profundamente universal. Em seus poemas vive exuberante a América livre e forte cuja voz ouviu e fixou nos seus adoráveis cantos, e cujo futuro anteviu na visão esplendorosa do Movimento e do Progresso.

Willi Durant, escrevendo sobre ele em "Great Men of Literature", nos faz notar que tão fielmente viu e cantou o Novo Mundo que "se tornou não somente o poeta da democracia e da América como, pela sua grandeza de alma e universalidade de visão, o poeta do mundo moderno".

Suas obras, como as de Bernard Shaw, esse velho que todo mundo ama e admira, não perderão nunca a atualidade. Escritas há algumas décadas passadas, parece o terem sido hoje, pois refletem admiravelmente o espírito do nosso tempo e podem muito bem servir de verdadeiro evangelho de beleza e humanidade para as atuais gerações.

O artista, como disse Gustavo Le Bon em suas "Leis Psicológicas da Evolução dos Povos", traduz, nas suas sínteses, a alma de uma raça e de uma época. Whitman, porém, como artista ge

maí que foi, traduziu não sòmente a alma da sua raça e da época em que viveu, mas, também, da futura raça que esperava surgir na vasta e ainda infante América, escrevendo, para ela, a poesia magnífica do futuro.

Armando Vasseur, ao prefaciá a sua tradução castelhana dos poemas de Whitman, chama-lhe o “evangelhista del Continente en formación, creador de valores nuevos, héroe, profeta y compañero de los hombres. Guía de los guías, consolador de los afligidos, pánico de los despotas, maravilla de los niños, encanto de los jóvenes, amigo de las esposas, consejero de los padres, glorificador de la vida y la muerte.”

Afim de criar a poesia da América e do Futuro, Whitman teve, primeiramente, que libertar a Poesia dos velhos e tradicionais cânones europeus, da métrica medieval, das retóricas e regras estreitas e rotineiras. Isto feito, escreveu a poesia que é a expressão viva e potente do jovem Continente que prepara o seu futuro para se afirmar, perante o Mundo, o Continente da Paz, do Trabalho e da Solidariedade.

Ao ler os seus poemas, admirados diante do arrojo de seus pensamentos expressos com encantadora simplicidade, nos vem a mente o conceito de Stendhal: “Só uma grande alma se atreve a ter estilo simples.”

A poesia de Walt Witman, além de tudo, possui vasto e complexo sentido humano. É uma reação contra os valores esgotados do final de uma época que teima em se defender, arquejante, na ilusão de que sobreviverá. É o canto audacioso, o canto revolucionário de um mundo mais humano, de uma realidade mais espiritual e mais nobre, de uma vida mais bela, mais profunda, mais simples e mais liberta; de uma raça forte, sadia e feliz.

“Oh América! porque constróis para a Humanidade, eu construo para ti!”

I hear America singing, disse êle.

Ouvia a América cantar pelas vozes de seus filhos, de seus homens simples, daqueles que constróem a grandeza e o esplendor materiais de uma civilização; pela voz dos lavradores, pescadores,

marinheiros, ferroviários, mineiros, guarimpeiros, vaqueiros, sa pateiros, marceneiros e ferreiros; de todos os homens humildes e laboriosos, rústicos e simples, daqueles que, da madrugada ao entardecer e do entardecer à madrugada, lutam e realizam.

Era êsse o canto que ouvia Walt Whitman: o homem lutando, amando, sofrendo e se afirmando em todos os recantos; o homem construindo nas grandes colmeias do trabalho e também nas modestas oficinas e tendas; a América cantando através o afan de seus homens, as atividades de suas indústrias,(1) o movimento de seus rios, de seus barcos, locomotivas e dolentes carros de boi. . . .

É que a América se revelou, desnuda e deslumbrante, na sua realidade grandiosa, ao seu poeta, ao poeta mágico que iria fixar a sua voz e tornar-se seu Cantor.

O amor de Walt à América encontra similar, em intensidade, no culto que dedicou à Polônia o bardo polonês Adão Mickiewicz. Mas, o amor de Mickiewicz à Polônia o faz odiar à Rússia, à grande nação de Lomonosov, Puckkin e Kostantino Romanov, de Gogol e Tolstoi, enquanto que o de Whitman à América não o impede de chegar à aceitação universal de todos os povos. Devemos ter em vista, porém, que a Polônia tem sido humilhada e oprimida, o que não sucedeu ainda à América que, livre e poderosa, cresce e se expande. O culto do Mickiewicz à Polônia é um desabafo e um desagravo. O de Walt à América é um hino à força e à juventude espiritual de um Continente que não conheceu ainda a derrota.

Como poeta universal que foi, o vate imortal da América cantou todos os continentes, todos os países, civilizações, climas, mares, costumes e cultos; todos os tempos e toda a terra.

Foi o Cantor, inspirado e livre, da América e não só da América como do Mundo.

(1) Whitman não se insurgiu contra os frutos da evolução. Antes, chama a si mesmo poeta da evolução. Sabia que o homem não se deve rebelar contra o desenvolvimento e o progresso. O que tem a fazer é **espiritualizar** os valores do presente e fazer o mesmo àqueles que foram surgindo como frutos amadurecidos da evolução humana.

O cantor do Homem e da Vida

Fédor Dostoiewsky, o angustiado romancista do País das Estepes, teve uma das maiores visões subjetivas do homem. (2) Whitman uma das mais amplas visões objetivas dos homens e da vida dos homens, visão em tudo digna da que Benedito Spinoza tivera de Deus e da unidade universal.

A obra de Walt não é a de um romântico introspectivo nem a de um desinteressado pelas questões humanas e sociais. Se ao seu conterrâneo, o novelista Nathaniel Hawthorne, se pode acusar de indiferença pelos problemas humanos, a Whitman tal acusação não pode ser feita, pois sua obra não é outra coisa senão a realidade humana transfeita em versos, a vida dos homens vivida pelo poeta através de sua identificação com todos os seres, através o arrojo de seu ideal de compreensão humana e de afeição fraternal para com todos os homens. É certo que ninguém fixou com mais ternura e exaltação a beleza dos campos e das montanhas, dos rios e das estradas livres, das fôlhas de erva e das estrelas. Mas, o sentido mais forte de sua obra é justamente o sentido humano; o homem e a vida.

Em seus poemas canta o homem e a vida com ousadia, com amor, com liberdade. Exalta o homem e a mulher sadios e livres, o sexo e o amor emancipados dos preconceitos ridículos, dos tabús antiquados e do puritanismo hipócrita. Cantou o amor e o sexo como fôrças poderosas de atração e fecundação.

As alegrias da carne fazem parte de seus cantos como manifestações naturais do homem e da vida, como fontes perenes e eternas de renovação.

Entretanto, Walt olhava o amor por um prisma diferente: cantava, não apenas o seu amor, as suas paixões, mas, o Amor universal, o amor de todas as criaturas, o amor de tudo que vive na natureza. Por isso os seus cantares atravessaram os anos e

(2) Nietzsche julgou Dostiewsky acima de Stendhal no tocante à visão psicológica, no que estamos plenamente de acôrdo.

chegaram a nós frescos e palpitantes de vida e de atualidade; por isso refletem tão profundamente o espírito do nosso tempo, e dizem tão bem com o ideal dominante de solidariedade humana.

O amor e a carne continuarão os motivos mais fortes e mais sedutores das glorificações humanas, serão sempre o leit-motiv da estética e da vida, porque são instinto e espírito ao mesmo tempo, e constituem necessidades que dizem de perto à felicidade nossa.

É em vão que alguns artistas tentam abandonar êsses velhos temas, como inútil fôra aos ascetas de outrora, a reação contra a carne: quanto mais fugiam, mais próximos dela se encontravam. É que Sulamita é eterna. Eterno é o amor. O homem não precisa somente do pão, necessita também das cousas do espírito.

O Amor, a Alegria e o Sofrimento são caminhos para Deus. Debalde um Paphnuce reage contra a Fôrça de Deus, porque o amor é realmente a Fôrça de Deus espiritualizando e eternizando a matéria e a vida.

Para que fugir dos valores reais da vida se fora deles nada construiremos de bom e de útil para nós ou para os nossos semelhantes? A nossa fé no futuro tem que ser baseada na espiritualização de todos os valores que constituem o complexo da natureza humana, entre os quais figura em primeiro plano, o amor e o sexo.

A poesia de Whitman é a sublimação dos sentidos e dos instintos, dos desejos do homem e da mulher, do amor, do amor, a que a ciência moderna crismou com a dureza de seus nomes, mas que será sempre o milagre infinito dos poetas, a essência da natureza humana, o alfa e o omega da Arte e da Vida.

A Whitman não importa analisar o amor, como o fez o amargo Schopenhauer, nem sôbre êle tecer abstrações sentimentais.

Byron confessa que o amor lhe ensinou a melancolia. Whitman, ao contrário, encontra nêle o prazer divino, a alegria mais profunda, a satisfação mais completa.

“Eu sou Walt Whitman, um cosmos, um filho de Manhattan.

Turbulento, carnívoro, sensual, que come, que bebe, que procrêa.

(Não um sentimental, não um dêsses sêres que se julgam acima dos homens e das mulheres, ou isolados deles). Não sou modesto nem imodesto.”

Para Walt Whitman tudo tinha valor: nos motivos mais simples, nos motivos que a outros poderiam parecer banais, nos fatos da vida de todos os dias, êle via a mais pura, a mais sensível beleza, extraindo deles o material de seus cantares.

Confirmou, assim, as palavras da Ralph Waldo Emerson: “para o poeta, o filósofo, o santo, todas as cousas são caras e sagradas; todos os acontecimentos, proveitosos; todos os dias, santos; todas as pessoas, divinas.”

Whitman não buscou, como Dante, Milton, e tantos outros, os grandes temas. Seus temas. são tirados da naturalidade espontânea da vida. Daí a incompreensão dos críticos de seu tempo, que não concebiam que “a realidade fosse poética, nem que a poesia fosse uma linguagem espontânea para as almas transbordantes de vida”.

Ao ler, em “Possessos”, aquela cena em que Chatov se exalta diante do “segredo do nascimento de um novo ser”, diante da profunda beleza da procriação, e, ao mesmo tempo, notar a frieza, a indiferença daquela parteira, Ariana Prokorovna, que sòmente, via naquilo um ato comum, um ato fisiológico apenas, uma cousa que se repete sempre com relativa uniformidade, lembro-me de Whitman que, na sua adoração à vida, dela, dos seus acontecimentos mais simples, extrai emoção, arte e beleza, enquanto que outros, diante das mesmas cousas, distinguem sòmente o lado material, vulgar, comum.

Há pouco, lendo alguns dos poemas de Juana Ibarborou, senti Whitman presente num deles — “Fruto del Tropico”. É que a poetiza sulamericana, de um motivo tão banal para os que o olham sem a sensibilidade dalma, extraiu um dos seus melhores poemas.

O nosso poeta encontrou a beleza em tudo que exprime vida e movimento. Não precisou recuar a séculos atrás para procurá-la

na Hélade imortal como o fez Renan, que lamentou ter chegado tarde demais e confessou as buscas infinitas que teve de fazer para achá-la.

Antes, cheio de fé nas verdades e belezas que descortinara, queria que o homem, liberto do passado e de todos os seus resíduos, alçasse um vôo rebelde em busca de um futuro mais amplo do que o passado e o presente.

“Avante! O’ alma! Levantai âncora!

Cortai amarras, desfraldai velas, para que se enfunem ao vento!

Permanecemos, suficiente tempo já, como raízes cravadas à terra.

Chega de arrastar-nos a comer e a beber como simples animais.

Já nos aturdimos e confundimos bastante com a leitura de obras impressas.

Partí, O’ alma! sulcai o mais profundo do grande mar!”

Aqui mesmo no Novo Mundo, na vida agitada da América, na sua natureza rica e promissora, êle encontrou bastantes motivos para os seus poemas. Nada de voltar ao passado, de olhar para o que já passou.

Alexis Carrel, no seu “Man, teh Unknown”, afirma que não é pelo estudo dos mortos que se chegará a compreender os vivos. Os tecidos de um cadáver, diz êle, já perderam suas funções, já não têm sangue em circulação. Encarece, pois, a necessidade de estudar o homem vivo, os órgãos vivos, tais quais se apresentam nas operações cirúrgicas.

É que só podemos compreender a vida dentro da vida.

Whitman não foi médico, não foi cirurgião. Foi poeta. Como poeta teve à intuição da necessidade de captar a beleza viva, em agitação, em movimento na vida. Para conceber a beleza é necessário senti-la viva em todas as cousas dêste mundo. Devemos, pois, voltar-nos, como ensina a admirável sabedoria de Omar Kháyám,

para o momento que passa arrastando-nos para o que há de vir, pois o momento que passa é a vida.

Por isso o Cantor do Homem e da Vida descobriu a beleza em todos os sêres e em todas as cousas, até mesmo nas cousas materiais, nas cousas que estão em função da existência social dos homens, e que exprimem evolução: na locomotiva — “símbolo do mundo moderno, emblema do movimento e da fôrça, pulso do continente” — com suas lanternas oscilando dentro da noite, atravessando vales e colinas, ferindo o ar com sua voz feroz e borrando o espaço com as densas nuvens negras que vomita; no navio — “cidade fogosa, louca, extravagante” — com seus marinheiros cosmopolitas, amantes do mar e afrontadores de tempestades; no homem do campo, nos camponeses de sua terra, no felá e no mujique, em todos os homens rústicos do mundo; no chinês distante, nos selvagens da África, nos adoradores de Alá, nos ocultistas do Tibet e nos homens super-civilizados do velho mundo.

Como dissemos, êle procurou a beleza dentro da vida, procurou-a no mundo real, e não num mundo abstrato e, portanto, inacessível. Seu espírito quis, antes de tudo, as cousas humanas, as cousas terrestres, as cousas da carne e do sangue, das paixões e do mundo, do homem e da vida. Buscou sempre.

“O harmonioso sentido da terra
o fim além do qual a filosofia
não pode e não almeja ir.
A genitora dos homens...

Estava de acôrdo com Spencer. Spencer julgou que a filosofia não pode penetrar além de certos limites a que chamou de cognoscível. Whitman pensa que ela não pode e não deseja ir avante, que não precisamos nos preocupar com a metafísica, que devemos esperar pelo que há de vir após a morte, sem curiosidade nem temor. Neste ponto está também com o seu adorável irmão do Oriente — Omar Kháyyâm.

São essas as lições que nos dão os dois poetas — o oriental e o ocidental — mais sábios, talvez, que os orgulhosos e presumidos

filósofos que buscam a verdade além da terra, do homem e da vida.

Keats, em carta a Fanny Brawne, declara: "...amei a beleza acima de todas as cousas." Whitman, parodiando-o, bem poderia ter dito: amei a vida acima de tudo.

Anatole France escreveu: "Nada há verdadeiro no mundo, fora a beleza". Whitman teria acrescentado: como a beleza sòmente pode ser colhida dentro da vida, nada há verdadeiro no mundo, fora a vida.

Foi o Cantor da Vida.

O cantor da Humanidade

Da América, do Novo Continente, saüdou o mundo inteiro, sem distinção de raça, religião, costumes, sistemas políticos ou quaisquer outras, vendo, em todos os lugares da terra, o Homem, a Vida, a Natureza, o Trabalho, o Amor e o Desenvolvimento.

Elevou o Trabalho Humano, entoando hinos às atividades do homem sòbre a terra, desde os seus mais humildes labores às suas realizações majestosas.

Foi o poeta universal que concebeu um mundo novo onde a liberdade redime o Homem, o Sexo, e a Vida; onde a Saúde e a Fôrça dominam, e no qual a Beleza é livre nas suas eternas manifestações.

Cultuava a Natureza, vendo nela a mestra e a inspiradora dos homens. "Penso que todas as ações heróicas — diz êle — foram concebidas em pleno ar." As bibliotecas, os salões requintados e artificiais, os salões eivados de convencionalismos, não podem inspirar ao homem emancipado. Sòmente o espaço ilimitado, o ar, o campo, as estradas livres, podem inspirar ao homem livre.

De fato êle tem razão. Os grandes espíritos preferiam sempre o contacto com a Natureza. Raramente Jesús de Nazaré procurava os templos. Preferia o ar livre, os montes, o deserto, as praias e as longas caminhadas pelas estradas extensas de sua terra. Assim concebeu grandes cousas e teve uma tão vasta visão de Deus, de Deus, que veste os lírios do campo e alimenta as avezinhas do céu, que vem manifestando a sua providência desde o alvorecer da vida.

nos primórdios de uma evolução que culminaria no homem, quando adaptava as espécies nascentes às condições da vida exterior.

Na poesia do grande Cantor da Humanidade refletem-se todas as aspirações, todos os prazeres e também todo o sofrimento do homem que não se pode afirmar livremente.

Cheio de fé no futuro dos homens, delicia-se com a antevisão de uma igualdade social num mundo livre de preconceitos e repleto de felicidade, de esperança e de fraternidade.

Como seu conterrâneo, o autor de "Democracy and Education", John Dewey, aceita a democracia e torna-se o seu poeta. A democracia, porém, deve proporcionar, aos indivíduos, possibilidades máximas de expansão e desenvolvimento pessoal. Dentro dela devem avançar sempre, tendo como meta, não os altos postos sociais ou políticos, e sim o aperfeiçoamento da personalidade, o engrandecimento d'alma.

"Haveis sobrepujado os demais? Sois presidente?

É uma bagatela, pois cada qual deve ir muito além, deve avançar sempre, cada vez mais".

A finalidade de toda democracia deveria ser, a seu ver, a formação de um povo forte e plenamente desenvolvido; de uma raça superior, isto é, superior no sentido de capaz para se dirigir e se defender.

Reconheceu que a democracia do seu tempo — ainda hoje, se vivesse, êle veria o mesmo nas democracias que restam no mundo — estava a produzir "em toda a parte, e em grande escala, as plantas mais daninhas e deletérias". (3)

Não foi aquela democracia que êle cantou nos seus poemas. Como todo gênio, viu longe, avançou muito além do seu tempo. Assim, enquanto os seus contemporâneos faziam da democracia um acervo de velhacarias de toda a espécie, uma competição inglô-

(3) "Democratic Vistas" — livro que escreveu em 1871, no qual dá um grito de alarme, chamando a atenção de todos para os perigos que ameaçavam as democracias e a Humanidade, perigos que cedo se transformaram em realidade, realidade trágica da qual as gerações de hoje estão sendo as vítimas.

ria de ambiciosos vulgares, de charlatães a disputarem o poder à custa dos votos de analfabetos; enquanto êles cindiam a Nação em grupos antagônicos e irreconciliáveis, fazendo crer ao povo que os seus interesses próprios eram os superiores interesses da Nação e do povo, enquanto isso, êle concebia uma democracia construtiva e dinâmica, uma democracia propícia ao desenvolvimento de grandes individualidades. A tal democracia, a esta "atletica democracia" de homens integrais e conscientes de si mesmo, êle endereçou os seus cânticos, — cânticos robustos e dignos dela.

"Ter direito a voto como os demais, dizia êle, não é muita cousa. Chegar, porém, a ser um homem livre, manter-se seguro de si sem humilhação, e o igual de todos; ter a estrada franca para encetar a colossal experiência cujo termo — que poderá ser alcançado dentro de algumas gerações — virá a ser a formação de um sêr humano integral: isto sim, isto é alguma cousa".

Não maldiz, como Nietzsche, os valores cristãos, a redenção cristã dos pequenos, dos humilhados e ultrajados, da grande maioria, da quasi totalidade. Antes, torna-se a voz dêsses infelizes a quem o filósofo germano desprezou:

"Sobem das profundezas do mar sêr vozes milenariamente mudas.

Vozes de intermináveis gerações de prisioneiros e de escravos.

Vozes dos enfermos e dos desesperados, dos ladrões e dos decrepitos.

.....

Vozes daqueles que têm os seus direitos conspurcados, dos corrompidos e dos inéptos,

Vozes das encruzilhadas e dos cárceres, dos manicômios e dos quartéis,

Vozes dos imbecís, dos desprezados, dos humildes,

Vozes vagas que se dissolvem como a neblina do inverno, vozes dos malfetores, do opróbrio e do crime!"

Acreditava nas energias latentes no íntimo d'alma humana, no poder da natureza para orientar o homem e traçar-lhe novos caminhos, novos rumos, conduzindo-os a novos mundos e novas realidades. Julgava o homem capaz de elevar-se por si mesmo a grandes alturas, não tendo fé, porém, na sabedoria transmitida pelas escolas e pelos mestres. "A sabedoria não se pode aprender nas escolas" porque "não pode ser transmitida de quem a possui para quem a não possui." A grande escola é a Natureza e a grande mestra é a Vida.

O seu mundo não é o mundo doentio, o mundo do desespero e da miséria que os espíritos doentes, as humaníssimas vítimas da amargura, sonharam e cristalizaram numa poesia pessimista e enferma.

Não. É o mundo da saúde, da alegria, das conquistas e realizações, da grandeza e da fé nas grandes possibilidades do homem dentro da vida. Nêle a altivez triunfa sôbre a angústia.

“... a derrota, quando irremediável, também merece os nossos cantos,
e a morte e o aniquilamento também os merecem”.

Whitman, se não é semelhante ao otimista irrisório que Voltaire encarnou no dr. Pangloss, não o é tão pouco ao pessimista torturado que repete as palavras cheias de desilusão de Leopardi: “... nada vive que mereça tuas emoções, a terra não merece suspiro algum.”

Mostrou-nos que, dentro da vida, há de tudo; é questão de encontrar o bom e o belo, e vivê-los numa afirmação perene de virilidade. O que se torna preciso é achar a ventura que se oculta dentro da vida. O que é necessário é amar a vida, querê-la com todas as nossas fôrças, aceitá-la com alegria, esforçando-nos para transformá-la numa imensa e harmoniosa sinfonia. A História nos revela o destino comovente de homens que transmutaram as desgraças de suas existências em cânticos deliciosos a Deus e a Vida: e, entre êstes, Romain Rolland nos mostrou Beethoven. Apontar-vos-ei, também, o próprio Whitman, criando, na humil-

dade de sua vida, nos sofrimentos de seu viver objetivamente obscuro, a Poesia do Mundo Livre.

Whitman foi a voz soberba do homem forte, do homem audacioso e livre que procura a felicidade aqui mesmo neste mundo, e que a encontra nos braços carinhosos e nos lábios lascivos de u'a mulher, na contemplação de uma flor ou dentro de si mesmo, no seu mundo interior, pois cada homem é o mundo.

O Paphnuce de Anatole tem razão: "Considerando em seu íntimo, o homem é imenso: é grande como o mundo porque contém o mundo." Emerson também tinha razão ao escrever, em seu "The Conduct of Life", esta grande verdade: — "Vá o homem onde for, não poderá encontrar senão o bocado de beleza que leva consigo".

Mas, se na procura da felicidade o homem foi infeliz, porque não a conseguiu encontrar, deve ocultar o seu dissabor. Aqui Whitman, mais uma vez, essemelha-se ao céptico poeta persa. Não devemos perder tempo em lamentações. "Os animais não exibem seus infortúnios à curiosidade do mundo." (4) Façamos como êles. Que adiante ao homem iastimar-se? O mundo é indiferente aos seus lamentos como o céu o é às suas preces. Como Kháyýám, e tocado pela visão spinoziana do universo, Whitman interroga:

"Orar? Para que? A quem? Minha cabeça não foi feita para reverências nem minha boca para deprecações.

Sei que sou imortal.

Que a órbita que descrevo não pode ser medida com o compasso de um carpinteiro.

Que não me desvanecerei como o círculo de fogo que um menino traça na noite com um tição ardente."

Foi um dos poetas que mais tiveram fé no triunfo do esforço humano, do trabalho e da luta pela conquista da ventura e pela construção de um mundo novo e melhor.

Ninguém mais amou a liberdade do que êle, e ninguém cantou melhor a Humanidade.

(4) Whitman esquece que os animais não dispõem de meios, como o homem, para "exibir seus infortúnios à curiosidade do mundo".

No Brasil, um homem é digno de figurar ao seu lado: — Castro Alves.

O ancião norteamericano e o menino sulamericano são dois grandes expoentes de uma civilização que cresce luxuriante, de um mundo que se expande com a ousadia própria das adolescências, de um mundo “talhado para as grandezas, — p’ra crescer, criar, subir,” na visão eloqüente do esteta brasileiro.

O cantor de Si mesmo

Não erraria o crítico que dissesse que o pensamento de Whitman, sua singular filosofia, se encontra condensado no ousado “Canto de mim mesmo”. Ali transparece com maior fulgurância a sua fé no Homem e na Vida, o arrojo de seu ideal e a sua identificação com o corpo e a alma, a vida e a morte, a natureza, a humanidade e Deus.

O esforço do homem através dos séculos tem sido sempre dirigido em busca do que concebe como melhor, como bem. Whitman sabe disto, porém permanece silencioso, alheio às discussões sobre o bem e o mal, sem repelir nenhum homem ou idéia, aceitando todas as filosofias e religiões.

O tempo empregado em reputações de filosofia é, como disse Bergson, tempo perdido. Que tem lucrado a Humanidade dos ataques que os pensadores fazem uns contra os outros? Perdura apenas, no perpassar do tempo, a parcela de verdade que cada filosofia contem. Este é também o ponto de vista de Whitman.

Uma coisa porém, êle afirma e com firmeza: nem uma só polegada do seu sêr, nem um só átomo, é vil. Opõe-se à moral da renúncia, aos valores que negam a vida, que consideram maus os seus mais inocentes prazeres, que tentam sufocar, em nome de falsos princípios, as alegrias que fazem a vida digna de ser vivida.

Ali fala o resolute americano, o americano que quis triunfar sobre o puritanismo para se afirmar um espírito pagão, um espírito livre. Indiferente ao vozerio dos ascetas e dos eunucos, insensível às arremetidas dos berradores de moral, canta a vida em

toda a sua integridade. Pouco lhe importa que os puritanos ladrem contra a exuberância da vida, que se arremesse contra a beleza da carne, que deitem olhares venenosos sôbre a liberdade audaciosa e viril do macho e sôbre a submissão gloriosa da fêmea que, passivamente, se entrega para o culto superno a Deus pelo amor. (5)

Estava convencido de que não é sômente pela inteligência e pelo sentimento, mas, principalmente pelo instinto e pela carne, pelo que Nietzsche chamou a grande razão, que somos capazes de conceber o sublime e de senti-lo em nós e fora de nós.

Zaratustra falou a verdade: o que devem fazer aqueles que desprezam o corpo “não é mudar de preceito, mas simplesmente despirem-se do seu próprio corpo e, assim, ficarem inânimes”.

Whitman foi um poeta que não se revoltou contra as limitações naturais como Marlowe, e sim contra as limitações de uma moralidade estreita e hipócrita que não é outra cousa senão aquilo que Nietzsche dissera a respeito da história de Israel: “a desnaturalização de todos os valores naturais”. Como o filósofo do Uebermensch, rebelou-se contra a contenção dos instintos, contra a ética da não-expansão dos instintos básicos da vida, contra o espírito gregário, a domesticidade e a submissão servil no homem, contra o pessimismo cristão que nada mais representa senão falta de fé no Homem e na Vida, fonte envenenadora da existência. Mas, sua revolta é diferente. Ele não ataca nem repele. Antes, afirma-se vitoriosamente, divinamente superior.

Amou a liberdade no seu sentido mais amplo e mais profundo:

“Creio em ti, alma minha; o outro homem que sou
não deve se humilhar a ti,

Como não deves te humilhar a êle.”

(5) Por cantar a vida em toda a sua integridade, despreocupado de falsos pudores e de moralismos convencionais, Walt logrou uma demissão do cargo que conseguira, após terminada a guerra civil, no Departamento do Interior. Remexendo a carteira do poeta o então secretário do Interior, Harlan, encontrou as provas do “Leaves of Grass”. Lendo-as, ficou escandalizado. Achou indescentes aqueles poemas que, mais tarde, iriam ser considerados a expressão mais pujante da poesia americana, e, por isso, resolveu demitir o homem que os escrevera. Assim fez.

É que Whitman estava certo da verdade que Alfredo Adler confessaria mais tarde ao estudar a ciência da natureza humana: “Só a liberdade gera gigantes. A compulsão mata e destrói.”

Mas, não perde tempo em invectivas. Canta, indiferente ao juízo que sobre êle possa fazer a famigerada opinião pública, tudo que venha a tornar a vida melhor e mais fecunda. Como aconselha a filosofia nietzscheana, o homem deve dizer “sim” a tudo que torne a vida mais digna de ser vivida.

“Sou o poeta do bem, e não recuso ser também o poeta do mal !”

A humanidade tem perdido muito tempo em disputas metafísicas, em discussões inférteis. Whitman reconheceu, como poucos, a inutilidade de tais esforços.

Na imagem bem expressiva de Américo Namias, “nous vivons dans une oasis de savoir, riche et brillant, mais autour duquel s’étend un impénétrable désert”. O homem deve se contentar com esse oasis rico e brilhante, sem procurar penetrar no impenetrável deserto que se estende pelo infinito a dentro

Para Whitman, com já tivemos oportunidade de dizer, a filosofia verdadeira é aquela que se volta para a vida e permanece fiel à terra. Por isso não se interessa pelos problemas alheios ao homem dentro da vida nem tenta olhar para além da morte. Julga, ao contrário, que poderemos, muito bem, esperar calmamente pelo que nos há de revelar a morte, certos de que, como afirmou Omar Kháyyám num dos seus rubaiyat, depois dela virá “o Nada ou a Misericórdia.” Escutou bem a voz que nos vem do místico Oriente, a voz do poeta de Naishapur:

“Além da Terra, além do Infinito, eu procurava, em vão, o Céu e o Inferno: Mas uma voz me disse: o Céu e o Inferno estão em ti...”

A morte, como a vida, também merece os nossos cantos, pois é tão simples e tão natural como o é a vida. Despreocupado, contou a vida e a morte.

A êle não interessa, também, pesquisar as origens das nossas idéias do bem e do mal como o fez o atormentado filósofo de Sils Maria. (6) Sabia, tanto quanto Oscar Wilde, que “a arte está fóra do alcance da moralidade, porquanto os seus filhos contemplam cousas belas, imperecíveis e renovadas sem cessar.”

Serenamente, livre de qualquer imposição moral que não a do bem nascido da sua concepção artística e humana, passa por todos êsses problemas em busca de alguma cousa mais real e mais útil para a vida.

Enquanto Dostoiewsky, o sublime eslavo, se tortura em busca de Deus, em procura de respostas e soluções para as suas incertezas e dúvidas, Whitman, o americano imortal, confessa naturalmente:

“Digo aos homens: não sejais curiosos acerca de Deus.
Eu que tenho tantas curiosidades, não tenho nenhuma a respeito d’Êle.

Nenhuma palavra poderia expressar minha tranqüilidade no que tange a Deus e a morte.”

Bôa ou má esta indiferença?

Nem uma cousa nem outra. Reflete apenas um temperamento, um temperamento plasmado pela tendência do americano para a realidade objetiva e para encarar a vida sorrindo, gracejando com os mais graves problemas, como a preocupação de Dostoiewsky, sua angústia diante de tais questões, reflete a alma mística e sempre insatisfeita e inconformada do eslavo.

É preciso termos sempre em vista a verdade admiravelmente expressa pelo americano William Saroyan nestas palavras: “Se ao homem o mundo parece cruel ou belo, isto apenas reflete o pró-

(6) Nietzsche confessa, no prefácio de sua “Genealogia da Moral” que desde os seus treze anos, na idade em que “Deus e os brinquedos da infância enchem o coração”, não podia afastar da mente a questão: “qual a origem das nossas idéias do bem e do mal?”

○ certo é que se lançou a tal perquirição e os resultados dela foram de grande utilidade para a filosofia.

prio homem e não as cousas que estão ao seu redor. Da mesma sorte, se é mau ou torpe ou insípido — é sempre o próprio homem, pois cada homem é o mundo”. Teríamos acrescentado: o mundo modelado pela raça, pela época, por condições biológicas anteriores a êle e por muitas outras.

Assim, se olharmos com hostilidade a indiferença de Walt diante dos problemas que torturam Dostoiewsky, significa que estamos inclinados, por fôrça do nosso temperamento, a nos torturar como Dostoiewsky.

Whitman, porém, não é ateu. O que não lhe interessa são as discussões metafísicas a respeito de Deus. Sente Deus na natureza, na vida e dentro de si mesmo. Isto lhe basta.

“Olho e vejo a Deus em cada cousa,
Não obstante, confesso minha infinita incompreensão
a seu respeito.”

Crê, entretanto, que o espírito de Deus é irmão do seu e vê a eternidade no rosto do homem e no da mulher. Acredita que a humilde erva que brota da terra não é inferior à soberba e longínqua estrêla, que a formiga é tão perfeita quanto ela, que a sarça trepadora poderia muito bem ornar o céu, que um simples rato é um milagre capaz de converter multidões de incrédulos e que, apontando uma minúscula vagem de feijão, podemos confundir os cientistas de todos os tempos. Como Wordsworth, o grande mestre da Lake School, amou imensamente a Natureza, sentindo nela a manifestação eterna de Deus. Estava com Emerson: “Aquele que mais conhece, que sabe quantas doçuras possuem a terra, as águas e os céus, e que sabe, ainda, como gozar dêsses encantos, é um ser nobre e rico. Sòmente quando os senhores do mundo invocarem a Natureza em seu auxílio, poderão chegar ao ápice da magnificência”

Na velha Inglaterra, seu irmão proclama, em “Hamlet”, uma verdade conhecida de há muito, antes mesmo de Lucrécio, e observada desde então até Giordano Bruno e dêste aos nossos dias: a eternidade no seio da Natureza, a única que a ciência pôde confirmar até hoje, a reintegração no Todo em torno da qual Eça de

Queiroz escreveu um ótimo ensaio — “Os Mortos” — inserto em “Prosas Bárbaras”. Diz o velho Shakespeare:

“Imperios Caesar, dead and torn'd to clay,
Might stop a hole to heep the wind away:
O, that that earth, which kept te world in awe.
Should patch a wall to expel, the winter's flaw !”

Whitman sente também a beleza desta verdade ,a verdade desta beleza, e compõe êste magnífico canto:

“Vou-me como o ar, sacado minha alva neve ao sol
morrente.
Desfaço minha carne em turbilhões de espuma,
E dou-me ao pé para renascer nas ervas que amo.
Se queres rever-me, procura-me então sob os teus pés,
Difícilmente me conhecerás em minha nova forma,
Entretanto para ti serei fôrça e saúde,
pois transfeito em sangue, circularéi nas tuas veias.
Mas, se não conseguires achar-me, não esmoreças,
o que não está numa parte noutra está,
Esperando-te, estarei nalgum lugar.”

Do mesmo modo por que aceitou todas as raças, todas as nações e todas as filosofias, aceitou também todos os cultos, todos os credos e todas as religiões:

“Sacerdotes de todos os tempos, de tôda a terra, eu não vos desprezo.

Minha fé é a mais vasta e ténue de todas — é como a cauda de um cometa — abarca todos os sistemas e tôda a imensidade zodiacal.

Abrange os cultos antigos e os modernos, e os que existiram entre os antigos e os modernos.”

*

* *

Assim foi Walt Whitman, o poeta da América e do Mundo, o Cantor da Liberdade.

É bem verdade que a sua obra contem contradições, incoerências, e que êle, por vezes, chega ao absurdo e à infantilidade tão próprios aos humanos, e mais ainda na juventude dos povos.

Não devemos esquecer, porém, que Whitman não foi um cientista; que um poeta vê o mundo através de sua sensibilidade de artista, através de sua imaginação e de seus anseios. Devemos também ter em mente o célebre aforismo de San Benelli: "In arte non esistono errori." Sim, porque "das cousas humanas, a única que tem o seu fim em si mesma é a arte", disse o nosso Machado de Assis.

Poesia é sentimento, emoção. E "o sentimento, como afirma Mark Graubard, é somente um ponteiro em uma direção escolhida. Uma vez escolhida a direção, só os métodos científicos poderão alcançar o objetivo." A Poesia de Whitman é um ponteiro dirigido para a universalidade, para a Unidade Humana.

Certos disso, apreciemos a sua obra com simpatia, perdoando os exageros e colhendo a pura beleza e o puro vigor do seu pensamento privilegiado.

Certa vez êle dissera: "A prova de um poeta ficará adiada até que seu país o absorva afetuosamente como êle mesmo o absorveu". Não só o seu país começa a absorvê-lo e a amá-lo, mas todo o continente americano e quiçá todo o mundo civilizado, porque Walt não é poeta de uma nação, de um povo ou de um continente, — é um poeta da Humanidade. Hoje, nesses trágicos dias que as atuais gerações vivem, sua poesia tem a predestinação de u'a Mensagem, Mensagem ao Mundo, de Amor e de Fraternidade.

As palavras que Emerson lhe dirigiu em agradecimento à oferta e à respeito do seu "Leaves of Grass, quando os críticos o ignoravam ou o atacavam, — "Considero-o a mais extraordinária contribuição de sabedoria ainda apresentada pela América" — permanecerão como uma das melhores e mais justas consagrações à sua obra. (7)

(7) Emerson, o grande individualista que foi dos primeiros a se rebelar contra a **desespirtualização** do homem pelo materialismo decorrente da industrialização.

“O que fez Homero para a Grécia, Vergílio para Roma, Dante para a Itália, Shakespeare para a Inglaterra, iria fazer Whitman para a América, porque ousou enfiá-la e descobrir no novo mundo material para seus cantos”. Assim fala Will Durant.

Nietzsche e Whitman foram os maiores líricos do século passado, diz A. Vasseur.

Nietzsche, porém, é o filósofo das elites, da aristocracia, enquanto que Whitman é o poeta das massas, da democracia.(8)

Nietzsche glorificou o gênio e criou o super-homem; Whitman glorificou o homem do povo e sonhou uma super-humanidade. Nietzsche via o homem como um meio para o super-homem; Whitman o via como um meio para uma super-humanidade, pois desejava que se tornassem emancipados, conscientes e felizes todos os homens.

Inegavelmente Nietzsche e Whitman estão entre os maiores representantes da inteligência criadora no século XIX.

Nietzsche com o lirismo revolucionário de seu Zarathustra, o fulminante iconoclassismo de suas pesquisas sobre a genealogia da moral, as cintilações de seus aforismos, o exagero de sua inversão de valores e de seus paradoxos alucinantes.

O Americano imortal, o Poeta universal da América, com a sua poesia repleta de um doce e humano lirismo, de um lirismo realista e fecundo, na qual se sente as ressonâncias do preceito cristão: aceitai todas as raças, abraçai todos os povos, sede tolerantes e bondosos, enchei-vos de humanidade; e também as do afo-

Rousseau americano, foi também dos primeiros a conhecer o valor de Walt. Seguiram-lhe Thoreau o Aicott, enquanto homens como Lowell, Wendell Phillips e John Greenleaf permaneciam hostis. Tempos depois, vultos do velho mundo proclamavam também o seu valor: Wilde, quando de sua viagem aos Estados Unidos, saúda “o bom poeta grisalho”; Swinburne exalta-o e a América começa, então, a compreendê-lo.

(8) Walt não afirma que o povo, ou mesmo que há de melhor nas massas, seja sensato e bom, nem fundamenta seu ideal democrático nos direitos políticos do povo. Julga, entretanto, que, boa ou má, a Democracia “é a única salvaguarda e defesa para os tempos futuros”. Pensou sempre, e acima de todas as cousas, no bem dos homens, das massas e da humanidade. Por isso, — “poeta de todos os heróis rebeldes espalhados pelo mundo”, como chamou a si mesmo, — tem direito a um lugar no coração de todos os homens.

risimo nietzscheano: Nicht nur fort sollt Ihr euch pflanzen, sondern, hinauf.

Ambos se encontram, se identificam, na antevisão de uma Grande Humanidade, na exaltação e valorização da personalidade humana, no culto à beleza e no culto aos heróis. . .

Walt Whitman foi o poeta da Grande Idéia, o Cantor do supremo ideal da Liberdade Humana, dos homens integrais e livres, porque, como disse num dos seus imortais poemas,

**LUTAR PELA GRANDE IDÉIA
OH IRMÃOS! É A MISSÃO DOS POETAS.**

UM TRABALHO NOTAVEL

CARVALHO NETO

Reune-se, no Rio de Janeiro, a Comissão do Projeto de Código Penitenciário. Compõem-na, como garantia de êxito, nomes de assinalado valor: Lemos Brito, Heitor Carrilho, Roberto Lira, José Maria Alkimin, Acácio Nogueira, Pereira Lira.

Cada um deles integra uma personalidade de destaque nos domínios da criminologia e ciências afins.

Não são improvisos que a emergência acomodasse em postos de relêvo. São afirmação de estudo, de cultura, de autonomia mental nas disciplinas a que, de muitos anos a esta parte, se consagram, com acentuado proveito.

Há, por isto, acalentadas esperanças de que o velho problema penitenciário, no Brasil, entre agora numa fase ativa de solução.

O sonho de **Candido Mendes**, tantas vezes desfeito quantas renovado, parece que vai ter a almejada realização.

São as nossas esperanças. E não sem tempo, atento que o novo Código Penal, prestes a vigorar, encontraria obstáculos invencíveis na sua aplicação se, exatamente na parte penitenciária, não contasse com os meios conducentes aos propósitos de readaptação dos criminosos.

Uma outra Justiça há-de formar-se, capaz de integrar-se na finalidade dos modernos estatutos penais.

Cabendo ao juiz uma grande latitude de apreciação nos casos que lhe forem afetos, devendo, quanto possa, individualizar a pena, de tal sorte que se não aplique um corretivo inútil à constituição bio-psicológica do criminoso, forçoso é que surja uma magistratura especial do crime. Entram em linha de conta, atualmente, os conceitos de perigosidade social — *temibilitá*, de Garofalo; *pericolositá criminale*, de Grispigni; *estado perigoso*, de Jiménez de Asúa — condicionados aos postulados da escola de Ferri.

Dai a vastidão de conhecimentos de que se há-de forrar a cultura do magistrado criminal, obrigado a indagar, constantemente, dos dados bio-tipológicos, endocrínicos, temperamentais, do delinquente.

Aplicar pena vem a ser, nos moldes da moderna criminologia — e nesta parte aceita na estrutura penal brasileira — conhecer o carater do delinquente: índole, tendencias, constituição bio-psicológica.

Só assim teria proveito o Código Penitenciário, que se elabora, sob tão bons auspícios na Capital Federal.

Lembra-nos, a propósito, um trabalho notavel, como não há melhor em lêtras nacionais.

Rica sedimentação de cultura selecionada, através de uma longa experiência da vida dos criminosos, no ambiente carcerario e nas reações do ambiente social, êsse trabalho é a *Psico-Sociologia Carcerária do Norte do Brasil* — de Carlos Ribeiro que, com uma dedicatória generosamente inaltercedôra, veio enriquecer a nossa modesta biblioteca.

O nome de Carlos Ribeiro é, de si só, um padrão de respeito e admiração para quantos se dedicam a assuntos criminais.

Acreditado no país e no estrangeiro, o que escreve tem, de logo, a consagração entusiasta de todos os centros de alta cultura científica.

No trabalho em aprêço, especialmente, a crítica já lhe autorizou os justos fóros de notavel.

De feito, nada melhor ainda se produziu no Brasil. Dizemos assim porque, se existem outras obras de realce que versam o problema penitenciário, entre nós, nenhuma traz, como esta, um cu

nho de rigorosa observação de “passagens típicas do Norte brasileiro, interligadas com a ambiência angustiosa das Prisões”.

Escrita em linguagem apurada e castiça — de quem conhece os segredos da lingua — um estilo de sóbria elegância e natural clareza, a — **Psico-Sociologia Carcerária do Norte do Brasil** — está fadada a orientar a solução do problema penitenciário brasileiro.

Os dados aí reunidos não se juntam com facilidade, à vontade de quem quer que seja. Representam trabalho de paciência, de meticulosa escôlha, de estudos aprimorados.

Por isso mesmo o futuro **Código Penitenciário**, por atender aos imperativos finalísticos do novo **Código Penal**, na sua concepção ético-educativa-regeneratriz do delinquente, se quiser ter bases sólidas, calcadas na realidade dos fatos observados, não poderá prescindir dos ensinamentos desse notavel trabalho.

Pena é que da comissão reunida no Rio de Janeiro não faça parte o **Dr. Carlos Ribeiro**.

Se lá estivera, ninguém põe dúvida de que a sua contribuição pessoal seria o mais seguro aval de êxito no momentoso desideratô.

RESUMO DAS ATAS DE 1944 E 1945

Sessão extraordinária de 23 de Maio de 1944.
Presidência do acadêmico Carvalho Neto.

Foi aprovada a ata da sessão anterior e lido o expediente que constou de ofícios, circulares e publicações, estas destinadas à biblioteca. O tesoureiro, Epifânio Dória, relatou o movimento da Tesouraria. Foi aprovado, sob proposta do acadêmico Carvalho Neto, um voto de pesar pelo falecimento do jurista e escritor Rodrigo Otávio, titular da Academia Brasileira de Letras.

Resolveu a Academia associar-se às comemorações do centenário do Professor Brício Cardoso, designando para fazer o discurso oficial do sodalício, o acadêmico desembargador Hunald Cardoso. Tratou-se também da designação de dia para a posse do acadêmico Luiz Pereira de Melo, eleito para a vaga aberta com o falecimento do acadêmico Ranulfo Prata

Ficou instituído o jeton de Cr.\$ 20,00, de cada vez, ao acadêmico que der o seu comparecimento às sessões ordinárias. Foi em seguida encerrada a sessão, lavrando a ata o 2.º secretário acadêmico Zózimo Lima.

Sessão de 6 de Abril de 1945.
Presidência do acadêmico Carvalho Neto.

Compareceram os acadêmicos Carvalho Neto, Zózimo Lima, Magalhães Carneiro, Garcia Moreno, Epifânio Dória e Enoch San-

tiago. Foi aprovada a ata da sessão anterior e lido o expediente.

Foi designado o dia 4 de Maio para a posse do acadêmico Luiz Pereira de Melo, devendo recebê-lo o acadêmico Marcos Ferreira. O presidente declarou vagas as cadeiras ns. 10 e 14, com o falecimento dos seus ocupantes acadêmicos Artur Fortes e Santos Melo, das quais são patronos Lapa Pinto e Horácio Hora.

Foi aprovado, sob proposta do acadêmico Garcia Moreno, um voto de pesar pelo falecimento do almirante Amintas Jorge, um dos fundadores da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo. Por proposta do acadêmico Magalhães Carneiro foi indicado o acadêmico Garcia Moreno para realizar, na sede da Academia, um curso público de psicologia geral, com programa a ser publicado, oportunamente, na imprensa. Foi em seguida encerrada a sessão, Lavrando a ata o 2.º secretário Zózimo Lima.

**Sessão de eleição de 25 de Maio de 1945.
Presidência do acadêmico Carvalho Neto.**

Compareceram os acadêmicos Carvalho Neto, Magalhães Carneiro, Mário Cabral, José Augusto, Zózimo Lima, Freire Ribeiro, Epifânio Dória, Carlos Costa, Garcia Moreno e Hunald Cardoso.

Foi aprovada a ata da sessão anterior, não havendo expediente a ser lido. Aberta a ordem do dia declarou o presidente ser ela a eleição da diretoria para o biênio de 1945-1947, e convidou os acadêmicos presentes a recolherem à urna, sôbre a mesa, os seus votos. Terminada a votação verificou-se que obtiveram maioria sendo proclamados eleitos: presidente, Antonio Manuel de Carvalho Neto; vice-presidente, José de Magalhães Carneiro; secretário geral, Mário de Araújo Cabral; 1.º e 2.º secretários, respectivamente, José Augusto da Rocha Lima e Zózimo Lima; tesoureiro, Epifânio da Fonseca Dória; bibliotecário João Freire Ribeiro.

Foi em seguida lavrada ata pelo acadêmico Zózimo Lima, a qual foi lida e unanimemente aprovada e assinada, com o encerramento da sessão.

**Sessão de posse da Diretoria, do biênio de 1945-1947, realizada a 1.º de Junho de 1945.
Presidência do acadêmico Carvalho Neto.**

Compareceram os acadêmicos Carvalho Neto, Magalhães Carneiro, Domingos Fonseca, Mário Cabral, Carlos Costa, Garcia Moreno, Freire Ribeiro, José Augusto, Epifânio Dória e Zózimo Lima.

Não houve leitura de ata nem expediente. Declarando o presidente que a ordem do dia da sessão era a posse da nova Diretoria, deu posse ao vice-presidente eleito acadêmico Magalhães Carneiro que, por sua vez, deu posse ao presidente eleito, acadêmico Carvalho Neto, e êste aos demais membros eleitos da Diretoria, fazendo a seguir um apêlo aos seus colegas da mesma Diretoria no sentido de serem intensificados os trabalhos acadêmicos no sodalício. Encerrada a sessão o 2.º secretário Zózimo Lima lavrou a competente ata.

Sessão especial de 17 de Julho de 1945 para receber a visita do Prof. Dr. Heitor Pragner Fróis.

Presidência do acadêmico Carvalho Neto.

Com a presença de vários acadêmicos, do Interventor Federal, do representante do Prefeito do Município, dos comandantes da Guarnição Federal e da Fôrça Policial do Estado, diretores, professores e alunos do Colégio Estadual de Sergipe, da Escola Normal Rui Barbosa, do Ginásio Tobias Barreto e Colégio Jackson de Figueirêdo, funcionários públicos, jornalistas, pessoas gradas e famílias foi aberta a sessão solene pelo presidente Carvalho Neto, que saudou, o visitante presente Dr. Heitor Pragner Fróis, catedrático da faculdade de Medicina da Baía e membro da Academia Baiãna de Letras. Passou em seguida a cadeira de presidente ao Interventor Federal substituto, Dr. Leite Neto, que deu a palavra ao acadêmico Garcia Moreno. O orador desempenhou com brilho e aplausos da assistência a incumbência que lhe foi dada. Falou em segui-

da o Dr. Pragner Fróis, que realizou empolgante conferência sobre os humoristas anglo-americanos e brasileiros.

O presidente, acadêmico Carvalho Neto, agradeceu aos presentes a distinção do seu comparecimento e encerrou a sessão, de que o 2.º secretário Zózimo Lima, lavrou a competente ata.

Sessão de 25 de Agosto de 1945.

Presidência do acadêmico Carvalho Neto.

Compareceram os acadêmicos Carvalho Neto, Magalhães Carneiro, Zózimo Lima, Epifânio Dória e Freire Ribeiro. Foram lidas e aprovadas as atas de 1.º de Julho e 17 de Julho. O expediente consistiu de um telegrama do secretário geral da Academia Baiãna de Letras, agradecendo, em nome da mesma Academia, a distinção com que fôra aqui recebido o confrade Dr Heitor Pragner Fróis, e de correspondência recebida de outras correspondências.

Foi unanimemente aprovado, por iniciativa do presidente, um voto de alegria pelo término da guerra mundial, com a vitória da Democracia, fazendo-se menção especial aos nomes de Winster Churchill e ao saudoso estadista Franklin Delano Roosevelt. Mediante proposta do acadêmico Magalhães Carneiro foi aceito sócio correspondente na Baía o Dr. Heitor Pragner Fróis.

O presidente marcou o dia 14 de Setembro próximo para a posse solene do acadêmico Luiz Pereira de Melo, sendo, mais uma vez, declaradas vagas as cadeiras ns. 10 e 14, das quais são patronos Lapa Pinto e Horário Hora, respectivamente, vagas com o falecimento dos acadêmicos Artur Fortes e Santos Melo.

Foi autorizada a publicação de editais, chamando concorrentes a sessão de que o 2.º secretário Zózimo Lima lavrou a competente ata.

Sessão solene de 24 de Outubro de 1945, de recebimento do acadêmico Luiz Pereira de Melo.

Presidência do acadêmico Carvalho Neto.

Presentes vários acadêmicos, o Sr. Interventor Federal substituto, autoridades civís e militares, jornalistas, intelectuais, professores, colegiais, magistrados, senhoras e senhorinhas, foi aberta a sessão pelo presidente que convidou a ocupar a presidência o Sr. Interventor Federal substituto, Dr. Leite Neto.

Por uma comissão especial composta dos acadêmicos Magalhães Carneiro, Zózimo Lima e Garcia Moreno foi acompanhado à tribuna o novo acadêmico Dr. Luiz Pereira de Melo que proferiu, com aplausos da numerosa assistência, o seu discurso de posse, girando em tórno da grande figura intelectual do seu antecessor Ranulfo Prata.

Fez o discurso de recepção o acadêmico Marcos Ferreira que dissertou também sobre a figura de projeção cultural que foi Ranulfo Prata, recebendo aplausos gerais da seleta assistência. O acadêmico Carvalho Neto declarou que foram indicados para as cadeiras vagas com falecimento de Artur Fortes e Santos Melo os intelectuais patricios José Calasans Brandão da Silva e Acrísio Cruz.

É então encerrada a sessão, com agradecimentos da presidência a quantos se designaram de emprestar-lhe o brilho do seu comparecimento.

O 2.º secretário Zózimo Lima, lavrou, em seguida, a competente ata.

Sessão ordinária de 26 de Outubro de 1945.

Presidência do acadêmico Carvalho Neto.

Compareceram os acadêmicos Carvalho Neto, Magalhães Carneiro, Zózimo Lima, Epifânio Dória e Freire Ribeiro. Foi aprovada a ata da sessão anterior e lido o expediente que constou de offi-

cios, cartas, cartões e publicações periódicas de varias procedências. Aberta a ordem do dia declarou o presidente ser ella a eleição para preenchimento das duas vagas abertas com o falecimento dos académicos Artur Fortes e Santos Melo que occupavam, respectivamente, as cadeiras ns. 10 e 14, de que são patronos Lapa Pinto e Harácio Hora.

Leu em seguida duas propostas que se achavam sobre a mesa, uma indicando o nome do intellectual coonterrâneo Dr. José Calasans Brandão da Silva para a cadeira n. 10 vaga com o falecimento do académico Artur Fortes e outra indicando o nome do intellectual Acrísio Cruz para a cadeira n. 14, vaga com o falecimento do académico Santos Melo.

Como estivessem em ordem as referidas propostas procedeu-se na forma do Regulamento Interno, sendo eleitos unanimemente os mencionados candidatos para o preenchimento das referidas vagas.

Declarou o presidente que oportunamente seria marcada a data para a posse dos novos académicos e designou Garcia Moreno para receber o académico Acrísio Cruz e José Augusto para receber o académico José Calasans.

Encerrada a sessão lavrou a competente ata o 2.º secretario Zózimo Lima.